




Coleção
Documentos
62

IMPERIALISMO ALEMÃO NO SUL DO BRASIL:

O CASO *PANTHER* NA IMPRENSA

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSOFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**EDIÇÕES BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**


**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
RETO MONICO**

**IMPERIALISMO ALEMÃO NO SUL
DO BRASIL: O CASO *PANTHER* NA
IMPRENSA**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves
Reto Monico

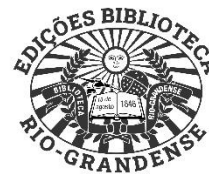
IMPERIALISMO ALEMÃO NO SUL DO BRASIL: O CASO *PANTHER* NA IMPRENSA



- 62 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2022

Ficha Técnica

Título: Imperialismo alemão no sul do Brasil: o Caso *Panther* na imprensa

Autores: Francisco das Neves Alves e Reto Monico

Coleção Documentos, 62

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: ARTISTA, 15 dez. 1905 e CHICAGO TRIBUNE, 11 dez. 1905.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2022

ISBN – 978-65-89557-49-4

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.

Reto Monico nasceu em 1953 na Suíça italiana. Em 1977, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se em 2003 com a tese *Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930)*, publicada em 2005. Nos seus trabalhos, analisa sobretudo a imagem dada pela imprensa internacional e pela diplomacia suíça sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil. Nesta coleção, publicou em 2020 uma trilogia sobre o Golpe de Deodoro da Fonseca de novembro de 1891 visto pela imprensa internacional. (Cf. n^{os} 27, 28 e 36) e quatro livros sobre a Segunda Revolta da Armada na imprensa internacional (cf. n^{os} 42, 43 e 44).



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

APRESENTAÇÃO

O Caso *Panther* ocorreu em um momento de transformações na política externa brasileira. Desde a proclamação da República, os novos detentores do poder buscaram reverter o eixo das relações exteriores brasileiras, voltando-o em direção à América. A partir de uma oposição aos tempos monárquicos, os governantes republicanos queriam mudar a posição do Brasil, considerando que, até então, ele estivera de costas para o continente americano. As ideias pan-americanas ganhariam relevo desde de então, mas, muitas vezes, as atitudes não eram das mais práticas, pois não ultrapassavam os discursos estéreis e as festividades vazias em conteúdo. A aproximação continental, em verdade, se dava em relação aos Estados Unidos, cada vez mais um crescente consumidor do café brasileiro, dando-se os primeiros passos daquilo que se concretizaria nas décadas seguintes com a alocação do Brasil na esfera de influências estadunidense. Nesse contexto, por vezes, surgiria um certo antagonismo para com o continente europeu, buscando-se a superação daquilo que chegou a ser considerado como um anacronismo advindo das heranças monárquicas.

O transcorrer do Caso *Panther* se daria mais especificamente durante o período em que Rio Branco esteve à frente da pasta das relações exteriores brasileiras, mantendo como intentos fundamentais a solução das questões das fronteiras nacionais, uma melhor colocação do Brasil no contexto internacional e estabelecer um certo pragmatismo nas inter-relações com os Estados Unidos. Nesse sentido, houve alguns enfrentamentos com países europeus, mormente no que tange às disputas por regiões lindeiras. Além disso, essa época

representava um dos ápices do imperialismo europeu em direção à África, Ásia e Oceania, causando certa desconfiança de parte dos países americanos. A presença de uma nau alemã – uma das nações mais ativas naquelas práticas imperialistas – no litoral sul-brasileiro acabaria por acirrar tais suspeitas.

Esse episódio da vida diplomática brasileira se desencadearia a partir de novembro de 1905, quando a canhoneira germânica *Panther* chegou ao porto da cidade catarinense de Itajaí. Alguns dias depois, militares da embarcação, sem autorização oficial, adentraram a comuna em busca de um propalado desertor, vindo a prender um cidadão de nacionalidade alemã. Tal atitude viria a gerar protestos de autoridades governamentais locais e estaduais, acarretando em reflexos no parlamento nacional e na imprensa de várias cidades brasileiras, exigindo dos gestores das relações exteriores brasileiras a busca de soluções e/ou, ao menos, contemporizações. O comportamento do comandante do navio alemão era contrário às normas internacionais, vindo a gerar um incidente diplomático entre o Brasil e o Império Alemão¹.

A *Panther* representava um dos principais motores do imperialismo germânico, tendo já realizado incursões em várias partes do mundo, contribuindo na promoção de práticas intervencionistas. Foi o caso ocorrido em 1902, quando invadiu águas territoriais do Haiti e São Domingos ameaçando as duas repúblicas de dominação sob o fogo de sua artilharia. Mais tarde, em dezembro de 1902 e em janeiro do ano seguinte, também advertiria outro país

¹ CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 183.

americano, a Venezuela. E, sobretudo, não podemos deixar de mencionar que a entrada deste navio alemão no porto de Agadir, em Marrocos, em julho de 1911, provocará uma forte crise entre Paris e Berlim, que levará a Europa à beira duma guerra mundial.

A 17 de novembro de 1905, a belonave alemã entrava no porto de Itajaí e a população local renderia homenagens à tripulação durante nove dias. Posteriormente, a 27 de novembro, integrantes da embarcação atentariam contra a soberania brasileira, invadindo domicílios, inclusive usando de violência, à procura de um suposto desertor do navio, de nome Hassmann. Entretanto, levaram preso, sem explicações, o alemão Steinhoff, em trânsito pelo Brasil².

Já no dia 5 de dezembro de 1905, a *Panther* deixava Itajaí em direção ao sul. A reação da imprensa e de autoridades governamentais catarinenses ganhou eco e o fato, considerado como um atentado à soberania brasileira, foi tema de debate no Congresso Nacional. Além disso, protestos ocorreriam em várias localidades brasileiras, como no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e na cidade do Rio Grande. O assunto se agravaria e acabaria por ser tratado também pelo chanceler Rio Branco e chegaria mesmo aos Estados Unidos, através do representante brasileiro Joaquim Nabuco. A 10 de dezembro, o cruzador *Barroso* aguardaria o *Floriano*, no porto do Rio Grande para abordarem a *Panther* e receberem o prisioneiro e as explicações necessárias. Ocorreriam apurações dos fatos e inquéritos e a situação tomou tal vulto que o Ministério das Relações

² JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 27-28.

Exteriores teria, inclusive, a 12 de dezembro, de desmentir notícias sobre um pedido de interferência americana de parte do Brasil, fato que aguçaria ainda mais os debates. A 17 de dezembro, o Imperador alemão receberia relatório do comandante da canhoneira, Conde Saurna, concluindo que os oficiais e a tripulação se excederam no cumprimento das ordens. A imprensa publica um comunicado com as desculpas e, já em janeiro do ano seguinte, a embaixada alemã divulgava que os possíveis culpados seriam submetidos a inquérito da justiça militar germânica³.

Na imprensa brasileira houve fortes repercussões quanto ao procedimento da marinha germânica no sul do Brasil. As ações de força e imperialistas da Alemanha por meio da *Panther*, de seu comando e de seus comandados provocaram reações negativas, sendo observado o ato em Itajaí como uma indevida intervenção, ferindo o direito internacional e atentando contra a soberania nacional.

Neste livro serão abordadas algumas dessas impressões estabelecidas através da imprensa. Francisco das Neves Alves trata das reações junto ao jornalismo da cidade do Rio Grande, localidade relevante no caso, pois foi ela o destino da canhoneira germânica, após deixar Santa Catarina, de modo que as notícias do desentendimento diplomático deram-se com a presença dos alemães na cidade portuária. Reto Monico apresenta as reações na imprensa internacional, mais numerosas nos Estados Unidos do que na Europa. O Caso *Panther* ocorreu em um momento de transformações na política externa brasileira. Desde a

³ JOFFILY, 1988, p. 28-30

proclamação da República, os novos detentores do poder buscaram reverter o eixo das relações exteriores brasileiras, voltando-o em direção à América. A partir de uma oposição aos tempos monárquicos, os governantes republicanos queriam mudar a posição do Brasil, considerando que, até então, ele estivera de costas para o continente americano. As ideias pan-americanas ganhariam relevo desde de então, mas, muitas vezes, as atitudes não eram das mais práticas, pois não ultrapassavam os discursos estéreis e as festividades vazias em conteúdo. A aproximação continental, em verdade, se dava em relação aos Estados Unidos, cada vez mais um crescente consumidor do café brasileiro, dando-se os primeiros passos daquilo que se concretizaria nas décadas seguintes com a alocação do Brasil na esfera de influências estadunidense. Nesse contexto, por vezes, surgiria um certo antagonismo para com o continente europeu, buscando-se a superação daquilo que chegou a ser considerado como um anacronismo advindo das heranças monárquicas.

O transcorrer do Caso *Panther* se daria mais especificamente durante o período em que Rio Branco esteve à frente da pasta das relações exteriores brasileiras, mantendo como intentos fundamentais a solução das questões das fronteiras nacionais, uma melhor colocação do Brasil no contexto internacional e estabelecer um certo pragmatismo nas inter-relações com os Estados Unidos. Nesse sentido, houve alguns enfrentamentos com países europeus, mormente no que tange às disputas por regiões lindeiras. Além disso, essa época representava um dos ápices do imperialismo europeu em direção à África, Ásia e Oceania, causando certa desconfiança de parte dos países americanos. A

presença de uma nau alemã – uma das nações mais ativas naquelas práticas imperialistas – no litoral sul-brasileiro acabaria por acirrar tais suspeitas.

Esse episódio da vida diplomática brasileira se desencadearia a partir de novembro de 1905, quando a canhoneira germânica *Panther* chegou ao porto da cidade catarinense de Itajaí. Alguns dias depois, militares da embarcação, sem autorização oficial, adentraram a comuna em busca de um propalado desertor, vindo a prender um cidadão de nacionalidade alemã. Tal atitude viria a gerar protestos de autoridades governamentais locais e estaduais, acarretando em reflexos no parlamento nacional e na imprensa de várias cidades brasileiras, exigindo dos gestores das relações exteriores brasileiras a busca de soluções e/ou, ao menos, temporizações. O comportamento do comandante do navio alemão era contrário às normas internacionais, vindo a gerar um incidente diplomático entre o Brasil e o Império Alemão⁴.

A *Panther* representava um dos principais motores do imperialismo germânico, tendo já realizado incursões em várias partes do mundo, contribuindo na promoção de práticas intervencionistas. Foi o caso ocorrido em 1902, quando invadiu águas territoriais do Haiti e São Domingos ameaçando as duas repúblicas de dominação sob o fogo de sua artilharia. Mais tarde, em dezembro de 1902 e em janeiro do ano seguinte, também advertiria outro país americano, a Venezuela. E, sobretudo, não podemos deixar de mencionar que a entrada deste navio alemão no porto de Agadir, em Marrocos, em julho de 1911,

⁴ CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 183.

provocará uma forte crise entre Paris e Berlim, que levará a Europa à beira duma guerra mundial.

A 17 de novembro de 1905, a belonave alemã entrava no porto de Itajaí e a população local renderia homenagens à tripulação durante nove dias. Posteriormente, a 27 de novembro, integrantes da embarcação atentariam contra a soberania brasileira, invadindo domicílios, inclusive usando de violência, à procura de um suposto desertor do navio, de nome Hassmann. Entretanto, levaram preso, sem explicações, o alemão Steinhoff, em trânsito pelo Brasil⁵.

Já no dia 5 de dezembro de 1905, a *Panther* deixava Itajaí em direção ao sul. A reação da imprensa e de autoridades governamentais catarinenses ganhou eco e o fato, considerado como um atentado à soberania brasileira, foi tema de debate no Congresso Nacional. Além disso, protestos ocorreriam em várias localidades brasileiras, como no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e na cidade do Rio Grande. O assunto se agravaria e acabaria por ser tratado também pelo chanceler Rio Branco e chegaria mesmo aos Estados Unidos, através do representante brasileiro Joaquim Nabuco. A 10 de dezembro, o cruzador *Barroso* aguardaria o *Floriano*, no porto do Rio Grande para abordarem a *Panther* e receberem o prisioneiro e as explicações necessárias. Ocorreriam apurações dos fatos e inquéritos e a situação tomou tal vulto que o Ministério das Relações Exteriores teria, inclusive, a 12 de dezembro, de desmentir notícias sobre um pedido de interferência americana de parte do Brasil, fato que aguçaria ainda

⁵ JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 27-28.

mais os debates. A 17 de dezembro, o Imperador alemão receberia relatório do comandante da canhoneira, Conde Saurna, concluindo que os oficiais e a tripulação se excederam no cumprimento das ordens. A imprensa publica um comunicado com as desculpas e, já em janeiro do ano seguinte, a embaixada alemã divulgava que os possíveis culpados seriam submetidos a inquérito da justiça militar germânica⁶.

Na imprensa brasileira houve fortes repercussões quanto ao procedimento da marinha germânica no sul do Brasil. As ações de força e imperialistas da Alemanha por meio da *Panther*, de seu comando e de seus comandados provocaram reações negativas, sendo observado o ato em Itajaí como uma indevida intervenção, ferindo o direito internacional e atentando contra a soberania nacional.

Neste livro serão abordadas algumas dessas impressões estabelecidas através da imprensa. Francisco das Neves Alves trata das reações junto ao jornalismo da cidade do Rio Grande, localidade relevante no caso, pois foi ela o destino da canhoneira germânica, após deixar Santa Catarina, de modo que as notícias do desentendimento diplomático deram-se com a presença dos alemães na cidade portuária. Reto Monico apresenta as reações na imprensa internacional, mais numerosas nos Estados Unidos do que na Europa. O Caso *Panther* ocorreu em um momento de transformações na política externa brasileira. Desde a proclamação da República, os novos detentores do poder buscaram reverter o eixo das relações exteriores brasileiras, voltando-o em direção à América. A

⁶ JOFFILY, 1988, p. 28-30

partir de uma oposição aos tempos monárquicos, os governantes republicanos queriam mudar a posição do Brasil, considerando que, até então, ele estivera de costas para o continente americano. As ideias pan-americanas ganhariam relevo desde de então, mas, muitas vezes, as atitudes não eram das mais práticas, pois não ultrapassavam os discursos estéreis e as festividades vazias em conteúdo. A aproximação continental, em verdade, se dava em relação aos Estados Unidos, cada vez mais um crescente consumidor do café brasileiro, dando-se os primeiros passos daquilo que se concretizaria nas décadas seguintes com a alocação do Brasil na esfera de influências estadunidense. Nesse contexto, por vezes, surgiria um certo antagonismo para com o continente europeu, buscando-se a superação daquilo que chegou a ser considerado como um anacronismo advindo das heranças monárquicas.

O transcorrer do Caso *Panther* se daria mais especificamente durante o período em que Rio Branco esteve à frente da pasta das relações exteriores brasileiras, mantendo como intentos fundamentais a solução das questões das fronteiras nacionais, uma melhor colocação do Brasil no contexto internacional e estabelecer um certo pragmatismo nas inter-relações com os Estados Unidos. Nesse sentido, houve alguns enfrentamentos com países europeus, mormente no que tange às disputas por regiões lindeiras. Além disso, essa época representava um dos ápices do imperialismo europeu em direção à África, Ásia e Oceania, causando certa desconfiança de parte dos países americanos. A presença de uma nau alemã – uma das nações mais ativas naquelas práticas imperialistas – no litoral sul-brasileiro acabaria por acirrar tais suspeitas.

Esse episódio da vida diplomática brasileira se desencadearia a partir de novembro de 1905, quando a canhoneira germânica *Panther* chegou ao porto da cidade catarinense de Itajaí. Alguns dias depois, militares da embarcação, sem autorização oficial, adentraram a comuna em busca de um propalado desertor, vindo a prender um cidadão de nacionalidade alemã. Tal atitude viria a gerar protestos de autoridades governamentais locais e estaduais, acarretando em reflexos no parlamento nacional e na imprensa de várias cidades brasileiras, exigindo dos gestores das relações exteriores brasileiras a busca de soluções e/ou, ao menos, temporizações. O comportamento do comandante do navio alemão era contrário às normas internacionais, vindo a gerar um incidente diplomático entre o Brasil e o Império Alemão⁷.

A *Panther* representava um dos principais motores do imperialismo germânico, tendo já realizado incursões em várias partes do mundo, contribuindo na promoção de práticas intervencionistas. Foi o caso ocorrido em 1902, quando invadiu águas territoriais do Haiti e São Domingos ameaçando as duas repúblicas de dominação sob o fogo de sua artilharia. Mais tarde, em dezembro de 1902 e em janeiro do ano seguinte, também advertiria outro país americano, a Venezuela. E, sobretudo, não podemos deixar de mencionar que a entrada deste navio alemão no porto de Agadir, em Marrocos, em julho de 1911, provocará uma forte crise entre Paris e Berlim, que levará a Europa à beira duma guerra mundial.

⁷ CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 183.

A 17 de novembro de 1905, a belonave alemã entrava no porto de Itajaí e a população local renderia homenagens à tripulação durante nove dias. Posteriormente, a 27 de novembro, integrantes da embarcação atentariam contra a soberania brasileira, invadindo domicílios, inclusive usando de violência, à procura de um suposto desertor do navio, de nome Hassmann. Entretanto, levaram preso, sem explicações, o alemão Steinhoff, em trânsito pelo Brasil⁸.

Já no dia 5 de dezembro de 1905, a *Panther* deixava Itajaí em direção ao sul. A reação da imprensa e de autoridades governamentais catarinenses ganhou eco e o fato, considerado como um atentado à soberania brasileira, foi tema de debate no Congresso Nacional. Além disso, protestos ocorreriam em várias localidades brasileiras, como no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e na cidade do Rio Grande. O assunto se agravaria e acabaria por ser tratado também pelo chanceler Rio Branco e chegaria mesmo aos Estados Unidos, através do representante brasileiro Joaquim Nabuco. A 10 de dezembro, o cruzador *Barroso* aguardaria o *Floriano*, no porto do Rio Grande para abordarem a *Panther* e receberem o prisioneiro e as explicações necessárias. Ocorreriam apurações dos fatos e inquéritos e a situação tomou tal vulto que o Ministério das Relações Exteriores teria, inclusive, a 12 de dezembro, de desmentir notícias sobre um pedido de interferência americana de parte do Brasil, fato que aguçaria ainda mais os debates. A 17 de dezembro, o Imperador alemão receberia relatório do comandante da canhoneira, Conde Saurna, concluindo que os oficiais e a

⁸ JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 27-28.

tripulação se excederam no cumprimento das ordens. A imprensa publica um comunicado com as desculpas e, já em janeiro do ano seguinte, a embaixada alemã divulgava que os possíveis culpados seriam submetidos a inquérito da justiça militar germânica⁹.

Na imprensa brasileira houve fortes repercussões quanto ao procedimento da marinha germânica no sul do Brasil. As ações de força e imperialistas da Alemanha por meio da *Panther*, de seu comando e de seus comandados provocaram reações negativas, sendo observado o ato em Itajaí como uma indevida intervenção, ferindo o direito internacional e atentando contra a soberania nacional.

Neste livro serão abordadas algumas dessas impressões estabelecidas através da imprensa. Francisco das Neves Alves trata das reações junto ao jornalismo da cidade do Rio Grande, localidade relevante no caso, pois foi ela o destino da canhoneira germânica, após deixar Santa Catarina, de modo que as notícias do desentendimento diplomático deram-se com a presença dos alemães na cidade portuária. Reto Monico apresenta as reações na imprensa internacional, mais numerosas nos Estados Unidos do que na Europa. O Caso *Panther* ocorreu em um momento de transformações na política externa brasileira. Desde a proclamação da República, os novos detentores do poder buscaram reverter o eixo das relações exteriores brasileiras, voltando-o em direção à América. A partir de uma oposição aos tempos monárquicos, os governantes republicanos queriam mudar a posição do Brasil, considerando que, até então, ele estivera de

⁹ JOFFILY, 1988, p. 28-30

costas para o continente americano. As ideias pan-americanas ganhariam relevo desde de então, mas, muitas vezes, as atitudes não eram das mais práticas, pois não ultrapassavam os discursos estéreis e as festividades vazias em conteúdo. A aproximação continental, em verdade, se dava em relação aos Estados Unidos, cada vez mais um crescente consumidor do café brasileiro, dando-se os primeiros passos daquilo que se concretizaria nas décadas seguintes com a alocação do Brasil na esfera de influências estadunidense. Nesse contexto, por vezes, surgiria um certo antagonismo para com o continente europeu, buscando-se a superação daquilo que chegou a ser considerado como um anacronismo advindo das heranças monárquicas.

O transcorrer do Caso *Panther* se daria mais especificamente durante o período em que Rio Branco esteve à frente da pasta das relações exteriores brasileiras, mantendo como intentos fundamentais a solução das questões das fronteiras nacionais, uma melhor colocação do Brasil no contexto internacional e estabelecer um certo pragmatismo nas inter-relações com os Estados Unidos. Nesse sentido, houve alguns enfrentamentos com países europeus, mormente no que tange às disputas por regiões lindeiras. Além disso, essa época representava um dos ápices do imperialismo europeu em direção à África, Ásia e Oceania, causando certa desconfiança de parte dos países americanos. A presença de uma nau alemã – uma das nações mais ativas naquelas práticas imperialistas – no litoral sul-brasileiro acabaria por acirrar tais suspeitas.

Esse episódio da vida diplomática brasileira se desencadearia a partir de novembro de 1905, quando a canhoneira germânica *Panther* chegou ao porto da

cidade catarinense de Itajaí. Alguns dias depois, militares da embarcação, sem autorização oficial, adentraram a comuna em busca de um propalado desertor, vindo a prender um cidadão de nacionalidade alemã. Tal atitude viria a gerar protestos de autoridades governamentais locais e estaduais, acarretando em reflexos no parlamento nacional e na imprensa de várias cidades brasileiras, exigindo dos gestores das relações exteriores brasileiras a busca de soluções e/ou, ao menos, contemporizações. O comportamento do comandante do navio alemão era contrário às normas internacionais, vindo a gerar um incidente diplomático entre o Brasil e o Império Alemão¹⁰.

A *Panther* representava um dos principais motores do imperialismo germânico, tendo já realizado incursões em várias partes do mundo, contribuindo na promoção de práticas intervencionistas. Foi o caso ocorrido em 1902, quando invadiu águas territoriais do Haiti e São Domingos ameaçando as duas repúblicas de dominação sob o fogo de sua artilharia. Mais tarde, em dezembro de 1902 e em janeiro do ano seguinte, também advertiria outro país americano, a Venezuela. E, sobretudo, não podemos deixar de mencionar que a entrada deste navio alemão no porto de Agadir, em Marrocos, em julho de 1911, provocará uma forte crise entre Paris e Berlim, que levará a Europa à beira duma guerra mundial.

A 17 de novembro de 1905, a belonave alemã entrava no porto de Itajaí e a população local renderia homenagens à tripulação durante nove dias.

¹⁰ CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 183.

Posteriormente, a 27 de novembro, integrantes da embarcação atentariam contra a soberania brasileira, invadindo domicílios, inclusive usando de violência, à procura de um suposto desertor do navio, de nome Hassmann. Entretanto, levaram preso, sem explicações, o alemão Steinhoff, em trânsito pelo Brasil¹¹.

Já no dia 5 de dezembro de 1905, a *Panther* deixava Itajaí em direção ao sul. A reação da imprensa e de autoridades governamentais catarinenses ganhou eco e o fato, considerado como um atentado à soberania brasileira, foi tema de debate no Congresso Nacional. Além disso, protestos ocorreriam em várias localidades brasileiras, como no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e na cidade do Rio Grande. O assunto se agravaria e acabaria por ser tratado também pelo chanceler Rio Branco e chegaria mesmo aos Estados Unidos, através do representante brasileiro Joaquim Nabuco. A 10 de dezembro, o cruzador *Barroso* aguardaria o *Floriano*, no porto do Rio Grande para abordarem a *Panther* e receberem o prisioneiro e as explicações necessárias. Ocorreriam apurações dos fatos e inquéritos e a situação tomou tal vulto que o Ministério das Relações Exteriores teria, inclusive, a 12 de dezembro, de desmentir notícias sobre um pedido de interferência americana de parte do Brasil, fato que aguçaria ainda mais os debates. A 17 de dezembro, o Imperador alemão receberia relatório do comandante da canhoneira, Conde Saurna, concluindo que os oficiais e a tripulação se excederam no cumprimento das ordens. A imprensa publica um comunicado com as desculpas e, já em janeiro do ano seguinte, a embaixada

¹¹ JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 27-28.

alemã divulgava que os possíveis culpados seriam submetidos a inquérito da justiça militar germânica¹².

Na imprensa brasileira houve fortes repercussões quanto ao procedimento da marinha germânica no sul do Brasil. As ações de força e imperialistas da Alemanha por meio da *Panther*, de seu comando e de seus comandados provocaram reações negativas, sendo observado o ato em Itajaí como uma indevida intervenção, ferindo o direito internacional e atentando contra a soberania nacional.

Neste livro serão abordadas algumas dessas impressões estabelecidas através da imprensa. Francisco das Neves Alves trata das reações junto ao jornalismo da cidade do Rio Grande, localidade relevante no caso, pois foi ela o destino da canhoneira germânica, após deixar Santa Catarina, de modo que as notícias do desentendimento diplomático deram-se com a presença dos alemães na cidade portuária. Reto Monico apresenta as reações na imprensa internacional, mais numerosas nos Estados Unidos do que na Europa.

¹² JOFFILY, 1988, p. 28-30

ÍNDICE

Repercussões da Questão <i>Panther</i> na imprensa diária do extremo-sul brasileiro.....	29
<i>Diário do Rio Grande</i>	34
<i>Eco do Sul</i>	48
<i>Artista</i>	72
O Caso <i>Panther</i> na imprensa internacional.....	155
I. Artigos na imprensa europeia.....	158
II. Artigos na imprensa norte-americana.....	192
III. Periódicos consultados.....	233
Resumo em francês.....	235

**REPERCUSSÕES DA QUESTÃO
PANTHER NA IMPRENSA DIÁRIA DO
EXTREMO-SUL BRASILEIRO**

– Francisco das Neves Alves –

A questão envolvendo a ação dos militares da canhoneira *Panther* no sul do Brasil trazia consigo a perspectiva de um Estado buscar garantir sua defesa contra os eventuais avanços de outros atores do sistema internacional¹³. No foco das relações internacionais estão os contatos dos povos e Estados, em função de seus respectivos interesses, havendo nesse meio um misto de conflito, concorrência e cooperação, envolvendo paz e guerra, amizade e inimizade, além de estruturas, propósitos e poder¹⁴. No contexto das relações internacionais, ocorrem as conexões e as desconexões entre os Estados e as interações entre os povos e os indivíduos que compõem as coletividades humanas, carregando consigo as manifestações de simpatias ou de antipatias, os interesses econômico-financeiros, os traços da mentalidade e as grandes correntes sentimentais¹⁵.

A conjuntura pela qual evoluiu o Caso *Panther* esteve francamente vinculada às reações estabelecidas na imprensa a seu respeito. As intenções imediatas, estratégias e táticas dos jornais precisam estar sempre relacionadas ao contexto nas quais operam, assim como as mensagens que transmitem¹⁶,

¹³ MILZA, Pierre. Política interna e política externa. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 371.

¹⁴ HARMANN, Frederick H. & MOORE, Heyward. Relações internacionais. In: SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 1054-1055.

¹⁵ RENOUVIN, Pierre & DUROSSELLE, Jean-Baptiste. *Introdução à história das relações internacionais*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 5-6.

¹⁶ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 17.

uma vez que a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, apresentando-se em seus escritos o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais¹⁷. Assim, o jornalismo compreende uma prática social profundamente vinculada ao contexto social e histórico, com o qual interage, refletindo características do mesmo, mas também atuando nos acontecimentos e no processo histórico¹⁸.

A partir dessa inter-relação entre a imprensa e a sua conjuntura se estabelece a questão voltada à influência da mídia sobre a opinião pública e aos meios de que o Estado, os governantes, os políticos e os grupos de pressão dispõem para pressionar a imprensa escrita e, através dela, a opinião pública¹⁹. No que tange à política e às relações internacionais, a imprensa cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder²⁰. Desse modo, ocorre, em muitos casos, uma coincidência entre os personagens presentes na imprensa, na política e nas instituições, pois, assim como há pressões estatais recorrentes junto aos jornais, também podem se desencadear intervenções políticas de peso

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988. p. 21.

¹⁸ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007. p. 12.

¹⁹ JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 215.

²⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 128.

a partir dos periódicos, ao estabelecer e testemunhar avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país e dos destinos nacionais²¹.

A pressão exercida por parte da imprensa seria decisiva para uma busca pela aceleração da tomada de providências de parte do governo brasileiro diante da Questão *Panther* e tal processo também ficou demarcado junto à imprensa da cidade do Rio Grande, exatamente o destino da canhoneira germânica após a saída de Santa Catarina. O jornalismo praticado nessa cidade portuária foi um dos mais relevantes no contexto provincial/estadual e nacional durante significativa parte do século XIX. Na centúria seguinte, tal processo passaria por progressiva reversão, pois as recorrentes conjunturas de crise/estagnação socioeconômica pelas quais a urbe passaria trariam reflexos também no desenvolvimento do periodismo. No início do século XX, tais dificuldades já faziam sentir seus efeitos, mas os três principais diários surgidos nos Oitocentos – *Artista*, *Diário do Rio Grande* e *Eco do Sul* – continuavam a existir. Nas páginas desses periódicos, cada qual com seus padrões editoriais, houve amplo espaço para a divulgação de temas voltados à conjuntura internacional em geral, e, em particular, aos assuntos de política externa nos quais o Brasil

²¹ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 8.

estivesse envolvido. A querela diplomática germânico-brasileira envolvendo a canhoneira alemã *Panther* foi um desses casos²².

²² Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Debates sobre política exterior nas páginas da imprensa rio-grandina: dois ensaios históricos*. Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 51-99.

Diário do Rio Grande

O *Diário do Rio Grande*²³ foi fundado no ano de 1848, com a proposta de circulação diária e com um nível de organização tipográfica excelente para os padrões da época, apontando que suas colunas se consagrariam à defesa da causa daquilo que considerava como os mais poderosos elementos da prosperidade e grandeza – o comércio e a indústria. Desde a sua criação, o periódico aproximou-se das ideias do Partido Conservador, opondo-se aos liberais, ainda que se dissesse essencialmente comercial e noticioso, e garantisse que não distinguiria parcialidades políticas. Apesar dos pronunciamentos políticos, alocados mais abertamente em épocas específicas, como nas viradas partidárias e nas eleições, o *Diário* foi extremamente cuidadoso em se expor, intentando manter um equilíbrio entre os interesses partidários e os de ordem financeira, fundamentais para a sustentação da circulação.

²³ Breve histórico do periódico, realizado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 157-201.

DIÁRIO DO RIO-GRANDE

Esta folha é propriedade da *typographia do Diário* de A. J. C. da Silva & C.* A ASSIGNATURA é de 15000 rs. por anno, 8000 por seis mezes, e 4000 por trimestre. Recebem-se ANUNCIOS á razão de 40 rs. por linha para os Srs. assignantes, e 80 rs. para os que não forem. VENDEM-SE os numeros avulsos á 80 rs. na typographia, rua Direita n. 146. As correspondencias pagaro o que se convencionar.

EXTERIOR

NOTÍCIAS DA EUROPA.

« Espanha » Realizou-se no dia 29 de julho o mau successo da S. M. a rainha de Hespanha, de que já havia indícios, segundo os boletins que ultimamente publicamos.

« Na » Gazeta de Madrid » de 31 lê-se a seguinte boletim, assignado pelo marquez de Miraflores :

« Ern. Sr. — Os medicos da real camara, D. Pedro Castelló, D. João Francisco Sanchez, D. Bonifacio Gutierrez, e D. João Drumen, participam-me n'esta data o seguinte: — Os medicos e cirurgias da camara, abaixo assignados, tem á honra de ler ao conhecimento da V. Exc., como lhes cumpre, que os hem fundados receios que elles tinham de que o incommodo que S. M. a rainha padecia nos ultimos dias fosse um movto, estão hoje confirmados, por haverem elles reconhecido o producto da concepção, de dous mezes, pouco mais ou menos, lançado hontem á hora e meia da tarde; constituindo S. M. sem novidade na sua saúde — O que participo a V. Exc., etc.

« Segundo dizem alguns periodicos de Madrid, tinha o Sr. Gonzales Bravo sahido para Cadix, escolto por dous officiaes e varias praças da guarda civil.

« Tinha chegado a Santo Ildefonso a esposa do Sr. Gonzales Bravo, acompanhada de um irmão seu, supponha-se que para implorar a graça de S. M. em favor d'aquelle cavalheiro.

« França. » — O cavalheiro Paiva Pereira foi recebido, no dia 30 de julho, pelo ministro dos negocios estrangeiros em Paris, na qualidade de encarregado de negocios de S. M. a rainha de Portugal junto á republica franceza, apresentando n'esta occasião as suas credenciaes.

« Gran-Bretanha. — Mr. Smith O'Brien nasceu em Dromind, condado de Clare, em 17 de outubro de 1803, e é filho de Sir Eduardo O'Brien, quarto baronete, de Cahinoyle, no condado de Limerick. — O tronco actual da casa de O'Brien, ou O'Bryen, é o marquez de Thomond, e a sz descendente da linha real de Thomond, e a sz de principes oriunda do celebre monarcha hybernie; Brian Borroime, ou Bora, que começou a reinar no anno de 1002, e falleceu em 1014, proximo a Clontarf. Se o referido marquez fallecer sem successo, herdado-á, mas Go somente na qualidade do barão Ieshiquin, Sir Lucius O'Brien, irmão mais velho de Smith O'Brien. — Casou Mr. Smith O'Brien, haverá 12 annos, com a filha de José Gabbett, cavalheiro de Limerick, do qual tem

seis filhos; cursou os estudos no collegio da Trindade, onde foi graduado. Quando Mr. Smith voltou em 1820 para Euzis, residencia da sua familia, era Tory, e n'essa qualidade guerrou a candidatura de Mr. O'Connell, na celebre eleição de Clare. Fez-se subsequentemente wigh, e depois radical, alistando-se pela primeira vez em 1843 nas fileiras dos « revogadores. » Representa elle no parlamento, desde 1823, o condado de Limerick. Conseguiu ultimamente supplantar na urna a Mr. Caleb Powell, candidato da velha Irlanda, pela maioria de 24 votos. Mr. O'Brien teve um duelo com Mr. Thomas Steel, disparando-se de parte a parte dous tiros. — Sir Lucius O'Brien, irmão mais velho de Smith, é lord tenente do condado de Clare. — A viuva lady O'Brien, mui d'estes, que ainda vive, possui o rendimento de 8000 libras annuaes, proveniente de suas propriedades, das quaes Mr. Smith O'Brien tem sido sempre reputado herdeiro. Este individuo vivia na companhia de sua mui quando se achava na Irlanda.

« Na sessão do parlamento de 4 de agosto perguntou lord Brougham se era certo que um addido á legação britannica em Napoles fbra chamado a Londres por haver declarado ao governo de Palermo que, se não elegesse no termo de 24 horas o duque de Genova para regente, perderia a protecção de Inglaterra. — O marquez de Lansdown respondeu que nem Mr. Fagson, nem outra alguns pessoas havia recebido instrucções para obrar no sentido a que o illustre orador se referia.

« Sicilia » — El-rei de Napoles fez saber que, se o duque de Genova accitasse a coroa da Sicilia, declararia guerra a Carlos Alberto, aliado de-se á Austria. Tambem se dizia que o conde Ludolf, ministro dos negocios estrangeiros da Sardenha, recebera uma nota do governo sapolitano manifestando-lhe que, se dentro de 8 dias Carlos Alberto não rejeitasse a offerta d'aquella coroa para seu filho, elle chamaria de Turim o seu ministro. Parece que o duque de Genova não accitari a coroa da Sicilia enquanto não terminari a guerra da independencia italiana.

« Italia. — Lê-se na » Patria » — Florença, 21 de julho. (Protesto d'el-rei de Napoles.) Visto o nosso acto de 22 de março de 1818, e outro acto solemne de 28 de abril do mesmo anno; tendo chegado ao nosso conhecimento a nova deliberação, tomada em Palermo no dia 11 do corrente, em virtude da qual, com violação do principio da unidade e integridade da monarchia, e dos sagrados direitos da nossa real pessoa e dynastia, foi chamado ao throno da Sicilia S. A. R. o duque de Genova, segundo filho de S. Magestade el-rei de Sardenha; ou-

vida o nosso conselho de ministros, declaramos protestar, como de facto e plenamente proclamamos, contra o acto deliberativo de Palermo, de 11 de julho de 1848, que proclamamos illegal, nullo e de nenhum effeito. O presente protesto foi por nós assignado, reconhecido pelo nosso secretario de estado de graça e justiça, e sellado com o grande sello, e referendado pelo nosso ministro e secretario de estado, presidente do conselho de ministros, e guardado nos archivos da presidencia do mesmo conselho. —

Diário do Governo.

INTERIOR

RIO DE JANEIRO, 3 DE OUTUBRO.

O novo ministerio e os taxa.

Um novo ministerio preside hoje o governo do estado; novas idéas subiram ao poder; parece que o novo ministerio quer GOVERNAR.

Cinco annos de experiencias demonstram plenamente que os homens que em 1844 tomaram a seu cargo as negocios publicos, uada entendiam da GOVERNO. Viveram, e vivendo dosem apoio a todas as paixões, trataram o palte como terra de conquista, viraram uma grande parte da nação á proscriptio; extinguiram a dignoza das garantias que a todos os Brasileiros ontorga a constituição politica do imperio.

Em cinco annos que viveram não realizaram uma só de suas idéas, não satisfizeram um só dos compromissos em que se haviam empenhado.

Faltava-lhes o essencial; não tinham o senso pratico da administração; sebejava-lhes por vim, e muito, o egoismo interesseiro; e cegos pelo demonio da vingança que os dominava, não deram um passo que não fosse um dessentido á suas promessas passadas, não praticaram um acto que os não approximasse da queda.

Cinco annos viveram, e nada organizaram, porque não sabiam o que era organização. Cinco annos viveram, e não traduziram uma só de seus pensamentos em lei, porque não tinham a immen idéa de direito.

Pensaram que GOVERNAR era reunir póto incauto e ignorante, illudido com chimera, e levá-lo á derrota, Cabiram, e ficaram admirados da rapidez da queda, porque como GOVERNO não viveram um dia.

No poder, retegaram suas crenças e convicções; fora do poder, nem ao menos tem a coragem da resignação; — apollen para a desordem, e por ella querem de novo conquistar o poder!

As idéas constitucionaes conservadoras, ti-

- exemplar do *Diário do Rio Grande* no ano de sua fundação -

A fragmentação política dos conservadores, bem como o crescimento dos liberais, a desilusão para com a política da situação conservadora, e o caráter de folha apolítica manifesto pelo *Diário do Rio Grande* consistiam em indícios os quais anunciavam que o caminho estava aberto para a virada política que o jornal promoveria em direção à seara liberal, a qual se confirmaria em 1878, acompanhando a mudança de orientação partidária de seu proprietário. Desde então, mantendo os cuidados em torno da meta de sustentação financeira, o periódico passou a sustentar as administrações liberais, opondo-se aos conservadores, sem deixar de buscar demonstrar a continuidade de sua ação como denominava na condição de órgão dos interesses gerais.

Ainda que, por diversas vezes, o *Diário* tenha chamado a atenção para os perigos do avanço da propaganda republicana, relacionando-o com a possibilidade do derruir da Monarquia, foi, até certo ponto, com surpresa que o jornal encarou a proclamação da República, vindo a considerá-la como um fato consumado, aplaudindo, no entanto, a maneira pacífica pela qual se desenvolveu a mudança. A defesa de um espírito de conciliação levaria o periódico à sua primeira discordância para com os novos governantes, tendo em vista o exclusivismo partidário que começava a se manifestar no cenário político de então, mormente no contexto regional. Com o agravamento das tensões político-ideológicas e a posterior deflagração da guerra civil, o *Diário do Rio Grande* progressivamente foi abandonando as temáticas de natureza partidária.

As sequelas deixadas pela Revolução Rio-Grandense de 1893 também promoveriam efeitos na conduta do jornal que, a partir de então, optou por um silêncio absoluto quanto aos assuntos de cunho político-partidário como norte da sua construção discursiva. Diferentemente do período imperial, quando a postura apolítica servia muito mais para legitimar uma linha editorial, embora o jornal possuísse suas vinculações partidárias bem delineadas, a partir dos primeiros anos da República e até praticamente o encerramento da sua sobrevivência, tendo em vista a permanência das disputas políticas e os sempre constantes riscos de perseguições à imprensa, o periódico adotou uma posição de neutralidade, agora na prática e não mais como um argumento discursivo, eximindo-se, assim, de analisar os eventos de natureza partidária e/ou política, que marcaram a conjuntura sul-rio-grandense da fase pós-revolucionária.

Nesse sentido, na virada do século XIX ao XX, a folha rio-grandina passou a utilizar-se ainda mais intensamente de termos como neutralidade, imparcialidade e independência quando explicava suas intenções, fazendo ainda maior questão de ressaltar que nada absolutamente tinha que ver com a vida íntima dos partidos políticos, apresentando-se como jornal inteiramente estranho às facções partidárias, ou também, afirmando que, leal ao seu longo passado de absoluta neutralidade, não fazia peremptoriamente política nas suas colunas, e colocava-se fora de todas as parcialidades, alheio ao jogo dos assuntos pessoais, ou seja, aqueles que falavam às paixões subalternas e não às ideias. Tal situação só mudaria com uma modificação de proprietário, que passou a utilizar-se do periódico para veementes debates pessoais e políticos, agravando a crise financeira que atingia a folha e levando ao seu desaparecimento, em 1910.

Em época próxima ao desencadear da questão brasileiro-germânica, o *Diário do Rio Grande*, como o mais antigo jornal em circulação na cidade portuária, se considerava um representante da “imprensa séria e independente”. Propunha-se a pugnar pelos interesses morais e materiais do Rio Grande, ao qual dedicaria o “melhor dos seus esforços”, de modo a trazer o público “bem e perfeitamente orientado”. Intentava manter um norte editorial predominantemente informativo, garantindo que manteria a preferência por “dar menos e bom que mais e ruim”, de modo a ser compreendido pelo “critério

popular”, orgulhando-se em observar que suas notícias faziam fé e mereciam constantemente transcrição dos colegas do interior e exterior do Estado²⁴.

O *Diário* assegurava que fora fundado para fazer-se um defensor convencido do progresso e engrandecimento de sua terra, de modo que ela viesse a ocupar o “lugar saliente” que lhe cabia na comunhão brasileira. Dizia manter uma “paixão nobre” pela “verdade e justiça”, sendo uma folha dedicada à “defesa dos direitos legítimos” e norteadada “pela ideia do bem comum”. Dessa maneira, garantia que seu intento era o de manter uma postura apartidária, a partir de uma “linha de conduta” traçada desde o primeiro dia, afastando-se “das arregimentações partidárias”. Declarava ainda que sua missão seria a de constituir uma tribuna voltada ao “patrocínio de todas as boas causas” e a “todos os empreendimentos do interesse público”²⁵.

A referência original do *Diário do Rio Grande* à canhoneira alemã ocorreu a partir de nota sob o título “A *Panther* no Paraná”, a qual descrevia que os oficiais e marinheiros da embarcação teriam sido alvo de manifestações de apreço em Curitiba, tendo sido organizado um festival em homenagem à oficialidade²⁶. Outra nota divulgava o recebimento de convite da parte de sociedade alemã para os festejos em honra da guarnição da canhoneira, que seriam realizados na cidade do Rio Grande²⁷. Mais uma vez no formato de uma

²⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16 out. 1904, a. 57, n. 15.353, p. 1.

²⁵ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 out. 1905, a. 57, n. 15.650, p. 1.

²⁶ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 2 dez. 1905, a. 58, n. 15.689, p. 1.

²⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 3 dez. 1905, a. 58, n. 15.689, p. 3.

nota, o periódico anunciava a chegada da belonave, que seria acompanhada pelos procedimentos náuticos, consulares e médicos de praxe, destacando também vários dados técnicos acerca do navio²⁸.

Em seguida, o periódico rio-grandino já começava a se referir ao “Caso da *Panther*”, explicando que tal assunto preocupara “vivamente todos os espíritos”, transformando-se em tema “obrigado de todas as conversações”. Segundo a folha, tal divulgação provocara gerais comentários de revolta contra o “insulto gratuito à nossa soberania”, citando um jornal carioca. Destacava ainda que a redação procurara colher a maior soma de esclarecimentos a respeito, de modo a transmiti-los ao público, que estaria “ávido de conhecer toda a verdade”. Divulgava também que recebera novos e importantes recados sobre o “revoltante fato”, disponibilizando-os ao público, para satisfazer a sua “justa curiosidade”, à porta do escritório da empresa jornalística, anunciando-os com o estrugir de alguns foguetes. Diante disso, descrevia que “centenas e centenas de pessoas” teriam ocorrido imediatamente a ler os telegramas, comentando-os, o que estaria a demonstrar o “estado de espírito” em que se achava o público, em relação ao “gravíssimo fato”. Em seguida, o jornal passava a transcrever o seu serviço telegráfico, com destaque para a indignação popular que se desencadeava no Rio de Janeiro²⁹.

²⁸ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 dez. 1905, a. 58, n. 15.691, p. 2.

²⁹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 9 dez. 1905, a. 58, n. 15.694, p. 1.

Sobre o desentendimento diplomático, o *Diário* publicou nova matéria intitulada “O Caso da *Panther*”³⁰, divulgando incidentes ocorridos em frente a um clube da colônia germânica e no cais, com manifestações contrárias aos alemães. O jornal considerava tal fato como “lamentável”, pois, ainda que entendesse que os ânimos estivessem exaltados, considerava inválidas as vaias e manifestações de desagrado, que poderiam depor contra os “foros de povo civilizado”, ainda mais naquele momento em que o governo brasileiro já estaria tomando as devidas providências. Considerava que aquelas atitudes poderiam trazer embaraços e dificuldades, não as considerando como passíveis de um “patriotismo são e verdadeiro”. A folha propunha que se esperasse com confiança as atitudes governamentais, mantendo-se um comportamento de calma e critério, sem se deixar “levar pelos primeiros impulsos”, os quais, não raro, traziam “más consequências”.

Na mesma coluna, o periódico rio-grandino explicava que sua atitude não serviria para desculpar atentados contra a soberania nacional, pois o aconselhamento de prudência serviria para que as ações tivessem sucesso, “dentro dos limites da ordem”, de maneira que houvesse o registro de “uma vitória pacífica”. Declarava também que tinha plena convicção de que o “verdadeiro patriotismo” e a “educação cívica” não estariam a autorizar excessos, devendo todos ser “cidadãos dignos”, não descendo ao “domínio da arruaça”, de modo que os governantes tomassem as providências necessárias, “com justiça e sem a mínima quebra da dignidade nacional”. Esclarecia ainda

³⁰ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 10 dez. 1905, a. 58, n. 15.695, p. 1.

que não pretendia açular “malquerenças e ódios”, visando unicamente a cumprir as “funções de jornalista”, ao levar a informação ao público. Garantia que continuaria a dar “exemplos e lições de critério, seriedade e bom senso”, atuando no rumo do conjunto da imprensa, da qual partira “a primeira voz de protesto e condenação”, à atitude da oficialidade alemã.

O título “O Caso *Panther*” se mantinha em outra edição do *Diário do Rio Grande*, no qual reiterava que aquele “grave caso” continuava a dominar as preocupações do “espírito público”. Nesse sentido, destacava que todos procuravam, com ansiedade, colocar-se a par da questão, buscando informações nos escritórios dos jornais, o que viria a refletir o “zelo popular” pela “honra da nação”³¹:

Continua a preocupar dominantemente o espírito público o grave caso da canhoneira alemã *Panther*.

Procuram todos, com manifesta ansiedade, pôr-se ao corrente da questão, indagando, pedindo informações nos escritórios dos jornais que, por conduto de seus serviços telegráficos, trouxeram o importante assunto ao domínio da publicidade. Às pessoas que com esse fim vieram ao escritório do *Diário* mostramos os telegramas últimos que havíamos recebido e não afixamos à porta.

Esse interesse, de tal arte manifestado, não exprime apenas, como se poderia supor, a curiosidade determinada pelo ruído que se faz em torno do caso; é antes um sintoma apreciável do zelo popular pelas coisas relacionadas de perto com a honra da nação, aliado esse sentimento à calma, à prudência tão necessária no momento.

³¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 12 dez. 1905, a. 58, n. 15.696, p. 1.

E esse sintoma, bem merece que se o registre, por demonstrar que a alma nacional, aqui, como em toda a parte onde a notícia do agravo chegou, não se fez e nem podia ficar insensível.

As festas projetadas, por iniciativa da colônia alemã, e que se iam realizar em regozijo à vinda da canhoneira *Panther*, foram suspensas.

Sabemos que, com antecedência, as autoridades civis e militares e diversos cavalheiros convidados escusaram-se delicadamente de comparecer.

Todas as notícias telegráficas a respeito do atentado de Itajaí estão sendo confirmadas.

Em outra edição, o *Diário* divulgava impressões oriundas da imprensa estrangeira, a respeito da questão brasileiro-alemã. Nesse caso, o destaque era para o jornalismo uruguaio, crítico à atitude germânica, a qual era considerada, com ironia, como típica de “um direito para as potências” que dispunham de força militar, e outro para as “ínfimas republicuetas semi-selvagens”, que deveriam “esperar da espada europeia os segredos da civilização e as lições do progresso”³². “O Caso da *Panther*” era mais uma vez pauta do periódico rio-grandino, ao publicar na íntegra discurso proferido no parlamento acerca da “melindrosa questão” que ferira os brios de “um país soberano e independente”. O jornal ainda trazia novas transcrições jornalísticas, ao fim das quais concluía, “com natural desvanecimento”, que estavam sendo confirmados todos os telegramas que divulgara quanto ao assunto em debate³³.

O tema da canhoneira voltava às páginas da folha rio-grandina, a qual anunciava que prosseguiria na reprodução dos pronunciamentos da imprensa

³² DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 dez. 1905, a. 58, n. 15.698, p. 1.

³³ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 dez. 1905, a. 58, n. 15.699, p. 1.

do Rio de Janeiro, os quais estariam a representar um “concerto unanime e cheio de patriotismo, diante da afronta feita à soberania nacional” pelo comandante da *Panther*³⁴. Na edição seguinte, sob o título “Considerações oportunas”, o jornal divulgava correspondência de um “distinto cavalheiro estrangeiro, que concordava com a postura do *Diário* na cobertura daquela questão, pregando que deveria evitar-se excessos de parte a parte, ao referir-se à população local e à colônia alemã. Diante disso, a folha confirmava que suas manifestações eram embasadas em “patriotismo e honradez”, não deixando de demonstrar que a ofensa fora grande, tanto que teria havido condenação ao ato alemão em todo o Brasil e até no estrangeiro³⁵.

Nova matéria a respeito da *Panther* trazia mais algumas transcrições e pequenos informes de cunho diplomático, detalhando que houvera grande aumento de trabalho nos serviços de telegrafia da cidade de Petrópolis, onde se localizavam muitos dos representantes estrangeiros a trabalho no Brasil³⁶. O tema era retomado na edição seguinte, com novas transcrições que visavam a confirmar e desmentir comentários ventilados sobre o conflito diplomático, notadamente quanto à falta de veracidade no depoimento do comandante da canhoneira³⁷. Novas transcrições seriam divulgadas, no intento de reforçar que as declarações desse comandante seriam “provadamente falsas”³⁸. Em breve

³⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16 dez. 1905, a. 58, n. 15.700, p. 1.

³⁵ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 17 dez. 1905, a. 58, n. 15.701, p. 1.

³⁶ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 dez. 1905, a. 58, n. 15.704, p. 1.

³⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 22 dez. 1905, a. 58, n. 15.705, p. 1.

³⁸ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 23 dez. 1905, a. 58, n. 15.706, p. 1.

nota, o *Diário* noticiou a partida da *Panther* do Rio Grande em direção ao sul³⁹ e voltou a trazer detalhes do incidente diplomático, descrevendo que o governo alemão já teria manifestado o seu pesar, de modo que a questão continuaria a ser tratada “com o maior cuidado”, tendo reiterado a diplomacia germânica que daria ao Brasil “todas as satisfações devidas”⁴⁰.

Nos primeiros dias de 1906, o *Diário do Rio Grande* permaneceu divulgando notas acerca da querela germânico-brasileira. Foi o caso da publicação de uma correspondência enviada acerca do comandante da *Panther*, buscando desmentir comportamentos inconvenientes do militar em outra oportunidade⁴¹. O periódico também apresentou a coluna “A *Panther* em Montevideú”, citando jornal uruguaio “a respeito da festa íntima oferecida à oficialidade da canhoneira” na capital oriental. De acordo com a matéria, foi oferecido “um jantar íntimo” por parte da colônia germânica na cidade, tendo os organizadores da atividade lamentado “que a situação deveras delicada em que se encontram o comandante e a oficialidade da *Panther*, por causa do incidente de Itajaí” tivesse impedido “de dar a essa festa toda a amplitude de que tinham ideia”, de maneira que “a prudência aconselhava a reduzir as proporções do festim”⁴². O *Diário* trouxe ao público ainda a “correspondência diplomática”

³⁹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 27 dez. 1905, a. 58, n. 15.708, p. 1.

⁴⁰ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 29 dez. 1905, a. 58, n. 15.710, p. 1.

⁴¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 jan. 1906, a. 58, n. 15.716, p. 2.

⁴² DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 10 jan. 1906, a. 58, n. 15.719, p. 1.

concernente ao Caso *Panther*, divulgada pelo governo brasileiro⁴³, bem como transcreveu nota atribuída à chancelaria brasileira⁴⁴.

Foi desse modo que o *Diário do Rio Grande* apresentou ao seu público leitor a querela diplomática germano-brasileira, promovida a partir da atitude dos militares alemães. A folha rio-grandina não deixou de lado sua predileção por um caráter predominantemente noticioso, procurando manifestar claramente a preferência pela busca da informação. Ainda assim, o periódico não se furtou de adotar uma postura perante o incidente, acompanhando também a tendência de indignação contra os atos dos germânicos e de pregação pela reparação dos brios nacionais ofendidos. Mesclando significativa quantidade de transcrições com breves comentários, o *Diário* não deixava de assumir o tom patriótico, embora sempre propondo a moderação e sem abandonar o eixo fundamental de seu padrão editorial.

⁴³ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16 jan. 1906, a. 58, n. 15.724, p. 1.

⁴⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 jan. 1906, a. 58, n. 15.729, p. 2.

Eco do Sul

O periódico *Eco do Sul*⁴⁵ foi fundado na localidade gaúcha de Jaguarão, na década de 1850, deslocando-se, posteriormente, para a cidade do Rio Grande, na qual passou a circular desde 1858, vindo a constituir uma das mais longevas publicações rio-grandinas. Em seus primeiros anos de existência, o jornal manteve um comportamento próximo da prática da pasquinagem, servindo para que seu proprietário movesse campanhas contra seus adversários pessoais, como uma forma de utilização praticamente unipessoal. Tal postura iria passar por um certo abrandamento ainda na década de 1860, quando o *Eco* passou a buscar se afirmar como uma folha política, literária e comercial. Em termos político-ideológicos, desde cedo, esteve próximo ao ideário do Partido Conservador, criticando, em seus primeiros tempos de circulação, as políticas conciliatórias.

⁴⁵ Breve histórico do periódico, realizado a partir de: ALVES, 2002. p. 271-354.

Desde o segundo lustro dos anos 1860, estavam lançadas algumas das ideias básicas – como a de conservar melhorando, a do progresso pautado em reformas bem refletidas e a da ojeriza às práticas revolucionárias atribuídas aos adversários liberais –, as quais marcariam a ligação do *Eco* ao pensamento da agremiação conservadora, durante significativa parte da existência da folha. A partir da inversão partidária de 1868, o jornal passou a ostentar ainda mais abertamente sua filiação conservadora, colocando-se na sustentação às administrações mantidas por esse viés partidário, bem como, uma década depois, com a colocação dos liberais no poder, veio a adotar a postura de uma folha oposicionista. Desde 1880, o *Eco do Sul* assumiria com maior veemência sua posição política, ao apresentar-se como órgão do Partido Conservador.

A partir da instauração da forma de governo republicana, o *Eco do Sul* passou por significativas transformações em sua estrutura discursiva tendo em vista uma adaptação ao novo cenário político. Essa busca por adaptar-se ao incipiente contexto político-partidário republicano, que representava uma ruptura com relação ao jogo partidário da época imperial, ao qual o jornal estava intrinsicamente ligado – apoiando conservadores e opondo-se a liberais –, levou-o a uma desorientação político-editorial. Nesse novo percurso, a folha passou de um apoio aos primeiros governantes, ainda nos meses iniciais da formação republicana, a uma aberta oposição para com os mesmos, mormente no contexto regional, onde acabaria por tornar-se uma importante publicação de combate ao castilhismo. Essa resistência aos governistas, manifestada de modo mais veemente, perpassaria por todo o período de agitação e revolução,

prolongando-se até o início do século XX, quando, paulatinamente, o diário rio-grandino foi promovendo mudanças em sua conduta editorial, buscando, mormente a partir de 1908, construir a imagem de uma folha “independente”, tendo em vista adaptar-se à nova fase pela qual passava o jornalismo. Após constantes adaptações, o *Eco* viria a deixar de circular no ano de 1934.

ANO 31 DO ANNO DO SUL N. 150

PILOTAS F. E. M. GRANDE

PROPIEDADE DE ALFREDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

ANO 31 DO ANNO DO SUL N. 150

NUMERO DO DIA DO ANNO

PAISANOS E ANTONIO P. DE SA

O GOVERNADOR

Propriedade de ALFREDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Domingo, 5 de Junho de 1891

PARA Pôr a venda

ANNO 31 DO ANNO DO SUL N. 150

NUMERO DO DIA DO ANNO

PAISANOS E ANTONIO P. DE SA

O governador

Deus da honra que a glória da Glorificação por sua arduidade... (text continues)

O governador

Deus da honra que a glória da Glorificação por sua arduidade... (text continues)

O governador

Deus da honra que a glória da Glorificação por sua arduidade... (text continues)

A FALTA PRESIDENCIAL

A Mensagem do presidente da República... (text continues)

A FALTA PRESIDENCIAL

A Mensagem do presidente da República... (text continues)

A FALTA PRESIDENCIAL

A Mensagem do presidente da República... (text continues)

Portugal e Inglaterra

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

Portugal e Inglaterra

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

Portugal e Inglaterra

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

A civilização e o suicídio

De Paris, em 2 de Junho... (text continues)

A civilização e o suicídio

De Paris, em 2 de Junho... (text continues)

A civilização e o suicídio

De Paris, em 2 de Junho... (text continues)

Congresso Nacional

De Rio de Janeiro, em 4 de Junho... (text continues)

Congresso Nacional

De Rio de Janeiro, em 4 de Junho... (text continues)

Congresso Nacional

De Rio de Janeiro, em 4 de Junho... (text continues)

Cortes e Recortes

De Madrid, em 4 de Junho... (text continues)

Cortes e Recortes

De Madrid, em 4 de Junho... (text continues)

Cortes e Recortes

De Madrid, em 4 de Junho... (text continues)

ERASMUS FAMILIAR

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

ERASMUS FAMILIAR

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

ERASMUS FAMILIAR

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

GOTTAS DE COGANA

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

GOTTAS DE COGANA

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

GOTTAS DE COGANA

De Lisboa, em 4 de Junho... (text continues)

Adversário que fez oposição ao grupo partidário dominante na vida política sul-rio-grandense durante a República Velha, o *Eco do Sul* mantinha tal postura no início do século XX. Nesse sentido, se apresentava no cabeçalho como “órgão revisionista”, inspirando-se na grande reivindicação dos oposicionistas que exigiam a revisão da constituição gaúcha, a qual garantia a continuidade dos governistas no poder. Ao completar um ano da retomada de sua publicação, o jornal publicava editorial⁴⁶, destacando que sua circulação fora interrompida por causa da “avalanche de perseguições” que desabara contra a folha, a partir da “política castilhista, de ódios, de sangue, de terror, de vilanias”. Afirmava que o favor público não desamparara o *Eco* na sua nova fase, podendo por isso comemorar com júbilo, apesar das “lutas acidentadas e penosas” que sustentara “na defesa da causa da liberdade do Rio Grande”.

O diário rio-grandino registrava que passava por “auspicioso estado de prosperidade”, representada pela “enorme tiragem, imensa e difusa circulação pelo interior do Estado” e significativa venda avulsa. Reiterando sua posição política, o periódico proclamava ser uma “folha de combate, voluntário lutador em prol da liberdade rio-grandense”, que estava “conculcada pela selvagem ditadura positivista, instituída pelo odioso e odiento sátrapa Júlio de Castilhos”. Propunha-se, assim, a defender “com ardor e lealdade o belo e luminoso programa revisionista” do Partido Federalista, o maior adversário do castilhismo, intentando lutar contra “a tirania castilhista” e aplaudir “os preclaros chefes federalistas”. Na virada de 1905 para 1906, o periódico

⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 28 fev. 1903, a. 49, n. 49, p. 1.

anunciava que apareceria “com todo o seu material tipográfico reformado”, procurando “bem servir ao generoso público desta cidade, que tanto nos alenta com as suas simpatias e amizade”⁴⁷, ao apresentar aos leitores um “material chique e de primeiríssima”⁴⁸.

Já no ano do caso *Panther*, o *Eco do Sul*, então com mais de meio século de existência, renovava seus princípios por meio de artigo de fundo. Garantia manter-se nas “refregas” da política, “em nome de um sacratíssimo ideal”, que vinha sustentando por longos anos, “sem medir sacrifícios nem dedicações”. No mesmo sentido, declarava que permanecia no “afanoso combate de todos os dias” de pugnar “incessantemente pelo triunfo ambicionado da justiça”. Dizia ainda que sua “única ambição”, percorrida “através de todas as vicissitudes”, se limitava à alternativa de servir ao “glorioso núcleo partidário” dos federalistas. Confirmava assim sua “coerência partidária”, na sustentação do programa do Partido Federalista, cumprindo todos os “deveres” que deveriam “ser respeitados por todos os federalistas”⁴⁹.

O contato original do *Eco* com a presença da canhoneira germânica deu-se por meio de breve nota denominada “A *Panther*”, noticiando o convite de parte da comissão de festejos da *Deutscher Schutzenverein*, para assistir às festas que tal sociedade organizaria em honra à oficialidade do navio alemão⁵⁰.

⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jan. 1906, a. 52, n. 5, p. 1.

⁴⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jan. 1906, a. 52, n. 6, p. 2.

⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 abr. 1905, a. 51, n. 88, p. 1.

⁵⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 dez. 1905, a. 51, n. 275, p. 1.

Em outra nota, com o mesmo título, o jornal anunciava a breve chegada da belonave, informando que ela seria recebida pelas sociedades alemãs citadinas e pelos médicos encarregados da visita sanitária. Detalhava também que, ao fundear da embarcação seria enviado emissário à terra para notificar o cônsul alemão, o qual visitaria o navio. Destacava ainda que a canhoneira percorria alguns portos brasileiros em objeto de serviço, além do fato de vir a bordo um médico encarregado de inspecionar os súditos alemães que deviam à pátria o tempo de serviço militar obrigatório⁵¹.

O título se mantinha em mais uma nota, informando que a canhoneira estava em viagem de instrução a guardas-marinha, tendo já tocado vários portos brasileiros. Além disso, eram trazidas diversas informações técnicas e sobre a construção da *Panther*, ressaltando que do Rio Grande, ela seguiria trajeto em direção a Buenos Aires⁵². Ainda com a mesma denominação, mais uma nota divulgava a recepção à canhoneira, com grupo musical, comissões das sociedades e vários moços alemães, bem como a realização da visita médica⁵³. Com idêntica apresentação, nova nota informava que a *Panther* transpusera a barra rio-grandina, sendo mantido um programa de festejos em homenagem à mesma, que também viria a estar aberta à visitação pública em horários pré-determinados⁵⁴.

⁵¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 5 dez. 1905, a. 51, n. 276, p. 2.

⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 6 dez. 1905, a. 51, n. 277, p. 1.

⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 7 dez. 1905, a. 51, n. 278, p. 3.

⁵⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 dez. 1905, a. 51, n. 279, p. 2.

A notícia do desentendimento diplomático viria em seção de telegramas destinados ao “Serviço Especial do *Eco do Sul*”, apresentando o Caso *Panther*, como “muito grave”. Os informes do Rio de Janeiro diziam que toda a imprensa estaria a estigmatizar a atitude do comandante da canhoneira, aconselhando unanimemente ao governo que desenvolvesse toda a energia, de maneira a desagrar os brios nacionais. Destacavam também que os artigos a respeito do tema eram violentos e patrióticos, assim como o povo não estaria a esconder a sua indignação, já deixando escapar os brados de protesto. Também eram descritas as reações governamentais e a possível mobilização militar em direção ao sul, bem como havia referências à grande multidão popular que, na capital federal, afluía às redações dos jornais e praças públicas⁵⁵.

O jornal voltava ao tema em outra seção de telegramas, que trazia informações sobre as tratativas brasileiro-germânicas no campo diplomático, além de enfatizar que o assunto de todas as palestras, nas ruas e nos centros de ajuntamento era exclusivamente o Caso *Panther*, cujo comandante estaria sendo muitíssimo censurado por nacionais e estrangeiros⁵⁶. O “Serviço Especial do *Eco do Sul*” divulgava nova série de informes telegráficos, enfatizando as reações diante do acontecimento na imprensa estrangeira e no contexto internacional, ressaltando “as violências da *Panther*” e trazendo “novos esclarecimentos” e “mais pormenores”. As negociações diplomáticas mais uma vez faziam parte da pauta e um dos grandes destaques era o de que a imprensa

⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 9 dez. 1905, a. 51, n. 280, p. 2.

⁵⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 dez. 1905, a. 51, n. 281, p. 2.

estrangeira, quase por unanimidade, condenava o procedimento da oficialidade da canhoneira alemã, estando a causar “grande sensação” as notícias sobre o incidente⁵⁷.

A cobertura da edição seguinte do *Eco*, mais uma vez calcada na transcrição de telegramas, trazia informes acerca das repercussões do Caso *Panther* junto ao governo alemão, apontando para o possível castigo dos culpados e destacando ainda “diversas notícias” e “mais pormenores”. Um detalhe dessas notícias referia-se à existência de inquietação em Berlim, havendo no seio do povo animosidade contra o comandante do vaso de guerra, “por ter provocado imprudentemente um conflito que poderia evitar-se”⁵⁸. No número que se seguiu, as novidades foram transmitidas mais uma vez a partir da seção telegráfica, dando destaque às repercussões na Alemanha, à movimentação de navios de guerra nacionais e à escassez de notícias. O noticiário se concentrava nas dúvidas quanto ao destino final das belonaves brasileiras estacionadas em Santa Catarina, pois estariam circulando “diversas e desencontradas informações”. Era enfatizado ainda que a reportagem dos jornais encontrava-se em campo, encontrando grandes dificuldades para a obtenção de notícias sobre o “momentoso assunto”. Descrevia também que a agitação voltava a manifestar-se, diante da “deficiência de notícias” e da

⁵⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1905, a. 51, n. 282, p. 2.

⁵⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1905, a. 51, n. 283, p. 2.

“morosidade das negociações”, estando a polícia vigilante para evitar qualquer desacato contra súditos alemães⁵⁹.

O número referente ao dia 15 de dezembro foi um dos poucos em que, além de “notas e informações” e de “pormenores”, colunas dedicadas às transcrições, o *Eco do Sul* publicou na posição editorial um segmento denominado “Comentários”⁶⁰. Tal abordagem de caráter mais analítico restringia-se a discutir a falta de definições quanto aos destinos das embarcações de guerra brasileiras deslocadas para o sul do Brasil. Diante disso, o jornal garantia que o seu correspondente telegráfico acertara, ao dizer que o governo tratava de encobrir o verdadeiro fim da viagem dos mencionados vasos de guerra, “no intuito de acalmar o espírito público ou não deixar transparecer a maneira” pela qual estava agindo.

Na mesma edição, o periódico rio-grandino revelava que havia significativo interesse pelo tema, destacando que as notícias mais importantes transmitidas pelo telégrafo vinham sendo afixadas à pedra, na frente das oficinas do *Eco*, e anunciadas por meio de foguetes. Diante de tal circunstância, descrevia que grande vinha sendo “a multidão que sempre” chegava ao local, toda a vez que eram afixados os boletins, de maneira que a redação continuaria fazendo tal divulgação, sempre que existissem “notícias de alguma transcendência sobre a momentosa questão”. No segmento de transcrições o diário citava manifestação no parlamento que representara “calorosamente os

⁵⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 dez. 1905, a. 51, n. 284, p. 2.

⁶⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 dez. 1905, a. 51, n. 285, p. 1.

brios do Brasil, ofendidos pelos loiros filhos da Germânia” e manifestava o desejo de que esse tipo de postura estimulasse os “sentimentos patrióticos” dos homens de Estado, na busca de soluções, com uma “satisfação da afronta” lançada à face dos brasileiros. Em seguida a folha realizava, por meio de informes de outras publicações, um retrospecto dos acontecimentos até então.

Mais uma vez na posição do artigo de fundo, o caso da *Panther* era noticiado nos “Assuntos do dia” do *Eco*⁶¹. Os informes eram novamente fruto de transcrições, com destaque para um relato segundo o qual os oficiais da canhoneira alemã já teriam cometido “indelicadezas e grosserias” em porto nordestino, no qual ancorou “com geral surpresa” para as autoridades e moradores, vendo-se a localidade “invadida pela sua marinhagem desenfreada e arruaceira”. Além disso, tal oficialidade germânica teria se recusado a receber a visita de autoridades públicas locais. Descrevia ainda que a *Panther* visitara Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio, “sem salvar a terra, entrando e saindo quando muito bem queria e entendia”, de modo que “satisfações, respeitos e obediências às autoridades marítimas nunca” teriam sido dados por parte do comando alemão.

Ainda nesse número, o jornal rio-grandino continuava citando a fonte que descrevia os atos da embarcação germânica ao longo da costa brasileira, manifestando-se com veemência ao saudar a ação “enérgica e competente” do Barão do Rio Branco, “que, sendo monarquista”, seria, “todavia, mais patriota e mais amigo do exército e da marinha do que esses republicanos interesseiros e

⁶¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 16 dez. 1905, a. 51, n. 286, p. 1.

desleais”, que pululavam, “visando colocações rendosas”. Outra citação se referia aos “desaforos” dos germânicos, como concernentes com o “desprezo que os europeus ignorantes” dispensavam “sistematicamente” aos que consideravam como “selvagens”, assim como com a “proverbial arrogância dos seus militares”, ao tratarem “com autoridades e povos sul-americanos”.

Na continuidade das transcrições da mesma edição, era citada a necessidade da exigência de satisfações perante “o impenetrável egoísmo das potências europeias”, como fora aquele caso do “imperialismo germânico”, atentando contra os “brios” de uma “nação soberana e independente”. Houve também o destaque para ações do mesmo feitio realizadas na América Central e na Venezuela, demonstrando a manifesta “escola de violência e de terrorismo”, em que tinham sido educados “os louros e barbudos oficiais da *Panther*”. Também no mesmo número, sob o título “Ainda a *Panther*”, foi publicada correspondência assinada por “um assíduo leitor”, buscando desmentir algumas das atitudes imputadas aos comandantes alemães em território venezuelano, propondo que se acalmassem “os ânimos exaltados”, para amenizar o “mal-estar” que vinha predominando.

O desentendimento diplomático alemão-brasileiro voltava a ocupar os “Assuntos do dia”, divulgando várias ações visando ao lançamento de “moção de protesto” contra o ato da oficialidade da *Panther*, demonstrando que “o patriotismo brasileiro, sempre altivo, poderoso e forte”, vinha se expandindo, ao protestar “contra a violação e menosprezo das leis e direitos”, realizados “pelos

tripulantes da nave de guerra alemã⁶². Poucos dias depois, os “Assuntos do dia” se referiam às apreciações do caso da *Panther* no estrangeiro, com alusão à imprensa inglesa, norte-americana, francesa, argentina e chilena, sendo o destaque o posicionamento favorável à causa brasileira, em detrimento da atitude dos oficiais germânicos. Outras transcrições foram ainda realizadas na mesma edição, sob o título de “Ainda a *Panther*: notas e informações”⁶³.

Os “Assuntos do dia” retornavam ao tema, referindo-se a uma provável suavização do conflito diplomático, com um possível reconhecimento do governo alemão, lamentando o incidente e prometendo o castigo aos culpados. Ainda no campo das transcrições, eram trazidos novos pormenores sobre os acontecimentos em Santa Catarina, quando da visita da belonave germânica⁶⁴. Já ao final de dezembro, o *Eco* publicava a matéria “Ainda a *Panther*: notas e comentários”⁶⁵, versando sobre a continuidade das tratativas diplomáticas em busca da solução à querela. Mas o antagonismo para com a atitude dos oficiais germânicos permanecia em pauta com a transcrição de correspondência fortemente indignada contra aquela “gravíssima afronta” que fora “irrogada à querida pátria”.

Após algumas transcrições e divulgação de matéria telegráfica, o *Eco do Sul*, noticiava os caminhos para uma “solução definitiva do Caso da *Panther*”⁶⁶,

⁶² ECO DO SUL. Rio Grande, 18 dez. 1905, a. 51, n. 287, p. 1.

⁶³ ECO DO SUL. Rio Grande, 22 dez. 1905, a. 51, n. 291, p. 1.

⁶⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 23 dez. 1905, a. 51, n. 292, p. 1.

⁶⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 27 dez. 1905, a. 51, n. 294, p. 1.

⁶⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 jan. 1906, a. 52, n. 5, p. 2.

com a possibilidade de o governo alemão “dar satisfação ao Brasil”⁶⁷, manifestando “os protestos de amizade e consideração” ao país sul-americano⁶⁸. Diante dessa circunstância, o jornal publicou o editorial “O Caso da *Panther* – *consummatum est...* – satisfação cabal?”⁶⁹:

Está, finalmente, terminado o lamentável incidente que a imprudência do pessoal da canhoneira *Panther* provocou, determinando um pequeno estremecimento nas amistosas relações que reinavam entre germânicos e brasileiros.

Segundo o nosso telegrama de ontem, o Imperador Guilherme II não só deu minuciosas explicações ao nosso governo, por intermédio da sua legação no Rio de Janeiro, como deplorou o fato e prometeu punir os culpados.

Foi além, ainda, reafirmando as suas simpatias pelo Brasil.

É com verdadeira satisfação que registramos a correta atitude do ilustre soberano alemão, pois ela não só evita futuras complicações sempre prejudiciais e funestas, como restabelece a harmonia entre os dois países amigos.

Contemporaneamente, o Imperador Guilherme muito recomenda com esse ato de rigorosa justiça o seu alto critério de estadista e honradez de caráter, ao passo que dá ao Brasil o ensejo de elevar-se no conceito das nações independentes.

Tão auspicioso resultado já esperávamos e por isso mesmo nos abstivemos de tratar do assunto, antes que a palavra oficial viesse ao encontro da nossa expectativa, provocando os comentários consequentes.

Pode-se agora afirmar que não houve vencidos nem vencedores (...).

⁶⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jan. 1906, a. 52, n. 6, p. 2.

⁶⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jan. 1906, a. 52, n. 8, p. 2.

⁶⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 jan. 1906, a. 52, n. 9, p. 1.

Entretanto, forçoso é confessar que a hipótese há pouco formulada só poderá ter cabimento se, realmente, foram dadas ao nosso governo cabais explicações.

Com a publicação dos documentos relativos ao caso de Itajaí, que deve ter sido feita ontem no *Diário Oficial*, poderemos avaliar das nossas condições ao finalizar o melindroso pleito.

Se as informações ministradas tão amavelmente pelo Kaiser não constituíssem por assim dizer um desmentido quase total a tudo quanto apurou a justiça brasileira – em doze minuciosos e severos inquéritos; se as judiciosas palavras de Guilherme II não tentassem destruir a eloquência dos fatos, tantas vezes constatados; se, finalmente o Imperador Guilherme não quisesse atenuar a falta de seus representantes, diminuindo-lhes as culpas e passando a subalternos a responsabilidade do abuso cometido – certamente não seria lícito alimentar dúvidas ou suposições quanto ao cabal resultado quanto ao cabal resultado das negociações, máxime estando nele empenhado um patriota da envergadura do Barão do Rio Branco.

Contudo, suspendemos qualquer juízo até chegarem os pormenores. A nossa atitude não deve ser, porém, senão de íntima confiança no bom êxito do prélio, há pouco liquidado com honra para as duas partes interessados no mesmo.

A promessa de que serão punidos os culpados, a afirmativa de que o soberano alemão lamenta o ocorrido e os seus protestos de amizade para com a nossa querida pátria, o fato de vir o mesmo navio aos portos do sul saudar o pavilhão brasileiro, são elementos bastante para uma vez convertidos em realidade, garantirem a vitória dos nossos direitos, embora sem quebra de dignidade para o poderoso e civilizado Império Germânico.

Todos os patriotas que se ufanam de amar sinceramente as tradições deste colosso americano que se chama Brasil, devem estar de parabéns com a solução da impertinente pendência, pois mais uma vez foi posta à prova a grandeza dos nossos sentimentos como povo livre e altivo.

O mesmo deverá suceder com os industriais e inteligentes filhos da Germânia, pois libertam-se de uma pecha que ser-lhes-ia desairosa, desmentindo o grande prestígio do país onde nasceram e ao qual se orgulham de pertencer.

Voltou, destarte, a recíproca confiança, de par com as antigas simpatias, que tanto estreitavam nacionais e alemães.

Oxalá, portanto, seja o incidente de Itajaí a última nota sobre esse concerto de sobressaltos a que deram o nome de *perigo alemão*.

Este, cremos, não poderá existir.

A Alemanha deseja e tem necessidade de viver em paz com este país, visto como nele estão radicados muitíssimos e importantes interesses, que dependem de certa calma e segurança para florescerem.

Outro tanto sucede com o Brasil, que necessita do concurso leal, eficaz e sincero de todos os estrangeiros.

Esperemos, por conseguinte, os esclarecimentos que faltam sobre o auspicioso fato que vimos de assinalar, enviando parabéns tanto aos nossos patrícios, como a todos os súditos alemães aqui domiciliados.

Ainda que tenha adotado essa postura de considerar aceitável a solução do Caso da *Panther*, o *Eco do Sul* passou a divulgar posicionamentos de outros periódicos, que revelavam opiniões diferenciadas. Passou então a publicar a matéria “Assuntos do dia – o caso de Itajaí – comentários” e, no primeiro deles, o periódico rio-grandino destacou “de um longo editorial da *Tribuna* do Rio, os seguintes tópicos”, a respeito da questão diplomática⁷⁰:

Há espíritos impacientes que não se acomodam com este desenlace, achando, no seu orgulho exagerado, que a responsabilidade desta afronta cabe por força a alguém e que sobre esse alguém devia pesar de uma forma expressiva a severidade da Alemanha.

Por mais descontos que se façam nas informações relativas ao incidente de Itajaí, um fato subsiste que serve de fundamento à irritação

⁷⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jan. 1906, a. 52, n. 10, p. 2.

desses radicais e vem a ser que, sem contestação alguma, alguns oficiais à paisana, acompanhados de inferiores que vestiam a farda da marinha alemã, andaram de noite pelas ruas de Itajaí no desempenho de uma missão policial (...).

De certo todos pensam que isto constitui um inaudito ultraje à soberania brasileira, porque essa turba de arruaceiros destacada da *Panther* procedeu como se aquela povoação fosse uma reles colônia alemã, fora da proteção de toda lei, e arrogou-se um poder que nem às autoridades nacionais era dado exercitar.

Mas alguns impacientes, na lógica do seu orgulho nacionalista, entendem que se esses oficiais e esses inferiores andaram praticando essas espantosas violências, violando casas e ameaçando os seus moradores, a tais horas da noite, foi porque o seu comandante a isso os autorizou, confiante na impunidade, seguro de que nunca nos atreveríamos a reclamar contra essa medida de um delegado da Alemanha, e de que a se dar essa hipótese, nunca o Kaiser se humilharia a punir um oficial da sua armada em homenagem aos melindres de um exótico povo sul-americano. (...)

Logo o comandante – segundo o raciocínio desses exaltados – é o culpado direto da afronta e a insistência do governo alemão em não o punir equivale a uma falta de satisfação positiva à nação brasileira (...).

A bem dizer, estas ponderações à primeira vista não parecem muito desarrazoadas, mas segundo nos informam, é preciso atender a que sempre mantivemos muito boas relações com a Alemanha, que os filhos desse país são colaboradores preciosos do nosso engrandecimento e que, à vista dessas tradições e destes serviços, não devemos esticar muito a corda, exigindo o castigo de quem tão petulantemente nos ofendeu.

Mistérios de diplomacia, que devemos acatar sem tentar compreender.

Em outra coluna “Assuntos do dia – o caso de Itajaí – comentários”, o *Eco* apontava o comentário de “um cronista”, que, “usando de fina ironia, que

transparece nas mal veladas entrelinhas”, se referia ao “desfecho da Questão *Panther*”⁷¹:

Para o público em geral, este caso da *Panther* termina por uma formidável decepção. Quis o acaso que no momento em que o Ministro do Exterior combinava com o Presidente da República as providências a tomar para uma reparação ao Brasil, gravemente desrespeitado pela petulância dos marinheiros alemães, os nossos melhores vasos de guerra se aprontassem com a maior urgência para seguir em evoluções para o sul, carregados de torpedos.

Foi uma grande infelicidade essa coincidência de aparato de força com o início das reclamações diplomáticas. Todo o país acreditou que esse movimento obedecia a desígnios políticos do eminente Sr. Rio Branco e a imprensa deu força a esse erro incluindo na seção referente ao Caso da *Panther* o aparelhamento e a expedição desses navios. Essa conclusão fez com que o público ficasse na expectativa de uma atitude intransigente, que em caso algum enfraqueceria diante da simples apresentação dos sentimentos de pesar.

De fato, essa mobilização repentina seria burlesca se visasse à intimação da *Panther* antes do debate diplomático. Mas o público não viu esse ridículo, nem os jornais se aperceberam do despropósito. Ao mesmo tempo, a grande imprensa do mundo civilizado capitulava o incidente como uma grave ofensa; capaz de determinar a guerra. Como não havia o povo de confiar numa solução mais eloquente de que a do pedido de desculpas quando a impressão geral era de espanto pela grandeza do agravo?

Resta-nos esta consolação: o Kaiser não pensa ainda em condecorar o comandante da *Panther*. Agradecemos-lhe a gentileza.

⁷¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 13 jan. 1906, a. 52, n. 11, p. 1.

Na mesma linha, em mais uma inserção de “Assuntos do dia – o caso do Itajaí – comentários”, a publicação rio-grandina trazia ao público a posição de “um colega fluminense, deixando transparecer o seu desgosto quanto à solução do Caso da *Panther*”, ao se pronunciar “com certo tom irônico”⁷²:

A este respeito o que há de novo é pouco mas terminante. Os espíritos que por aí andavam alarmados, acreditando que a Alemanha se obstinasse a recusar-nos as devidas explicações, devem tranquilizar-se e dar-se por satisfeitos com a boa solução do incidente. Não só não brigamos como até parece que ficamos mais amigos do que já éramos. Supúnhamos haver responsáveis superiores pelo desacato feito à nossa soberania e que deviam incorrer em pena por esse ato, mas, bem averiguadas as coisas, apuramos que as nossas conjecturas eram erradas e que o comandante da já agora famosa *Panther* não tem culpa alguma das tropelias praticadas pelos marujos às ordens de alguns oficiais.

Lá porque o governo alemão não encontrou quem possa ser culpado, em instância final, por esse atentado, não se segue que por ele venha a sofrer o aristocrático comandante da canhoneira, que, como é sabido, até admoestou a sua gente pela estroina noturna em Itajaí.

Que podíamos exigir, em bom direito, da chancelaria do Kaiser? Que ela não batesse palmas à oficialidade da *Panther* e declarasse oficialmente que nas instruções dadas ao comandante da canhoneira não figurava a de mandar desembarcar altas horas da noite um grupo de marinheiros, guiados por oficiais, para violar o domicílio dos cidadãos abrigados pelas nossas leis e com ameaças de exigir a entrega de um desertor.

Graças a Deus, não foi necessário que tal reclamação formulássemos, porque o governo do Kaiser, com uma espontaneidade gentilíssima, logo que soube das nossas preocupações, se apressou a comunicar ao seu representante diplomático que, se alguma coisa se fizera em Itajaí

⁷² ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jan. 1906, a. 52, n. 14, p. 1.

desagradável à nação brasileira, não fora em obediência a ordem alguma oficial. Ora isso era o que o que pretendíamos saber.

A gente da *Panther* procedeu nessa ocorrência por sua conta e risco, sem ordem do Ministério da Marinha, sem autorização do governo da Alemanha. O caso perdeu assim grande parte da sua importância; não havia um intento especial de desrespeito à nossa soberania, mas simplesmente uma diligência a horas mortas atrás de um marinheiro que não se recolhera a bordo à hora convencionada. Quem pode em bom juízo reclamar outra satisfação além da não solidariedade com a violência cometida?

O governo alemão sente muito o fato e está tudo acabado. O comandante da *Panther* continua a gozar da consideração do Ministério, os oficiais sentem que lhes é mantida a confiança do comandante e os marinheiros, por sua vez, rejubilam com o tratamento bondosíssimo dos oficiais. Um reino de Abrão! Que queria o Brasil? Desculpas? Pois aí as têm.

Vamos por acaso tirar um desforço de quem involuntariamente nos pisou o calco na rua? Não – desde que quem nos causa a dor nos diz que o fez sem querer. A Alemanha fez-nos sentir distraidamente o peso do seu tacão militar; torcemos-lhes a cara pelo desaso mas, como ela nos declara que não foi por mal, cumprimentamo-la e seguimos o nosso caminho, como se nada nos acontecesse.

A publicação rio-grandina divulgou as “notas diplomáticas” divulgadas sobre a questão brasileiro-germânica e, além disso, com uma breve alteração no título da matéria, mas demonstrando a continuidade do interesse no tema, publicou “Ainda o Caso da *Panther* – desfecho triste – comentários”. Segundo o periódico, “parece fora de dúvida que a chancelaria brasileira agiu desastrosamente na questão *Panther*”, ao contentar-se “em atender às intimações do Kaiser, em vez de exigir pronta e enérgica reparação do atentado contra a nossa soberania de povo livre e independente”. Nessa linha,

argumentava que “o desacato que sofremos deu-se em fins de novembro do ano passado e somente a 10 do corrente a diplomacia do Barão Rio Branco anunciou o desfecho do incidente ocorrido em Itajaí”. Para corroborar com tal perspectiva, o jornal citava comentário acerca da “demora da solução dessa ocorrência que tanto agitou e impressionou o espírito público”⁷³:

A nossa soberania foi desacatada, pelo que nos deve a Alemanha uma satisfação à altura da ofensa, se a nação amiga deseja tributar-nos a consideração que entre si mantêm as nações que se prezam, se estimam e se respeitam.

E quanto mais rápida e mais imediata a satisfação, mais lisonjeia o nosso amor próprio nacional, o nosso justo orgulho de nação independente e soberana. A Alemanha nos dará, não temos dúvida, uma satisfação, nem outro coisa é de esperar da sua elevada cultura, mas a satisfação, infelizmente, virá tardia, lenta, demorada, sem a espontaneidade ou a pressurosa boa vontade e cordura que lhe dariam o caráter de completa satisfação, de satisfação verdadeiramente satisfatória, digamos assim.

É o que nos está a arranjar a chancelaria manca e trôpega, a chancelaria boêmia que aí temos a mover-se em impulsos e arrancos desordenados para entregar-se logo após, a longas e preguiçosas paradas e sonolências.

O que há de real e positivo em toda essa questão é o seguinte: o Brasil deu satisfações à Alemanha em vez de recebê-las.

E para tanto conseguir mobilizou a esquadra fazendo-a partir para as águas de Santa Catarina e à última hora declarou ao Kaiser que ela fora a exercícios habituais da nossa marinha.

⁷³ ECO DO SUL. Rio Grande, 18 jan. 1906, a. 52, n. 15, p. 1.

Várias teorias passaram a ser estabelecidas acerca dos acontecimentos no sul do Brasil e o diário rio-grandino chegou a divulgar uma delas, ao publicar “Ecos do Caso da *Panther*”, coluna na qual apresentou alguns tópicos de um editorial de um jornal catarinense⁷⁴:

Sabemos também que, se o comandante não foi até o hotel à frente dos seus marinheiros, esteve pelo menos no cais, dando instruções a um inferior.

É fato provado já que Steinhoff foi preso e levado para bordo: entretanto o comandante da *Panther* informou que Steinhoff fora visto pelos marinheiros numa das ruas de Florianópolis.

A dedução que daí se tira é clara e fácil, vejamos: Preso Steinhoff, foi levado para bordo e aí castigado; na madrugada seguinte, receoso o comandante de algum incidente desagradável por parte do povo, que decerto já saberia do fato e estaria indignado, reteve a bordo Steinhoff e levou-o para Florianópolis, onde o pôs em terra, fazendo-o calar-se por ameaça, dinheiro ou outro meio qualquer, pois não é crível que este ainda ignore o que se passa a seu respeito, e já, de motu-próprio, nesse desejo tão natural em todos nós de vingarmo-nos de quem nos faz mal, não tivesse procurado o seu cônsul ou mesmo em simples conversa com alguém, dito o que se passara a seu respeito.

A partir dessa abordagem, o *Eco do Sul* trouxe em suas páginas as repercussões quanto ao Caso da *Panther*. Embora fosse um periódico fortemente engajado, colocando-se na oposição e mesmo na resistência ao regime predominante no Rio Grande do Sul, por ocasião do desentendimento germânico-brasileiro, o jornal optou por uma postura mais suave, lançando mão

⁷⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 19 jan. 1906, a. 52, n. 16, p. 1.

predominantemente das transcrições, e deixando de lado as opiniões mais exacerbadas. Tal postura advinha da conduta dos oposicionistas sul-riograndenses que visavam até certo ponto a não buscarem um enfrentamento direto com as autoridades federais, na expectativa de que, a partir delas, viesse a ocorrer a tão almejada revisão da constituição sul-riograndense, cujos pressupostos permitiam a continuidade dos castilhistas no poder. Só ao final do conflito, o periódico trouxe alguns comentários em maior profusão, mas, ainda assim, mantendo a prática da transcrição. Apesar dessa posição um pouco mais moderada, quanto àquele tema diplomático especificamente, o *Eco* não deixou de participar da cruzada antigermânica, mormente a partir da seleção das fontes publicadas, em geral defensoras da causa brasileira e condenatórias da atitude dos militares alemães.

Artista

A origem do *Artista*⁷⁵ deu-se na cidade do Rio Grande, no ano de 1862, quando se apresentou com características bem mais próximas dos representantes da pequena imprensa. Semanário dos artistas, propunha-se, em seus primeiros números, a constituir um defensor dos interesses dos artífices, buscando a criação de associações que os congregassem, como uma forma de combater o domínio dos “poderosos” e “aristocratas”. O periódico dos artífices foi fundado por operários de outro jornal rio-grandino o *Eco do Sul*, em cuja tipografia foram impressos os primeiros números da folha semanária, a qual seria publicada às segundas-feiras e dias imediatos aos santificados.

Em seu programa, o hebdomadário dizia que sua missão era a de pugnar pelos interesses do povo, sustentando com eles naturalmente as instituições liberais do país, a dignidade da nação e a liberdade. Argumentava que nenhuma influência local dominava a folha, considerando-se inteiramente independente, porque ninguém pactua com o obscuro artista, de modo que seguiria seu caminho na defesa da classe. Um dos objetivos do jornal, à época de sua fundação, era promover a criação de grêmios que congregassem os artífices, propondo que o artista deveria unir-se a seus irmãos de arte, para a formação de associações em que, cooperando todos com ligeiro óbolo, pudessem juntar recursos para proteger sua classe, ficando assim sobranceiros ao poder do ouro.

⁷⁵ Breve histórico do periódico, realizado a partir de: ALVES, 2002. p. 231-264.

Ainda na década de sua fundação, o periódico passaria por ampla modificação tipográfica e no conteúdo de seu norte editorial, transformando-se em um dos mais importantes diários rio-grandinos, vindo a apresentar-se a partir de então como um jornal de cunho comercial, político, literário e noticioso. Desde o início, demonstrou simpatia pelo Partido Liberal, identidade que manteve durante todo o período imperial, chegando a desempenhar um papel doutrinário na divulgação do ideário liberal, sustentando as ações dos governos sob esta bandeira e colocando-se na oposição às administrações conservadoras. Mesmo que chegasse a afirmar que não constituía órgão oficial do partido, a proximidade com os liberais ficou bem demarcada nas páginas da publicação.

RIO GRANDE
ANNO I
N. 2.

O ARTISTA.

SEGUNDA-FEIRA
23 DE SETEMBRO DE
1862.

Jornal politico, noticioso e critico; é propriedade de Guimarães, Lemos, Cunha, Melo e C., todos operarios do «Echo do Sul», e publica-se ás segundas-feiras e dias immediatos aos santificatos. Recebe-se assignaturas na typographia do «Echo do Sul», á 500 rs. por série mensal. Annuities e mais publicações pelo que se ajustar. — Pagamento adiantado.

O ARTISTA.

No nosso primeiro numero teriamos um artigo sob a rubrica deste jornal, recomendando aos artistas — unio — e a instituicao d'um — gremio — formado por elles, para sua prosperidade, independencia ou accao propria, dando de mão á agitacion politica que muito promete e está realisa.

Hoje desenvolveremos algumas considerações relativas á ideia que avertimos, e as quaes recomendamos á attenção dos leitores, e, com particularidade, aos que forem artistas.

Nas cidades mais populosas da Europa os membros das diversas artes e officios, tem installado associações que protegem os seus interesses, e muitas d'ellas formado — montes-pios — que acoem ao artista ou simples operario quando a enfermidade o acribrua, a fallencia de trabalho o reduz a carcer de quem o alimete, quando uma desliza qualq'ar prepassa o limiar do modesto lar, ou quando mesmo, arrastado por um impulso choleroico, commette um desvario, que a benfica rasto releva, mas que a poderosa manopla da justiça compelle até que a justificação do delinquente seja expressada ou a affronta feita ás leis o á sociedade satisfeta.

E as corporações mantem-se por si, em especialidade, e só em casos melancolicos formam assemblea geral, uma semelhança de dieta, ou no nosso entender um — gremio — onde são discutidas as materias concernentes aos seus variados misteres; a forma pela qual os ramos d'arte, industria ou mechanica podem admitir progresso; e ali se delibera tambem em que sentido deverão ser feitas as representações que lhes proporcionam maior vantagem, assim como os meios que as apresentarão, e se de essario fór, tomarão a sua defesa.

Isto, repetimos, dá-se nas cidades que avallam de população, e, por sequencia, onde tambem ha sobejos artistas.

Nesta cidade, porém, que ia lá, por assim dizer, é nascente, os habitantes resumidos, e n'este caso resumidos tambem os artistas, difficil seria, ou impossivel, inaugurar corporações especiaes, e, em tal conjunctura, a unificação de todos os artistas sob uma unica bandeira constituiria um — gremio — poderoso que não encontraria óbices aos seus ajuzados planos, e proclamaria sua propugnador na camara electiva a mais tarde na vitalicia collegia, sem que, bem conscio do que é a existencia tormentosa do artista, advogaria sua causa com tal animo que lh'a adlocaria.

Talvez haja quem, no meio d'um sorriso, diga:

« Longe está a época em que existam na cidade artistas com habilitações e prestigio sufficientes, para aspirarem a um assento no parlamento.

« Mas, dada essa circumstancia, e compo-se o — gremio — de na jonaes e estrangeiros, de que valerão estes se a nacionalidade lhes esclava o transito da urna electoral? »

Tanto uma como outra reflexão são assinaladas; porque reconhecemos que a esculptura do artista tem sido negligenciada; mas reúnem-se elles em intima communhão, estabelecem um montepio não só limitado a occorrer ás necessidades dos confrades desvalidos, mas igualmente ao auxilio das intelligencias dos filios cujos pais estejam, por qualquer motivo, impossibilitados de assim praticar, e vê-se ha que em breve tempo se creará: mancebos artistas dignos de figurarem na lista dos representantes da nação.

E' justissimo que se tenha em mente, e com profunda convicção, que a geração actual não deve ser egoista; não deve entender que só ella tem de colher o producto do seu trabalho presente, mas sim possuir o generoso pensamento de que tudo quanto era fizer reverteira em beneficio da geração vindoura.

Os artistas estrangeiros, a quem a lei fundamental do proprio prohibe o ingresso na urna, valerão então, e bastante, já proporcionando aos neophylos o concurso da sua bolsa já industriando-os nos ramos d'arte que adoptarem, o assim contribuirão, posto que indirectamente, para formarem tambem advogados dos seus interesses, que se encontram em contacto intimo com os dos naturaes do paiz.

Por em quanto, do que conven tratar é da installação d'um — gremio — no qual se filieem todos os adeptos d'arte o officio, porque estando elle robustecido e sendo as suas deliberações sensatas, o futuro lhe compensará os esforços.

Essevendo essas linhas que ahi vão impressas, temos consciencia do que a phrasa resente-se de pouca ou nenhuma eloquencia, e completa carestia d'arabescos rhetoricos; mas tambem nos accusa a consciencia que para se fallar ao povo precisa-se d'expressões que facilmente possam ser comprehendidas.

E o que tentámos fazer.

COUSAS DOMESTICAS.

Ante hontem vimos estampada nos jornaes da terra uma declaração firmada por diversos commerciantes d'esta praça, na qual diziam que o 5º de patacão só seria recebido por quatro centos e quarenta rs.

Realmente que nos maravilhou smeghante excentricidade, que outro nome não merece, quando principalmente na resumida nomenclatura figuram pessoas que importaram essa moeda em larga escala, comprada a quatro centos rs. e emitida a quinhentos rs., o que já lhes proporcionava o modico lucro de cem rs. ou 25 por cento, e agora estão resólvidos a comprar a mercancia que venderam, por quatro centos e quarenta rs. isto é, lucrando mais sessenta rs., ou na totalidade cento e sessenta rs., em cada moeda 1.

A ideia, para quem ambiciona vantajoso ou opulento resultado é excellentemente, mas o povo que não tem a imaginação tão obscedada como certa gente d'ulgarismos, julga, e pergunta:

- exemplar de *Artista* à época em que era um semanário dos artífices -

A construção discursiva entabulada pelo *Artista* passaria por significativa desestruturação a partir da mudança na forma de governo, uma vez que deixaria de existir o alicerce de seu discurso político, o qual estava moldado de acordo com o jogo partidário das duas agremiações em confronto durante a época imperial. De acordo com a ideia manifesta pelo jornal de confiança na continuidade da Monarquia, a qual, na sua concepção, conseguiria contornar a crise que marcava a vida brasileira, a República foi recebida pela folha com certa indiferença e encarada como uma espécie de fato consumado, advindo daquilo que considerou como fatalidade dos acontecimentos. Ainda que tenha reafirmado que não havia militado junto aos ideais antimonárquicos, propunha-se a cooperar com a nova situação estabelecida. A instauração de um modelo autoritário nas esferas federal e estadual criou ainda maiores embaraços para que o *Artista* se adaptasse às novas circunstâncias políticas, situação que se agravou ainda mais com o espocar da Revolução Federalista, entre 1893 e 1895.

Mesmo após o encerramento da Revolução de 1893, o *Artista* buscou manter seu discurso voltado à imparcialidade e à independência quanto aos partidos políticos. A partir do início do século XX, o jornal passou por uma etapa de completa indefinição editorial, além de publicar artigos e manifestos tanto de governistas quanto de oposicionistas, a folha, em uma espécie de retorno às origens, voltou a tratar de assuntos intrinsecamente ligados ao operariado. Nessa indecisão quanto aos rumos editoriais, o periódico chegou a editar uma “Seção Operária” e artigos doutrinários a respeito do socialismo e das formas de organização dos trabalhadores. Ao completar seu quadragésimo aniversário, o

próprio diário reconhecia as dificuldades que enfrentava, afirmando que a sua publicação atravessava um sem número de obstáculos para manter sua circulação.

Ocorreram desde então constantes tentativas de reorganização da publicação, com a busca por modernizá-la e adaptá-la aos novos tempos vividos pelo jornalismo. Foram anunciadas várias reformas tipográficas e prometidas diversas “novas fases”. Nessa busca de modernização o diário rio-grandino chegou a publicar experimentalmente caricaturas e fotografias nas suas páginas. Apesar das constantes transformações, a crise do periódico aprofundava-se, culminando com seu último ano de existência, no qual assumiu uma postura ferrenhamente político-partidária, em oposição às forças governistas rio-grandenses. Esse posicionamento de natureza política mais exacerbada permaneceu na última fase de existência do periódico que veio a desaparecer no ano de 1912.

ARTISTA

REDACTOR: FRANÇA PINTO

Folha da tarde

PARA DEPUTADO FEDERAL

Dr. Pedro Augusto Macay

Deputado de Honra, presidente do Conselho Municipal de Porto Alegre, Sr. Dr. Pedro Augusto Macay...

Remessa da República

Paraná, em novembro de 1905. O Sr. Dr. Pedro Augusto Macay...

Uma desgracia

GRANJA JOZEFA. O Sr. Dr. Pedro Augusto Macay...

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Replica

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Um artigo

Dr. Pedro Augusto Macay

Por ocasião das reações do *Artista* diante da questão da canhoneira *Panther*, na virada de 1905 para o ano seguinte, o periódico vivia uma nova etapa em sua linha editorial e nas feições gráficas, intentando implementar a alocação de caricaturas em sua página inicial. Tal iniciativa advinha da intenção de adaptar-se aos novos tempos que adentrava o jornalismo, de modo que a inserção de caricaturas representaria uma tentativa de trazer um novo atrativo ao público leitor. Essas mudanças eram encaradas pelo próprio jornal como uma “nova fase”, que foi inaugurada a 15 de dezembro de 1905. Já no editorial dessa data a publicação buscava demarcar os novos rumos⁷⁶. Afirmava a folha que na nova etapa em que entrava, apresentava-se ao público como órgão essencialmente popular, portanto, sem filiações partidárias, indo ao encontro da propalada independência, que se tornava quase que um chavão entre muitos dos jornais da época.

O jornal declarava que pretendia lutar pelo povo e, se o povo lhe tivesse amor, ufano poderia dizer como o nobre cavaleiro antigo que, ao voltar das rudes pelejas, oferecia a fronte ao beijo do Patriarca de Atenas: “Esta é a minha legítima glória”. A folha destacava também que todas as classes, à frente das quais estariam o comércio e a indústria, como sólido fator do progresso que pelo trabalho fecundo e pela atividade criadora engrandeciam o Rio Grande – alvo dileto dos afetos e devotamentos do jornal – teriam as energias e as dedicações do *Artista* para servi-las com desinteresse e altivez. Alertava, porém, que não queria fazer maiores promessas, pois a sua atuação na imprensa do Rio Grande

⁷⁶ ARTISTA. Rio Grande, 15 dez. 1905, a. 44, n. 279, p. 1.

– ação que deveria ser sempre honesta e digna, generosa e elevada – teria mais positiva eloquência do que teriam quaisquer promettimentos que naquele momento fossem feitos.

Uma das primeiras referências do *Artista* à *Panther* foi na forma de breve nota, informando que a canhoneira alemã deveria entrar à barra no dia seguinte, devendo ser recebida por “comissões alemãs” e, após a visitação médica, viria ancorar no porto citadino⁷⁷. Na edição seguinte, o jornal destacava que a embarcação se tratava de uma canhoneira de 1ª classe, podendo ser classificada como cruzador. Explicava que o navio não vinha fazer visita, nem ao país, nem à colônia germânica nele domiciliada, uma vez que estava na América em viagem de instrução e, nesse caráter, não poderia receber festejos ostensivamente públicos, pois navegava em missão oficial, mas privada. Nesse sentido, a folha fazia alusão a uma festa organizada pela colônia alemã, que iria respeitar aquelas condições expressas. Finalmente, o diário rio-grandino esclarecia que a *Panther* não dava salvos nos portos em que chegava, por ser isso expressamente proibido pelo respectivo regulamento, dadas as condições em que viajava⁷⁸.

À chegada da belonave foi noticiada pelo *Artista*, detalhando as embarcações que receberam o navio, contando com comissão da colônia alemã e banda musical. Informava ainda que os consulados e navios surtos no porto tinham se embandeirado, ostentando também bandeiras em suas frontarias

⁷⁷ ARTISTA. Rio Grande, 5 dez. 1905, a. 44, n. 273, p. 1.

⁷⁸ ARTISTA. Rio Grande, 6 dez. 1905, a. 44, n. 274, p. 1.

várias casas comerciais e particulares⁷⁹. No dia seguinte, a folha rio-grandina trazia uma pitoresca notícia transcrita de outro jornal, segundo a qual dois oficiais alemães em Santa Catarina tinham se interessado por cartões postais, em especial por um de uma escola pública na cidade de Joinville. Um deles teria perguntado se naquele estabelecimento seria admitido o ensino da língua portuguesa e, diante da resposta positiva, teria agido grosseiramente, atirando com violência o cartão postal para cima do balcão⁸⁰.

A primeira referência ao desentendimento diplomático ocorreria na edição de 9 de dezembro, quando o “Serviço Especial do *Artista*” anunciava como “grave” e divulgava telegramas da capital federal, informando que em tal localidade a população continuava vivamente impressionada com a ação de busca e apreensão dos oficiais e marinheiros da *Panther* em Santa Catarina. Dizia que a indignação era geral, estando a imprensa a tratar calorosamente o insólito ultraje feito à soberania do Brasil, sendo o governo aconselhado a agir com a máxima energia em desagravo dos brios nacionais, pois o povo estaria a exigir completa satisfação do insulto feito ao país. O jornal fazia ainda referência à ação do executivo brasileiro e à possível preparação de uma esquadra, além de destacar vários boatos sobre uma ruptura de relações entre Brasil e Alemanha⁸¹.

⁷⁹ ARTISTA. Rio Grande, 7 dez. 1905, a. 44, n. 275, p. 1.

⁸⁰ ARTISTA. Rio Grande, 8 dez. 1905, a. 44, n. 276, p. 1.

⁸¹ ARTISTA. Rio Grande, 9 dez. 1905, a. 44, n. 277, p. 2.

Após três dias de interrupção na sua circulação, usados para a preparação de sua reforma editorial, a seguinte incursão do *Artista* ao caso diplomático se daria exatamente na mesma edição na qual a folha anunciava sua “nova fase”, através do artigo “A propósito da *Panther*”⁸²:

O incidente da canhoneira alemã, ora em águas rio-grandenses, foi para o Brasil um bom aviso, embora tenha surgido sob feição grave e alarmante. Foi sob o pavilhão germânico que se fez insólito e brutal ultraje à soberania brasileira, sempre gloriosamente mantida e respeitada. O Império Alemão, que o ódio da França solidarizou há pouco mais de três décadas, é um forte-fraco, porque tem contra ele, em latente rivalidade política e comercial, quase todas as potências europeias e o formidável e extraordinário colosso da América do Norte.

Neste momento não podemos temer absolutamente que contra nós se abata o perigo alemão, muito embora tenha ele ousadamente mostrado as garras...

O que, porém, o Brasil tem a fazer desde já é cuidar seriamente, com todo o interesse e com toda a energia, da sua reorganização militar. (...)

Reorganizar militarmente o Brasil – eis a magna questão que se impõe ao dever e ao patriotismo do governo da República.

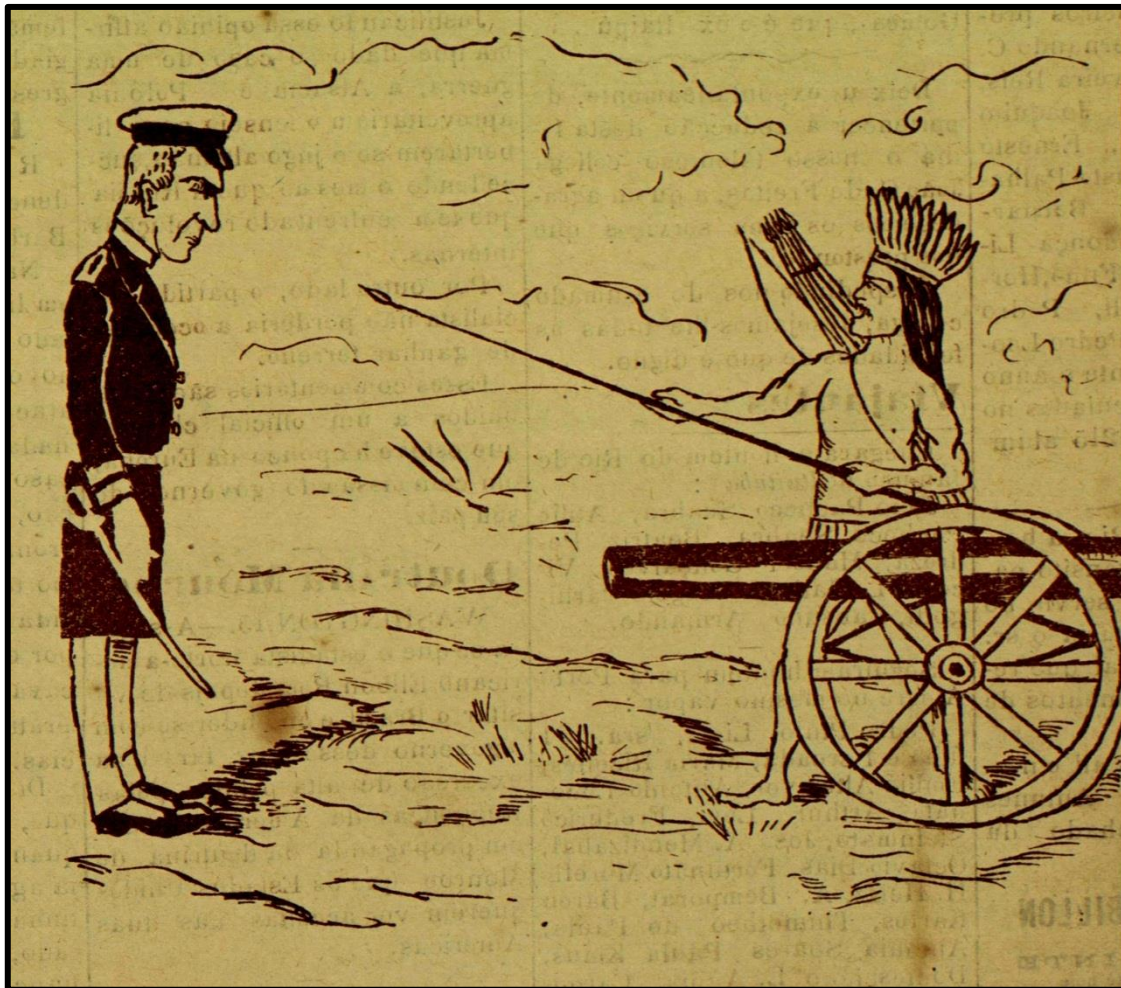
A nossa reorganização militar esta acima de todas as nossas pendências da política interna, está acima de nós mesmos porque é a simbolização da integridade e da grandeza da pátria.

Sejamos, antes de tudo, apaixonadamente brasileiros.

No mesmo dia, o periódico publicava as primeiras manifestações caricaturais a respeito do tema em debate. Em uma das caricaturas era apresentado um indígena, representando o Brasil, que, em postura ameaçadora,

⁸² ARTISTA. Rio Grande, 15 dez. 1905, a. 44, n. 279, p. 1.

de lança em riste e próximo a um canhão, interpelava o comandante germânico exigindo o retorno do indivíduo aprisionado e fazendo um trocadilho com o nome do militar. No desenho, o “Brasil” declarava: “Entregue o Fritz Steinhoff, Sr. Conde de Sarna. Não procure sarna para se coçar...”. A questão diplomática era ainda tratada em outra caricatura, na qual o “Zé Povo”, tradicional representante do homem comum brasileiro, se prestava a ajudar na querela, oferecendo ao Ministro das Relações Exteriores – Barão do Rio Branco – uma tesoura para cortar as asas da ave que pairava no ar, representando o Império Alemão. Nesse sentido, o “Zeca Povo” dizia: “Bravo, Barão do Rio Branco! Tome V. Ex. esta tesoura para aparar as asas da águia alemã... que é uma ave grandíssima!” [Figuras 1 e 2].



- Figura 1 -



- Figura 2 -

No dia seguinte, a publicação rio-grandina editaria um conjunto de caricaturas envolvendo o caso *Panther*⁸³. No primeiro desenho, sob o título “No balanço”, o Barão do Rio Branco era mais uma vez o personagem central de modo que, vestido à gaúcha, o chanceler montava uma pantera, domando-a, sob o aplauso do povo brasileiro: “Bravíssimo, Barão! Agente-se no balanço da **Pantera** e não afrouxe... as esporas...” Outra caricatura sobre a querela diplomática, denominada “Um diálogo”, mostrava dois indivíduos representantes das camadas populares conversando acerca da presença da embarcação germânica e comparando-a com a visita de um navio luso, que teve ótima recepção, e considerado aquele acontecimento como desagradável: “A vinda da *Pátria* foi um prazer. – E a vinda da **Pantera** um desmancha

⁸³ ARTISTA. Rio Grande, 16 dez. 1905, a. 44, n. 280, p. 1.

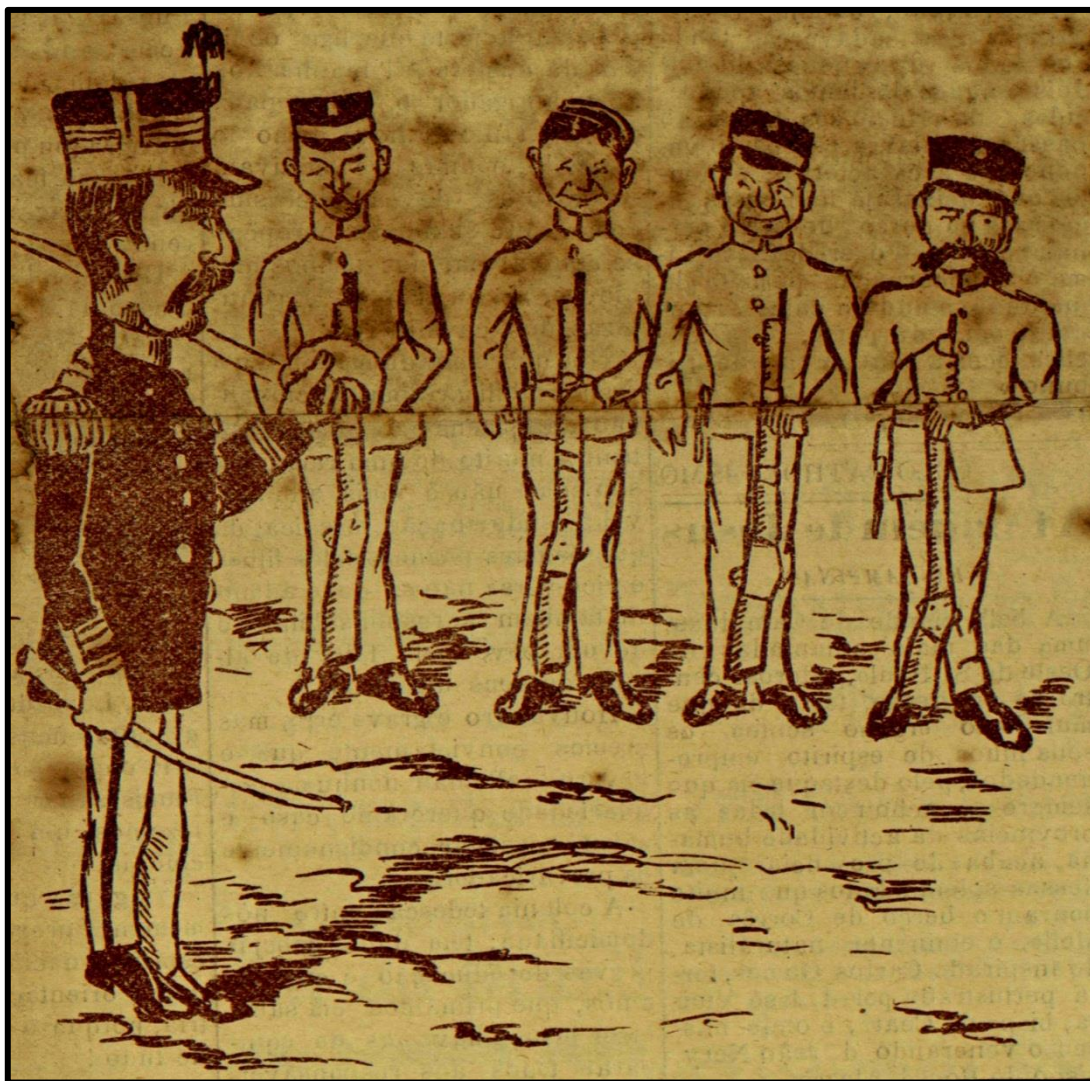
prazeres...”. Um militar brasileiro – “O Tenente Luciano” – era homenageado na gravura que fechava o conjunto da parte ilustrada, buscando demonstrar a mobilização que se estava entabulando naquele caso considerado como agressivo à nação brasileira, diante do qual o personagem estaria a entoar: “Allons enfants de la Patrie... La **Pantera** est arrivèe [Figuras 3, 4 e 5].



- Figura 3 -



- Figura 4 -



- Figura 5 -

Em seguida, o *Artista* publicaria editorial denominado “Uma afronta”⁸⁴, ainda mais carregado de patriotismo, ressaltando a solidariedade com que a população rio-grandense acolhera o seu protesto contra a “irritante provocação” lançada ostensivamente aos mais dedicados sentimentos patrióticos dos brasileiros. O jornal referia-se à campanha pela qual se empenhara apaixonadamente, com a nobre e vibrante paixão do seu patriotismo, ofendido por um estrangeiro ingrato, insolente e audacioso. Explicava que estava defendendo com todas as energias do seu civismo, com toda a grandeza do seu orgulho de brasileiro, uma causa comum, a causa da pátria, a qual era de todos e a causa do Brasil, cuja honra era intangível, ainda mais no caso de tal país que hospedava todos com a mais fidalga e generosa hospitalidade, e, por isso mesmo, tinha o direito de exigir a lealdade e o respeito dos estrangeiros que ali trabalhavam e prosperavam, sob as maiores garantais e liberdades.

O jornal, na mesma edição, demonstrava através de suas páginas que as relações para com a colônia alemã, se não chegavam a estar plenamente tensas, pelo menos continham um desconforto, que pairava no ar. Mais uma vez uma caricatura, denominada “Dois monólogos tristes”, aparecia como estratégia discursiva e imagética para reproduzir os acontecimentos, mostrando dois indivíduos, um reclamando da sua pouca representatividade como cidadão brasileiro e o outro, de origem alemã, preocupado com as repercussões e possíveis consequências para si a partir da querela brasileiro-germânica, afirmando o primeiro: “Sou brasileiro nato, republicano, patriota e com toda essa

⁸⁴ ARTISTA. Rio Grande, 18 dez. 1905, a. 44, n. 281, p. 1.

elegância simples soldado raso da briosa Guarda Nacional, se eu apanhasse um galãozinho...”; enquanto o segundo dizia: “Sou alemão nato e capitão da Guarda Nacional no Brasil! Num caso de guerra, naturalizo-me japonês...” [Figuras 6 e 7].



- Figura 6 -



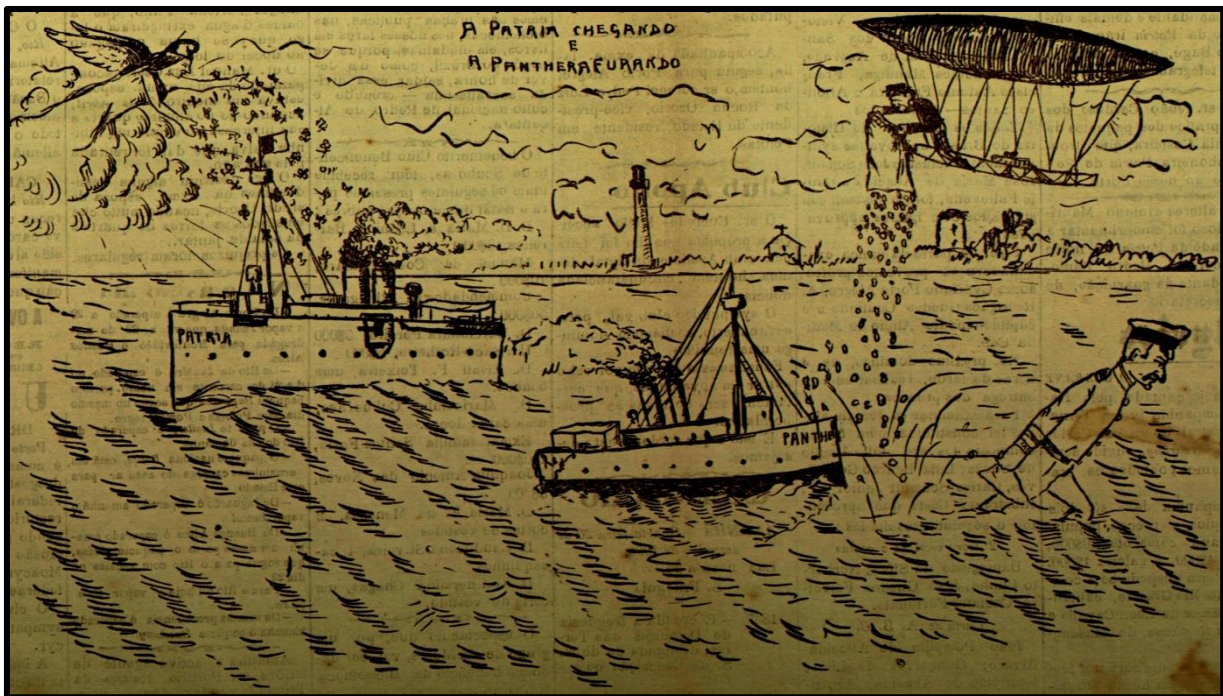
- Figura 7 -

Em matéria intitulada “Inqualificável insulto ao Brasil”⁸⁵, a folha demonstrava também repulsa para com algumas manifestações oriundas da imprensa alemã, buscando desmenti-las. Nesse sentido, afirmava que não poderia haver uma alma brasileira que não se revoltasse indignada diante do vil e inqualificável insulto que ao Brasil lançara um jornal da capital alemã. O periódico rio-grandino qualificava tal folha como um receptáculo abjeto de infâmias, na qual fermentavam os ódios dos inimigos gratuitos da pátria brasileira. Segundo o jornal, esses adversários, na campanha de desrespeito que moviam à terra hospitaleira, que tão fidalga e generosamente acolhera os seus compatriotas, alugavam, a troco de cerveja, para tal serviço ignóbil, os mais reles pasquineiros, cuja vasta estupidez só poderia ser comparada à imensa perversidade que os caracterizava tristemente.

Diante dessas acusações de parte do jornalismo alemão, a publicação da urbe portuária partia em defesa dos homens públicos brasileiros e exclamava que tal insulto ia ao extremo da injúria e da calúnia. Considerava também que esses impropérios deveriam ser recebidos como um aviso que não poderia ser desprezado e pelo qual todos deveriam se esforçar para serem realmente brasileiros, estimando de coração os estrangeiros que eram amigos leais, mas sempre em guarda contra aqueles que tão ingrata e indignamente injuriavam e caluniavam o Brasil. A querela diplomática em torno da *Panther* voltava a ser tema da caricatura do *Artista*, ainda na edição de 19 de dezembro, sob o título “A *Pátria* chegando e a **Pantera** furando”, mostrando uma embarcação portuguesa

⁸⁵ ARTISTA. Rio Grande, 19 dez. 1905, a. 44, n. 282, p. 1.

sob a proteção da “deusa-republicana”, representando a pátria brasileira e sua boa relação com a nação lusa, ao passo que a *Panther*, aparecia inferiorizada, puxada por seu comandante que era alvejado por batatas. A legenda era: “Sob o céu onde resplandece o Cruzeiro do Sul, só podem chover flores sobre a *Pátria*, e sobre a *Pantera* só podem chover... *kartoffel*” [Figura 8].



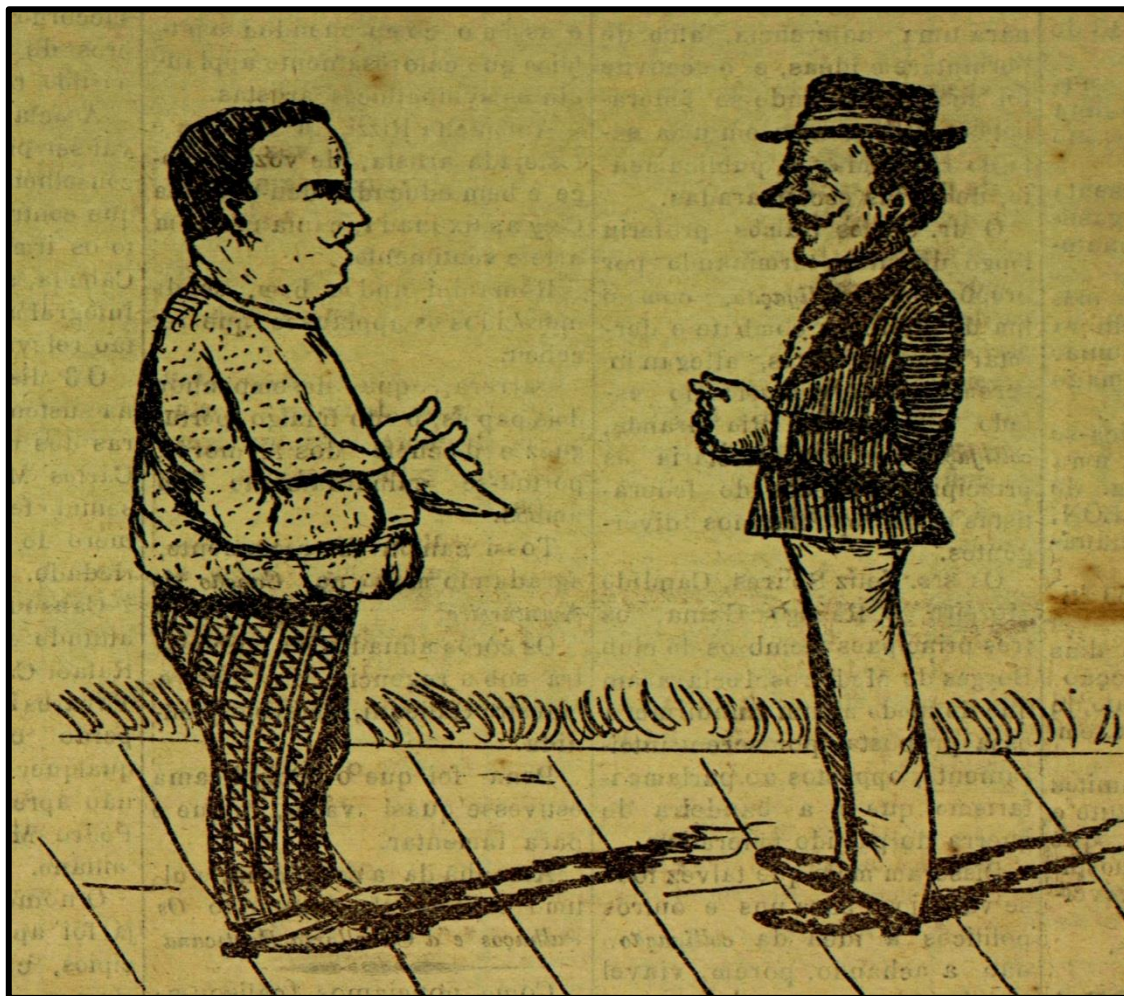
- Figura 8 -

Em novo editorial, alusivo a “Uma afronta”⁸⁶, o *Artista* também entraria em debate com um cidadão alemão residente no Rio Grande que teria defendido a causa germânica por ocasião do tema que servia de pauta à imprensa de então. O periódico rio-grandino contradizia tal indivíduo, para quem o Brasil seria um aldeamento conquistado pelas garras da águia germânica, sem lembrar-se que os brasileiros, na defesa da honra, da independência e da integridade da pátria, seriam heróis como tantos outros que haviam lutado por suas nações. A folha afirmava que se manifestava por amor ao Brasil, cujos sentimentos de hospitalidade eram tão vastos como a sua imensidade territorial, consistindo em um país tão nobre e generoso que tinha o direito de exigir que, quando não o amassem, ao menos o respeitassem. Retomando asseveração anterior, a publicação exortava que todos deveriam tratar como amigos a estrangeiros dignos, que estimassem lealmente a pátria brasileira, entretanto, deveriam ser inimigos, em todo o terreno, daqueles que para o país vinham apenas por espírito de exploração, estando sempre prontos a injuriar aquilo que mais deveria ser prezado – o patriotismo.

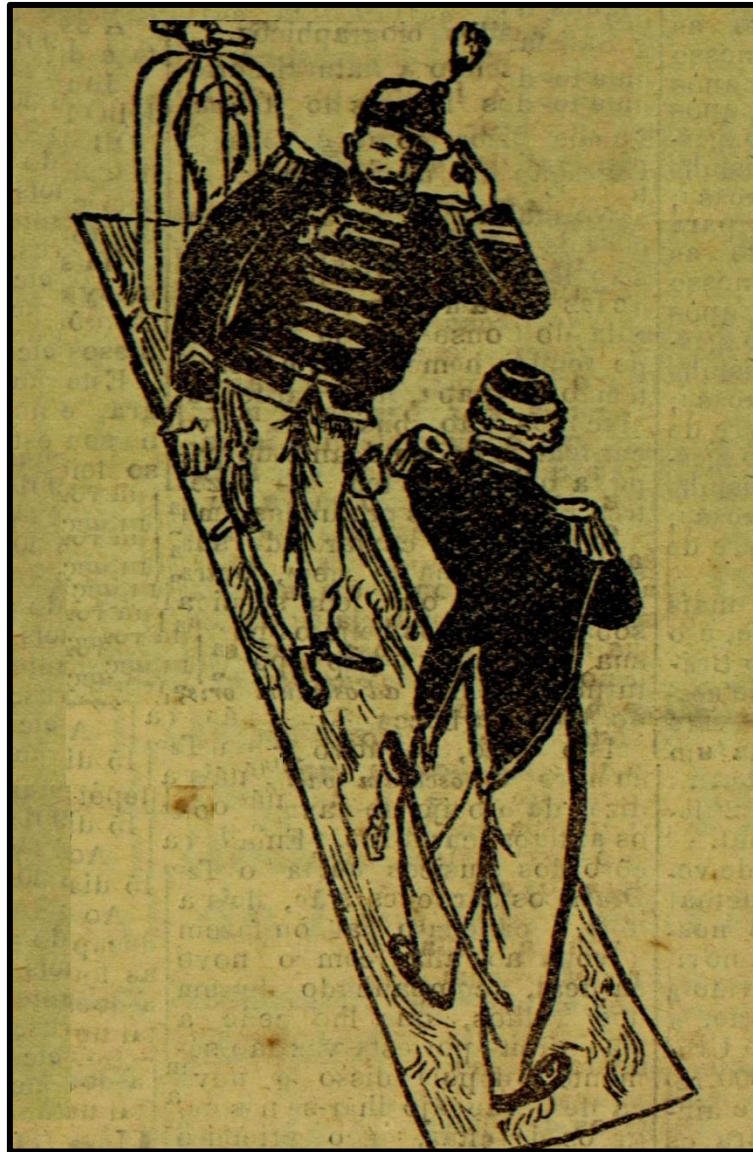
O jornal, no mesmo número, mostrava a boa recepção do público quanto à sua cobertura textual e imagética da questão diplomática com a Alemanha, mostrando dois indivíduos travando um diálogo. Enquanto o primeiro dizia: “Estou gostando do *Artista!* Ou bem somos ou bem que não somos”; o outro respondia: “Pudera, se o *Artista* está aqui pertinho do beco da *cotuberância*, nós cá sempre somos assim: andamos sempre na ponta”. Ainda no clima do Caso

⁸⁶ ARTISTA. Rio Grande, 20 dez. 1905, a. 44, n. 283, p. 1.

Panther, a folha afirmava reproduzir desenho de um periódico alemão, o *Lustiger Baltter* de Berlim, descrevendo diálogo entre dois germânicos, com o título “O insulto ao Brasil”, no qual eram feitas insinuações contrárias a outros países. Em outra gravura publicada no mesmo dia, aparecia o Brasil/índio, que enfrentava o representante germânico, levando em conta o recente embate diplomático. O indígena afirmava: “Você pensava seu Sarna que eu ainda era esse selvagem de 1500 e por isso foi entrando pela minha casa assim como quem entra em terra conquistada, com a sua **Pantera** e tudo. Confesse que eu não sou o que você pensava”. Ao que “o Sarna” respondia: “*Mim*’entrou na sua casa assim, de calças brancas, como quem vai às pitangas, mas logo me vi vestido em calças pardas, e a minha **Pantera** baixou a proa. Vou *furrando*’ seu Brasil!” [Figuras 9, 10 e 11].



- Figura 9 -



- Figura 10 -



- Figura 11 -

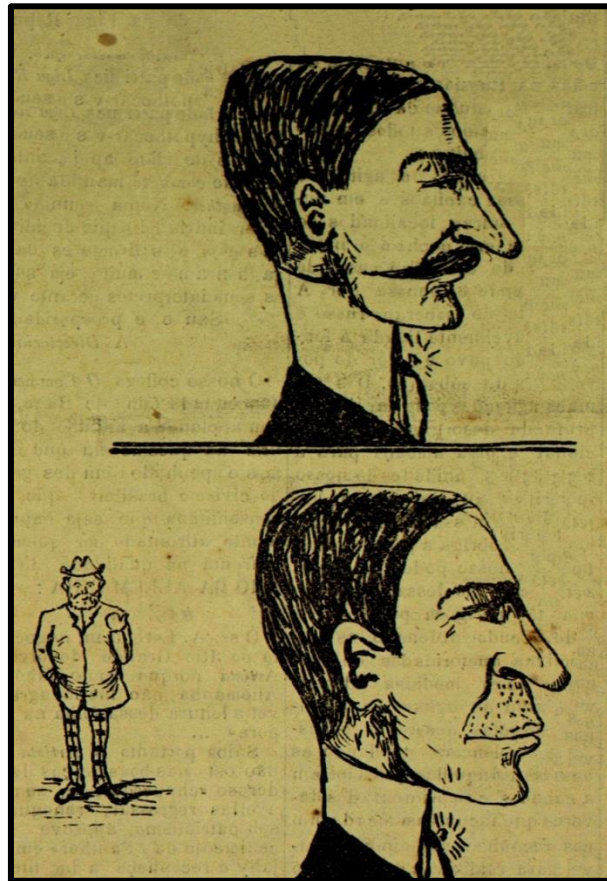
O *Artista*, em novo editorial que mantinha o título “Uma afronta”⁸⁷, prosseguiria na discussão com um cidadão alemão presente na comuna portuária e, ao mesmo tempo em que permeava um debate em relação a tal indivíduo, acabava por defender suas posições a partir de uma perspectiva mais global, contrária ao imperialismo, especificamente o alemão. Concomitantemente, o jornal continuava a criticar matérias publicadas junto à imprensa alemã, declarando que o Brasil vinha acolhendo com a mais altruística hospitalidade os filhos da Alemanha, enquanto que, na capital deste

⁸⁷ ARTISTA. Rio Grande, 21 dez. 1905, a. 44, n. 284, p. 1.

país, era exposto publicamente à maior das ignomínias. Nesse sentido, a folha protestava que o Brasil, terra libérrima e generosa onde trabalhavam e colhiam os melhores frutos da sua atividade tantos milhares de germânicos, era apresentado, na Alemanha, como um valhacouto de ladrões.

Ao justificar o tratamento afável dos brasileiros para com os não-nacionais, o jornal lançava mão de vários exemplos dessa boa receptividade, buscando demonstrar que o brasileiro sabia ser eternamente grato àqueles que amavam esta “grande terra”. Nesse sentido, explicava que teriam sempre o respeito nacional os estrangeiros que trouxessem para o país o braço para trabalhar e o coração para amar, e, do trabalho e do amor, fizessem os elos doces e fortes que os solidarizassem à pátria brasileira. Na mesma edição, a querela Brasil – Alemanha mais uma vez aparecia traduzida em caricaturas. Em uma delas, intitulada “A moda pelada”, um homem aparecia com um longo bigode, dizendo: “Eu era assim”; para depois escanhoar os pelos, justificando: “Mas por amor à moda fiquei assim”. Era uma clara alusão ao caso da *Panther*, tanto que, ao fundo, aparecia um “alemão”, que opinava: “Não gosto desta moda, que é uma introdução norte-americana e inglesa”. Em outro registro iconográfico, denominado “Comentários”, dois brasileiros conversavam sobre as observações na imprensa acerca do caso brasileiro-alemão, tecendo severas críticas aos germânicos, dizendo um deles: “E o desaforo do jornal alemão que nos chama de ladrões”; ao passo que o outro complementava: “Que patifaria! Aquilo só a *kartoffel*”. Na outra gravura, intitulada “Dois símbolos”, usando uma dama e uma pantera para simbolizar dois navios que visitavam o Brasil, um luso e o outro a própria

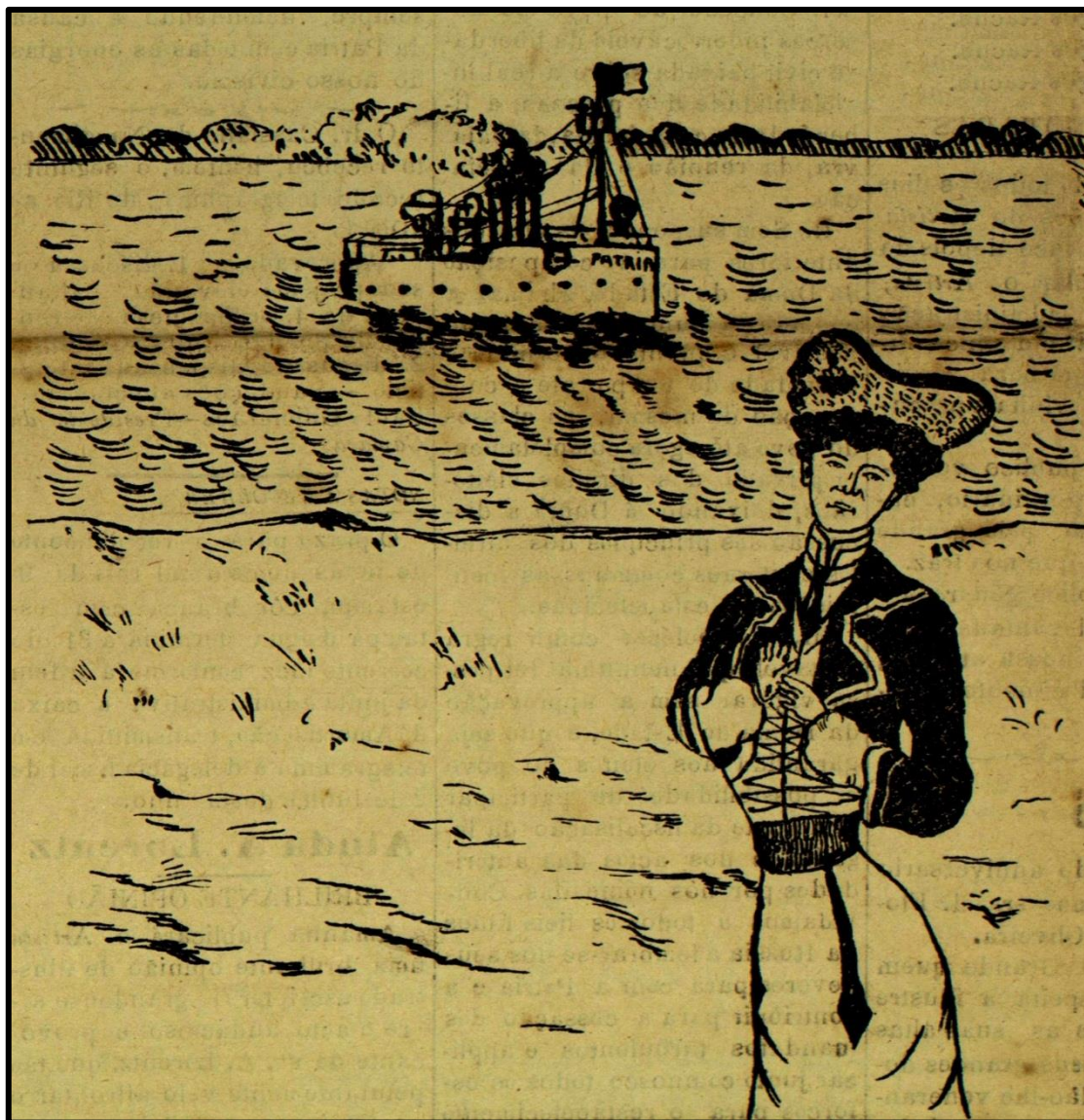
canhoneira em questão, o periódico buscava chamar atenção para a civilidade da ação da primeira, que dizia: “Eu sou a *Pátria*. Simbolizo o amor”; e, ao mesmo tempo, a ferocidade imperialista da segunda, ao afirmar: “Eu sou a *Pantera*. Represento a fereza” [Figuras 12, 13, 14 e 15].



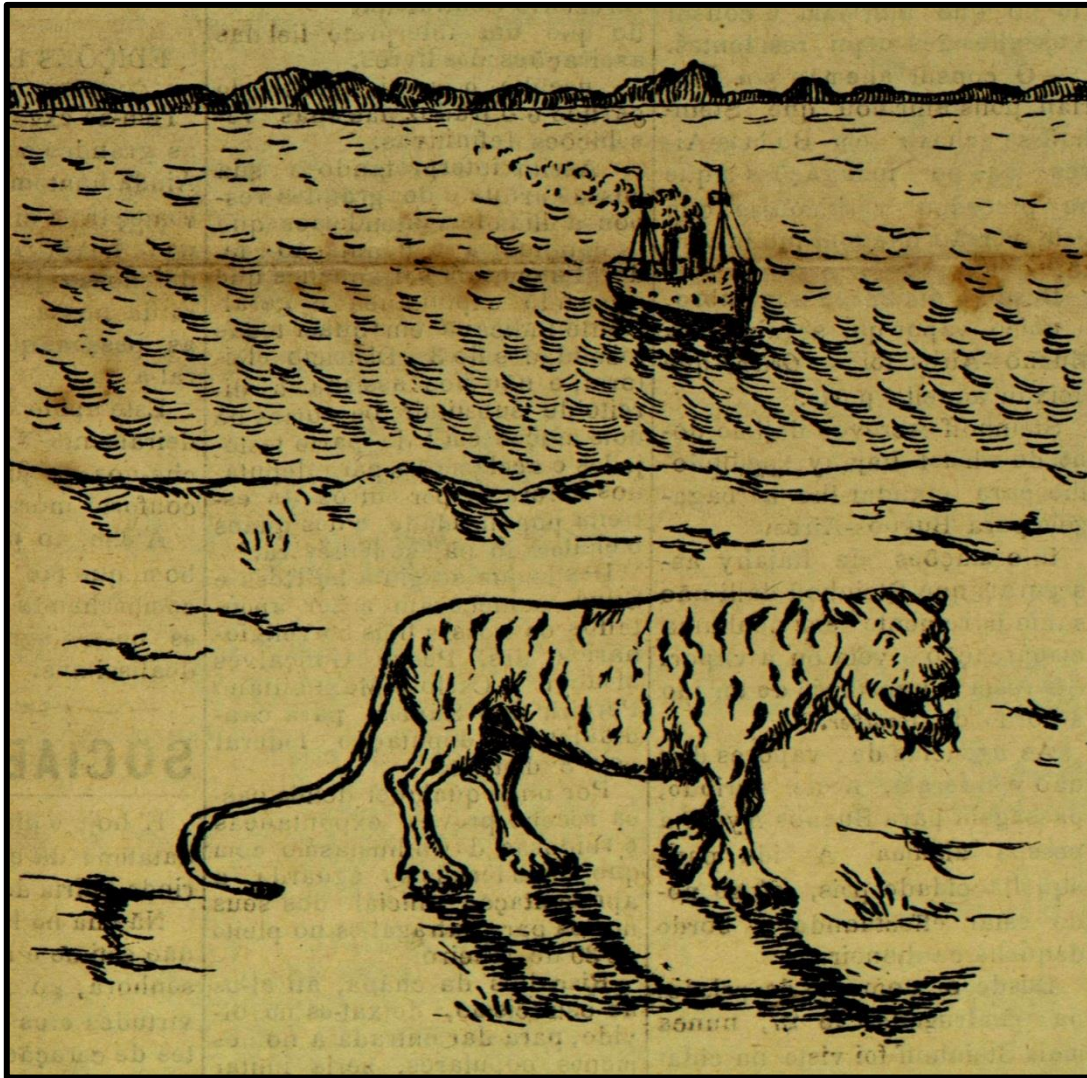
- Figura 12 -



- Figura 13 -



- Figura 14 -



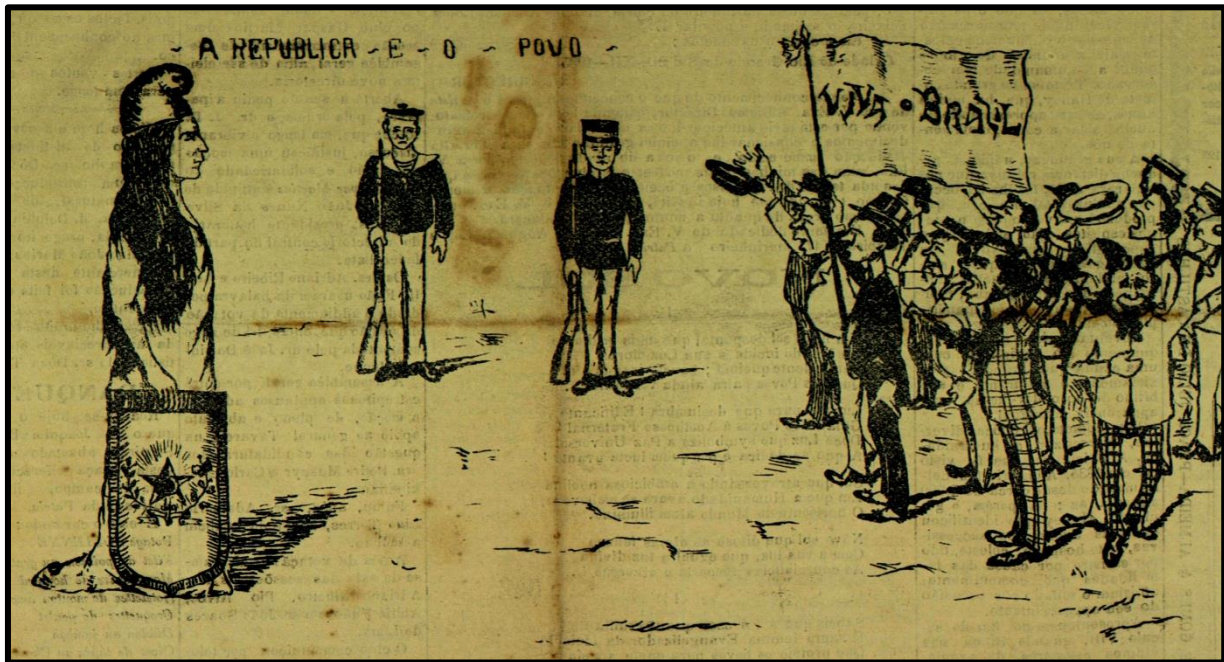
- Figura 15 -

Outra matéria publicada pelo *Artista* tratando daquela questão internacional tinha por título “*A Panther – notícias oficiais*”⁸⁸, na qual a folha fazia referência à troca de correspondências governamentais e audiências entre os dois países envolvidos no litígio. Uma das grandes preocupações do periódico era demonstrar o quanto fora violenta a ação dos alemães quando no solo brasileiro, em Itajaí. Há referências à reação daqueles acontecimentos nos Estados Unidos, onde se trabalhava com a retomada mais firme dos ditames da Doutrina Monroe e mostrava-se uma certa desconfiança pela presença dos militares daquela canhoneira exatamente em uma região de ampla colonização alemã. Nesse sentido, a folha chegava a conjecturar que poderia vir a ser provável que, em consequência do incidente, o Brasil dali em diante dificultasse a colonização alemã nos seus estados do sul.

Vários jornais estrangeiros são citados e, na sua maioria, a discussão girava em torno da possibilidade daquele episódio em terras brasileiras estar refletindo um processo bem mais amplo, ligado à oposição entre o imperialismo estadunidense e o germânico. Nesse sentido, se estaria a cogitar da intenção norte-americana de buscar diminuir a influência alemã no sul do Brasil, ou ainda que a atitude dos germânicos em Itajaí tivesse sido feita de modo deliberado, no intento de verificar os alcances da Doutrina Monroe. Na seção ilustrada publicada na mesma data, o *Artista*, em “A República e o povo”, voltava ao assunto da *Panther*, intentando demonstrar que havia uma mobilização popular em torno da questão. Na caricatura, a representação da nação, através

⁸⁸ ARTISTA. Rio Grande, 22 dez. 1905, a. 44, n. 285, p. 1.

da “deusa-republicana”, mulher de barrete frígio e com o escudo nacional, dialogava com o povo que, mobilizado, pedia providências, diante da ação alemã. Nesse quadro, o “Povo” declarava: “Espero que há de sair do caso da *Panther* com uma dignidade tão pura quanto a honra de uma virgem”; diante do que “*A República*” sentenciava: “Hei de sair de porto em branco, porque embora o caso seja preto, fala por mim o Rio Branco”, em direta alusão ao responsável pela pasta dos assuntos exteriores [Figura 16].



- Figura 16 -

O periódico rio-grandino publicaria também, na posição editorial, uma correspondência recebida em apoio a suas posições diante da questão em debate naqueles dias finais de 1905, mormente no que tange às críticas que recebera de um cidadão germânico. Sob o título “Nobre atitude (carta para o *Artista*)”⁸⁹, eram destinados cumprimentos entusiásticos à “intemerata” redação do jornal, pela maneira altamente patriótica com que estava combatendo, de luva de pelica, mas com a máxima energia o *germanismo* “egoísta e insolente” de um súdito do Kaiser. Segundo a missiva, restava saber se tal sujeito falava por si ou, se na sua petulância, era o órgão dos sentimentos dos seus compatriotas. Afirmava ainda que os brasileiros deveriam ser muito bons para os estrangeiros dignos, que sinceramente estimavam o Brasil, ao mesmo tempo em que deveriam estar sempre de alcateia àqueles que fizessem vida completamente à parte da nacional. Os aplausos à “velha folha rio-grandense” prosseguiam, tendo em vista o entusiasmo com o qual ela defendia o pensamento da pátria.

O autor da carta que o jornal dizia ter recebido era identificado apenas pelas iniciais “G. O.” e ele era bastante alarmista quanto ao comportamento dos alemães presentes no Brasil, afirmando que, nas colônias dessa nacionalidade, o ensino da língua portuguesa era hostilizado sistematicamente, diante do que indicava a necessidade de providências governamentais. Nesse sentido, sentenciava que o governo deveria voltar as suas vistas para as colônias alemãs, a fim de que não se tivesse de lamentar, mais tarde, a “completa germanização” daquela imensa região colonial. E voltava a enfatizar o incidente

⁸⁹ ARTISTA. Rio Grande, 23 dez. 1905, a. 44, n. 286, p. 1.

da *Panther* como um exemplo que estaria a falar por si só, sendo expressiva de más intenções a maneira pela qual se comportaram os militares germânicos em Santa Catarina. Diante disso, o missivista concluía que todo o cuidado era necessário naquele momento em que a atitude alemã tão gravemente ultrajara a soberania, alarmando de norte a sul todos os brasileiros.

Ainda nessa edição, a publicação rio-grandina buscava demonstrar que a soberania nacional estava sendo honrada com os rumos que tomava o caso *Panther*, uma vez que, na sua concepção, a “pantera alemã” saíra derrotada pelo Brasil e chegava a fazer uma anedota envolvendo a questão. As caricaturas mais uma vez reproduziam tal sentimento, como “De lata à cauda”, que mostrava a cena em que – tal qual havia o costume de fazer com os cães vira-latas – a “pantera alemã” aparecia com uma lata amarrada ao rabo e sendo apedrejada, sobre a legenda: “E foi assim que a *Pantera* furou: Com uma lata à cauda...”. Na mesma linha, o “Zé Povinho” comemorava a retirada da embarcação alemã, qualificando o ato como uma vitória brasileira, ao afirmar: “Eu regozijo à saída da *Pantera*, solto o meu foguetinho... sem bomba”. Em “quadrinhos anedóticos”, denominados “Não me comprometa...”, o jornal mostrava o diálogo entre um credor e um devedor, fazendo aquele uma série de xingamentos em relação a este, que aguentava a todos, menos o de ser chamado de *Panther*. A conversa compreendia o seguinte conteúdo: “–Pague-me esta conta, já é tempo. – Não amole! – Que cara dura! Mas já me pague! – Venha cá seu parreheiro... – ... Seu canalha caloteiro... – Seu patife sem vergonha... – ... Seu

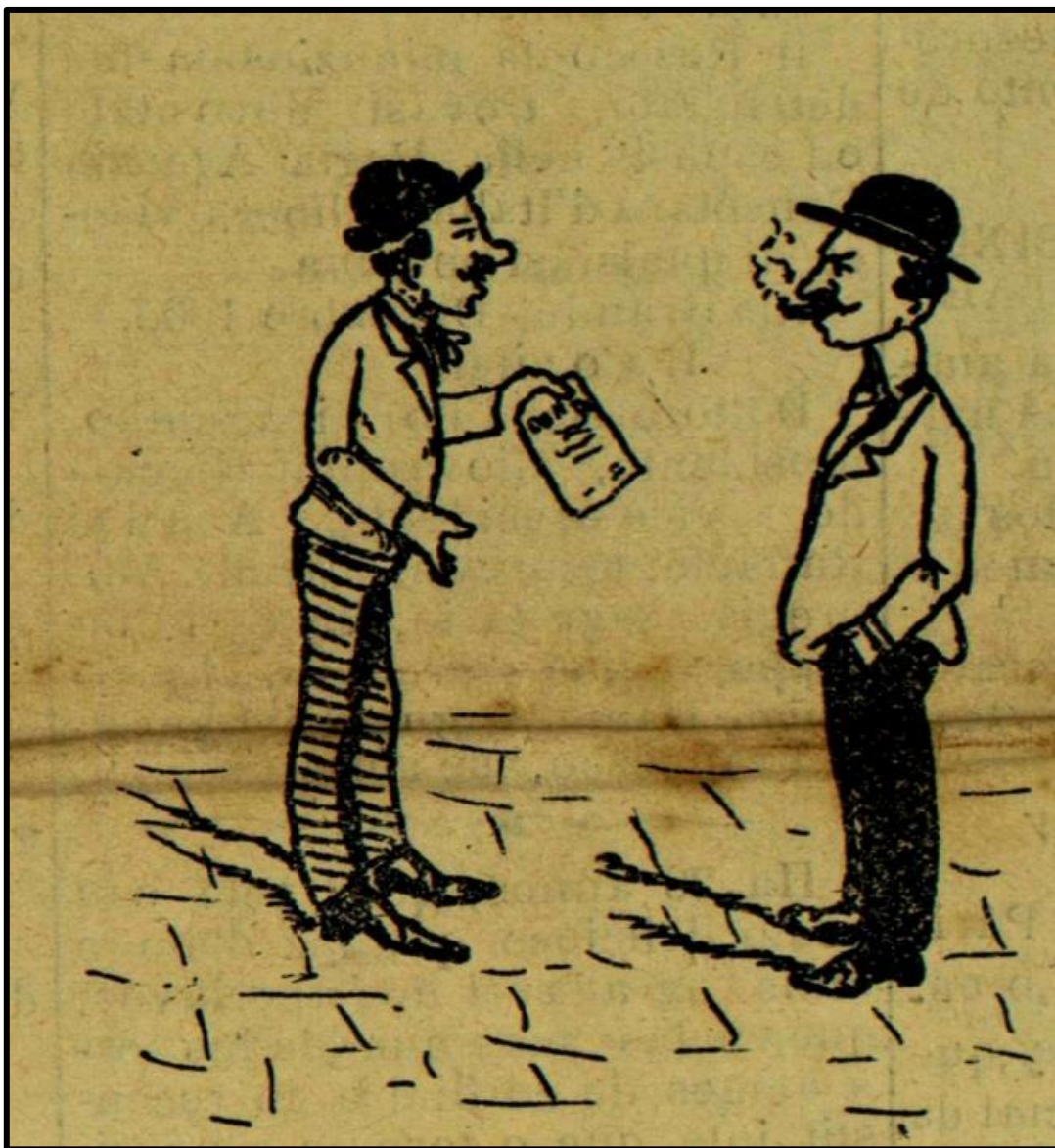
Panther! – Que é que você me chama? – *Panther!* – Não me comprometa! Pague-se!” [Figuras 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25].



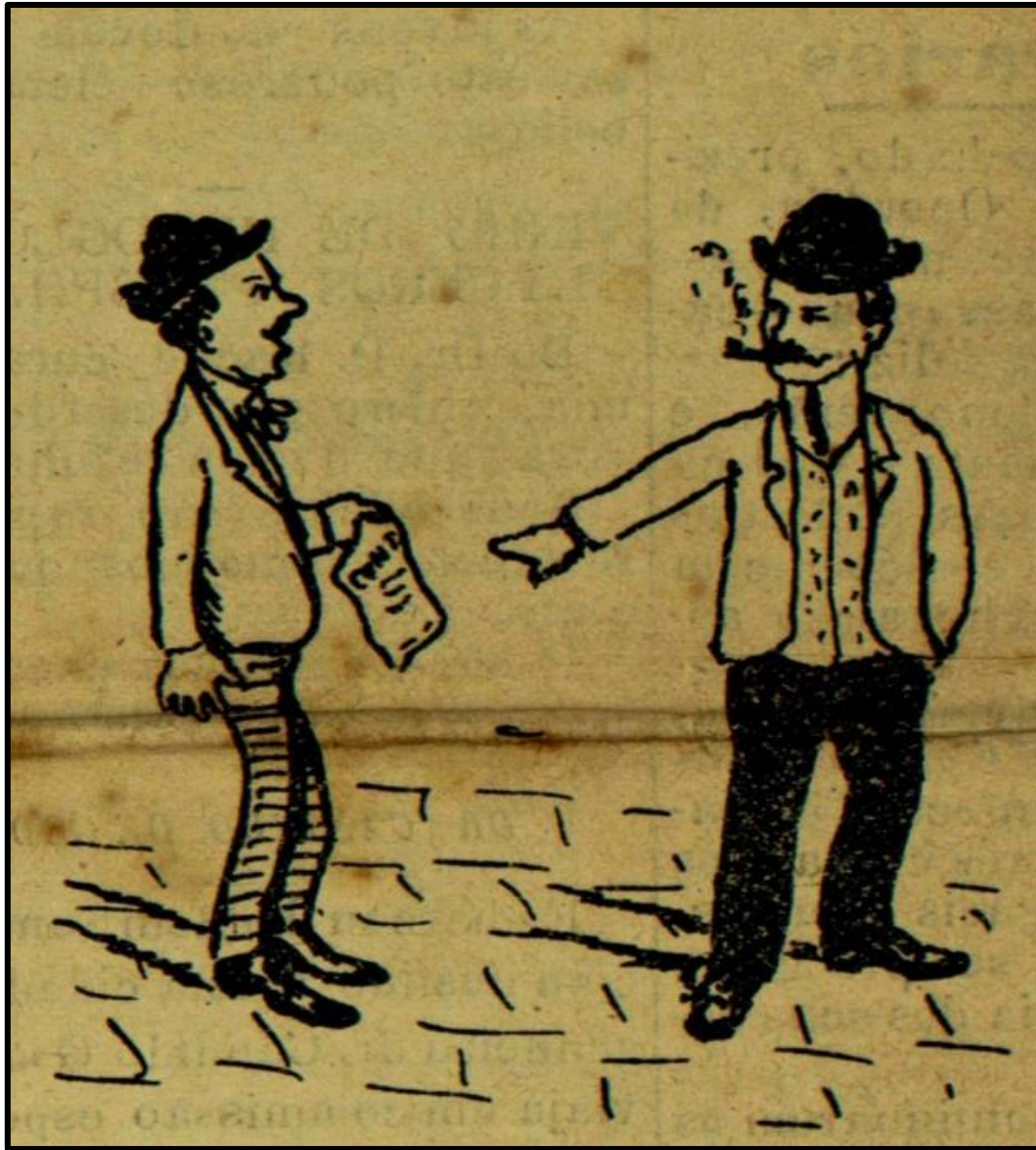
- Figura 17 -



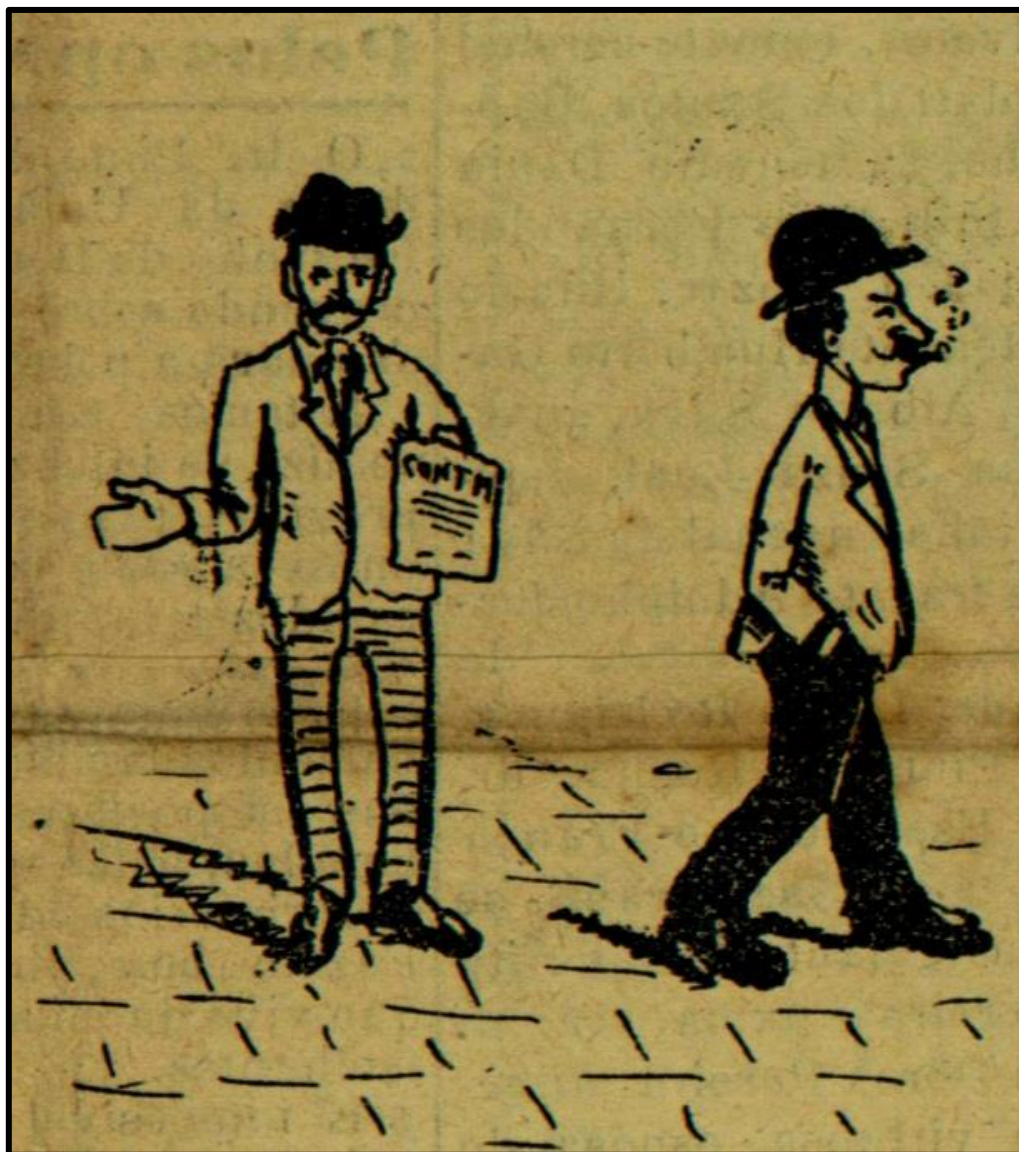
- Figura 18 -



- Figura 19 -



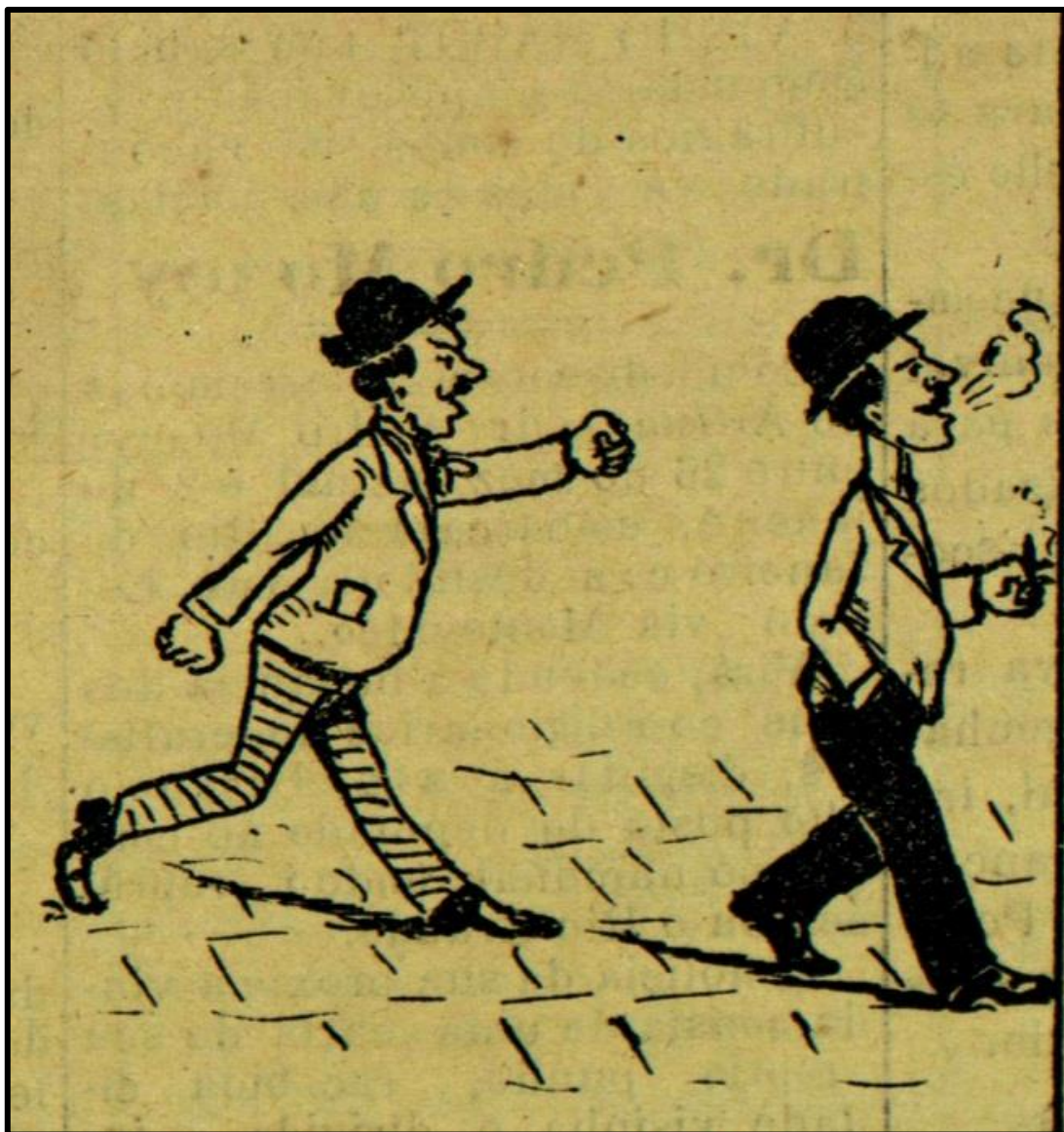
- Figura 20 -



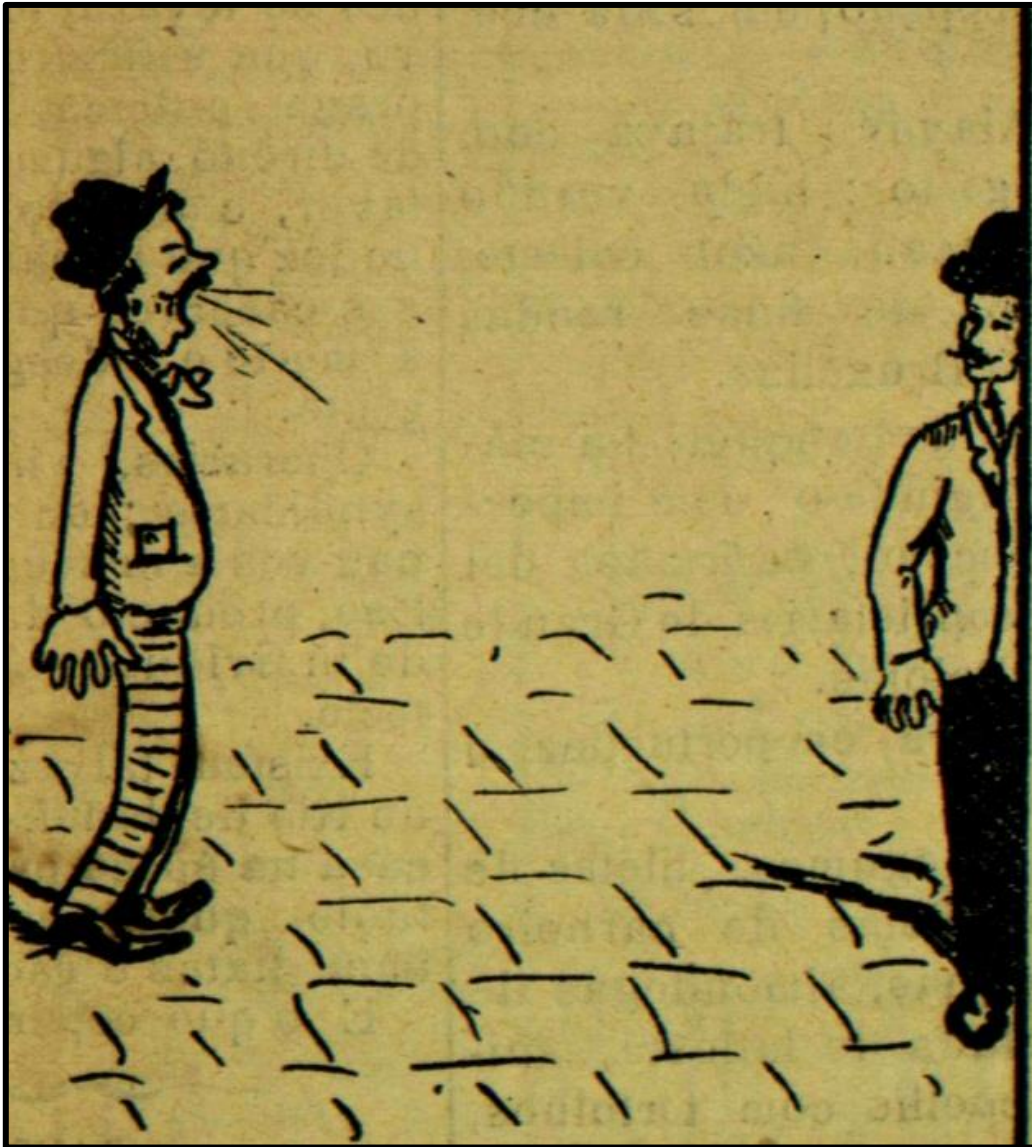
- Figura 21 -



- Figura 22 -



- Figura 23 -



- Figura 24 -



- Figura 25 -

Já nos últimos dias do ano, após o natal de 1905, a folha da urbe portuária publicava o editorial “O nosso apelo à colônia alemã”, no qual fazia referência à necessidade de uma manifestação pública de tal grupo, diante da atitude dos oficiais germânicos da *Panther* e do indivíduo que se identificava como um “filho da Alemanha” e que criticara as posições do *Artista*. Segundo o periódico, perante o seu “apelo franco e leal”, praticado em nome do “civismo insubornável”, a colônia alemã cidadina ainda não havia se pronunciado sobre aquela “acintosa e provocante” afronta feita aos mais respeitáveis e dedicados sentimentos patrióticos dos brasileiros. Enfatizava ainda que tal insolência não poderia ser sancionada pelo silêncio da colônia alemã, sob pena de ser ela solidária com quem afrontara ousadamente os sentimentos cívicos nacionais. A seção editorial era concluída incisivamente, manifestando a publicação que não acreditava que o silêncio continuasse a ser a resposta daquela colônia ao apelo de honra que estava sendo-lhe feito em nome do civismo ultrajado dos brasileiros⁹⁰.

O *Artista* ainda voltaria ao tema da *Panther* ao longo dos dias derradeiros de 1905, através de uma série de caricaturas. Dentre tais manifestações, se fizeram presentes às comemorações e as repercussões diante do tema, bem como as pequenas histórias, chistes e piadas do dia a dia em torno da questão. Nessa perspectiva, o jornal, mostrando o “depois” e o “antes”, apresentava um indivíduo que emagrecera, por perder a “pantera” da barriga, dizendo em cada uma das fases: “– Fiquei assim: tão murcho e tão fino que até posso servir de

⁹⁰ ARTISTA. Rio Grande, 26 dez. 1905, a. 44, n. 287, p. 1.

palito. No entanto, andava assim: Porque tinha a **Pantera** na barriga”. Já em “O pranto dos três”, eram apresentados três homens que teriam ficado em situação pouco confortável naquela época, chorando diante da situação: “Foi-se a **Pantera** e nós ficamos no “mato” sem ela...”⁹¹ [Figura 26, 27 e 28].

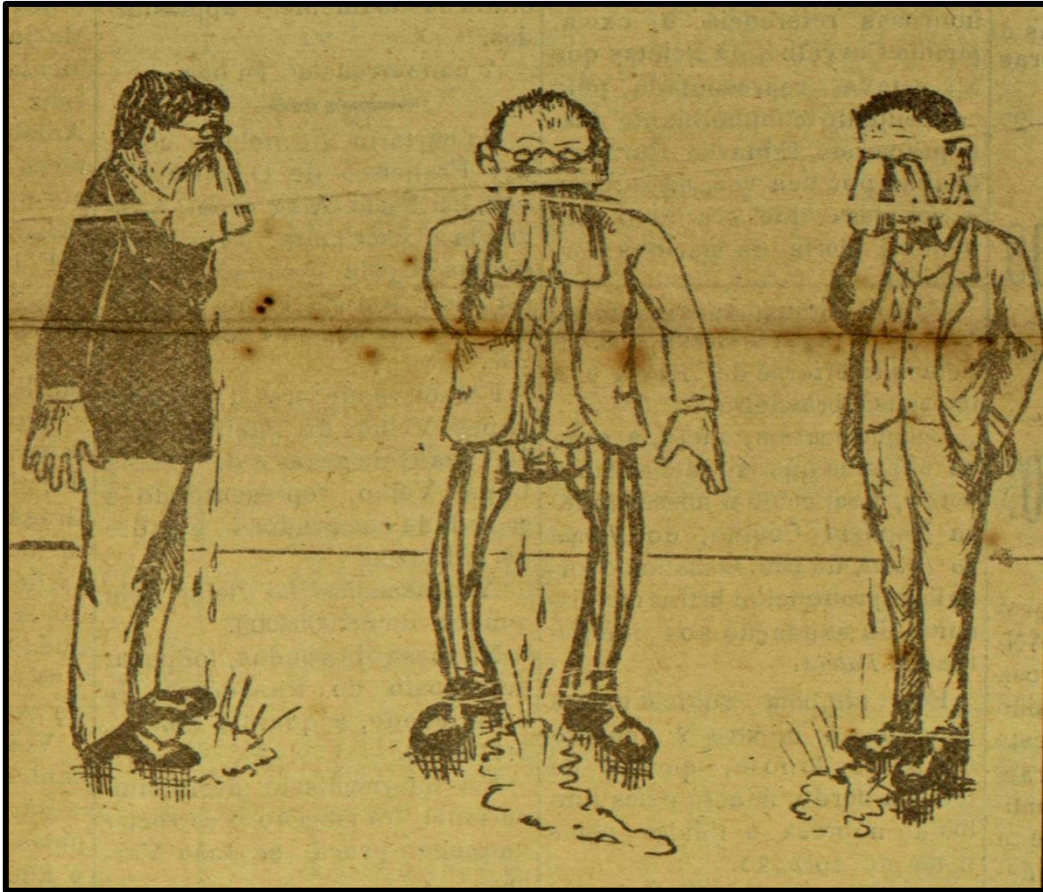
⁹¹ ARTISTA. Rio Grande, 26 dez. 1905, a. 44, n. 287, p. 1.



- Figura 26 -



- Figura 27 -



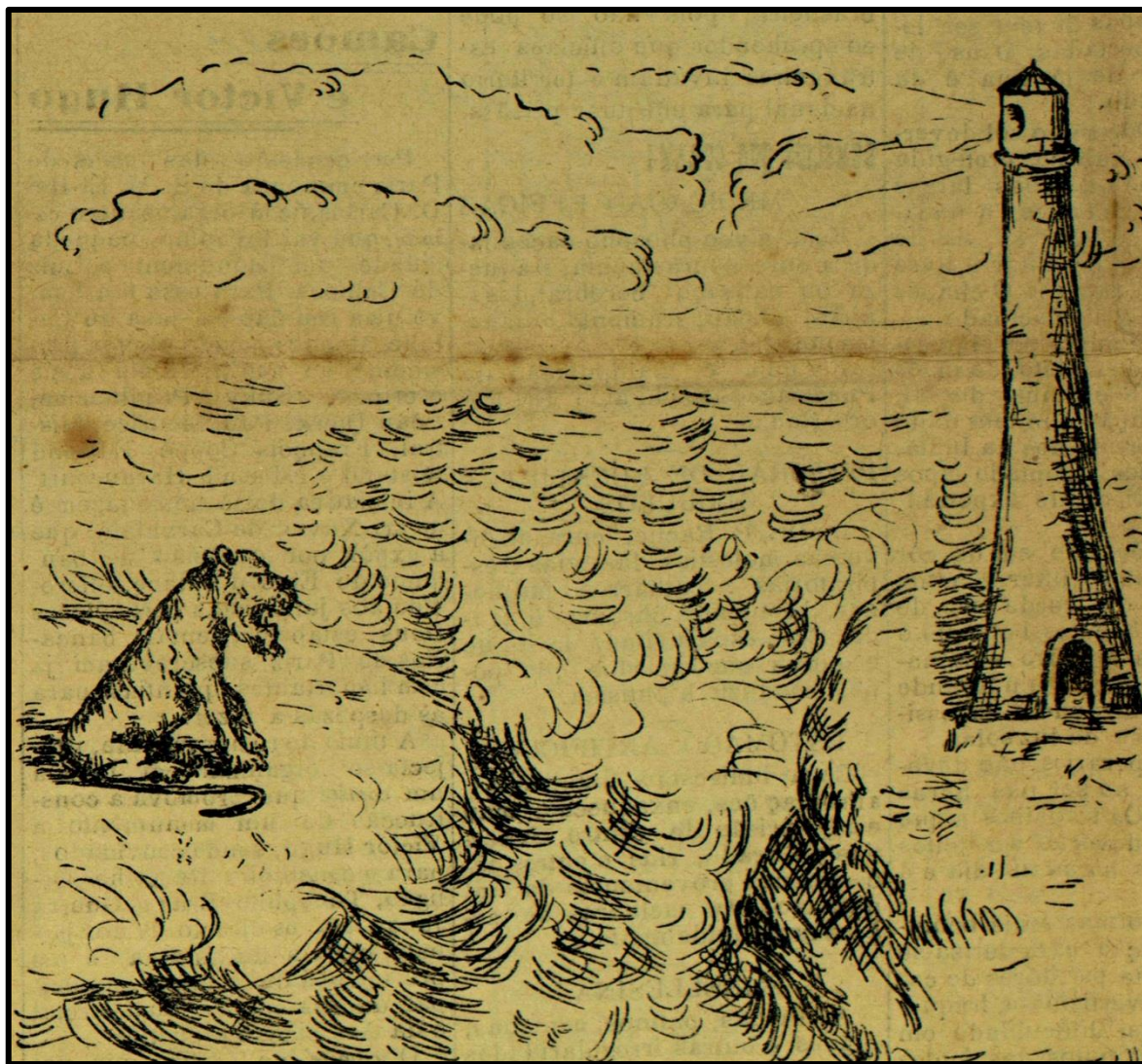
- Figura 28 -

O caso da canhoneira *Panther* seria o protagonista nas caricaturas da folha rio-grandina também por ocasião de uma perspectiva caricatural da entrada à barra do Rio Grande, apresentando desenhos que representavam a aproximação da embarcação germânica do litoral rio-grandense. Assim,

enquanto, “Na barra” era afirmado: “É que a *Pantera* não quis ficar esperando sentada num banco”; ao passo que, “No cais”, ficava dito: “Foi-se afinal a *Pantera* e a barra fez uma coisa mal feita: custou a dar-lhe saída”⁹². Assim, o mote editorial continuava sendo a querela diplomática, com a Alemanha a qual foi demonstrada através de “A punição do Sarna (algumas das explicações que a Alemanha deveria dar ao Brasil)”, um quadro dividido em seis caricaturas, todas referentes às formas pelas quais o representante germânico implicado na questão da *Panher* deveria ser punido: – Deve a Alemanha: – Dar-lhe bolos para que estude melhor as lições de direito internacional. – ... mimoseado com puxões de orelha para não ser malcriado...”. E também: “– Brindá-lo com chá de marmeleiro em lembrança de Fritz Steinhoff. – Fazê-lo conhecer esse exercício higiênico para suar... o topete... – Deixá-lo a pão e água... – E... mandá-lo para os *herreiros*”⁹³ [Figuras 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36].

⁹² ARTISTA. Rio Grande, 27 dez. 1905, a. 44, n. 288, p. 1.

⁹³ ARTISTA. Rio Grande, 28 dez. 1905, a. 44, n. 289, p. 1.



- Figura 29 -



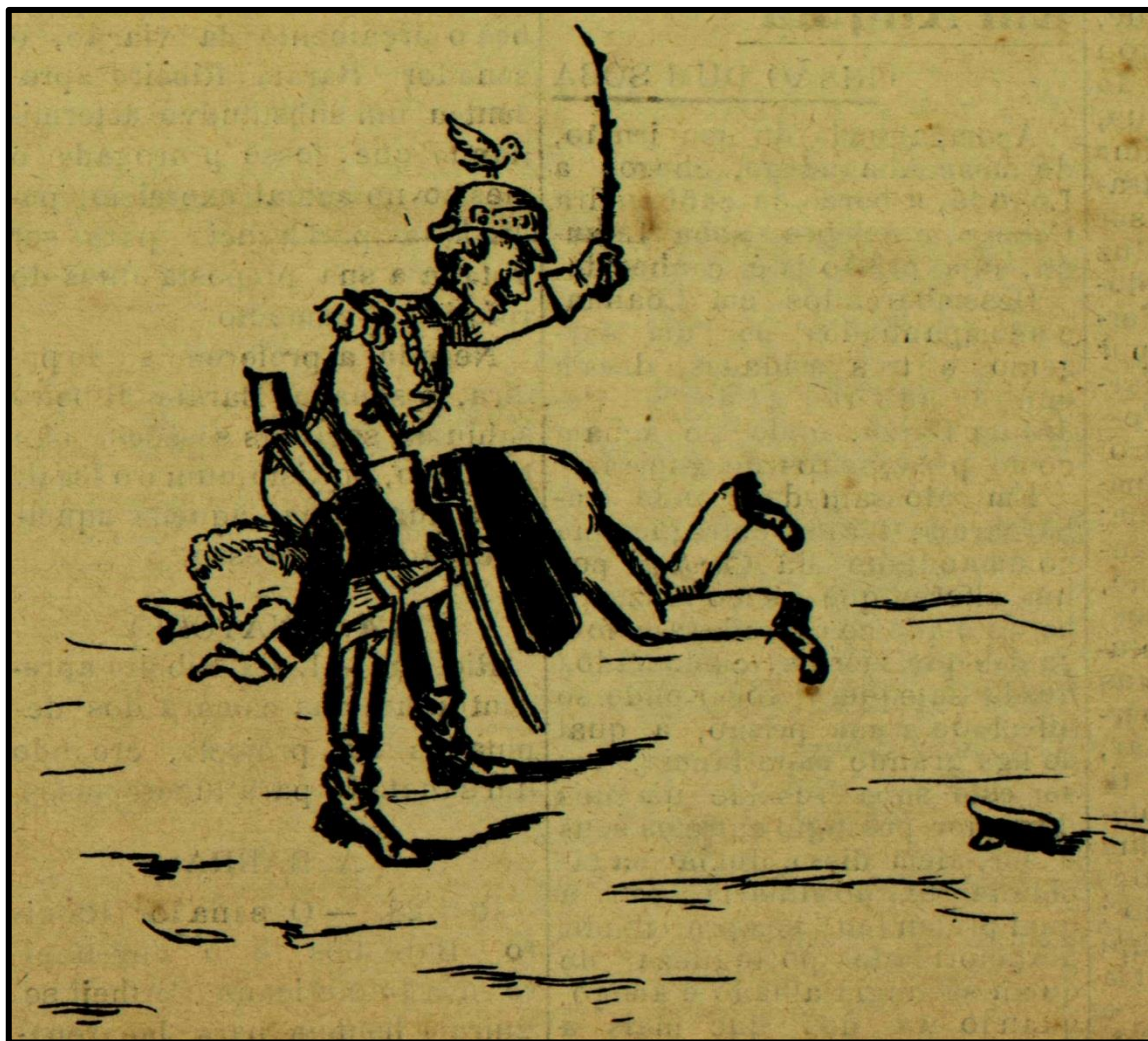
- Figura 30 -



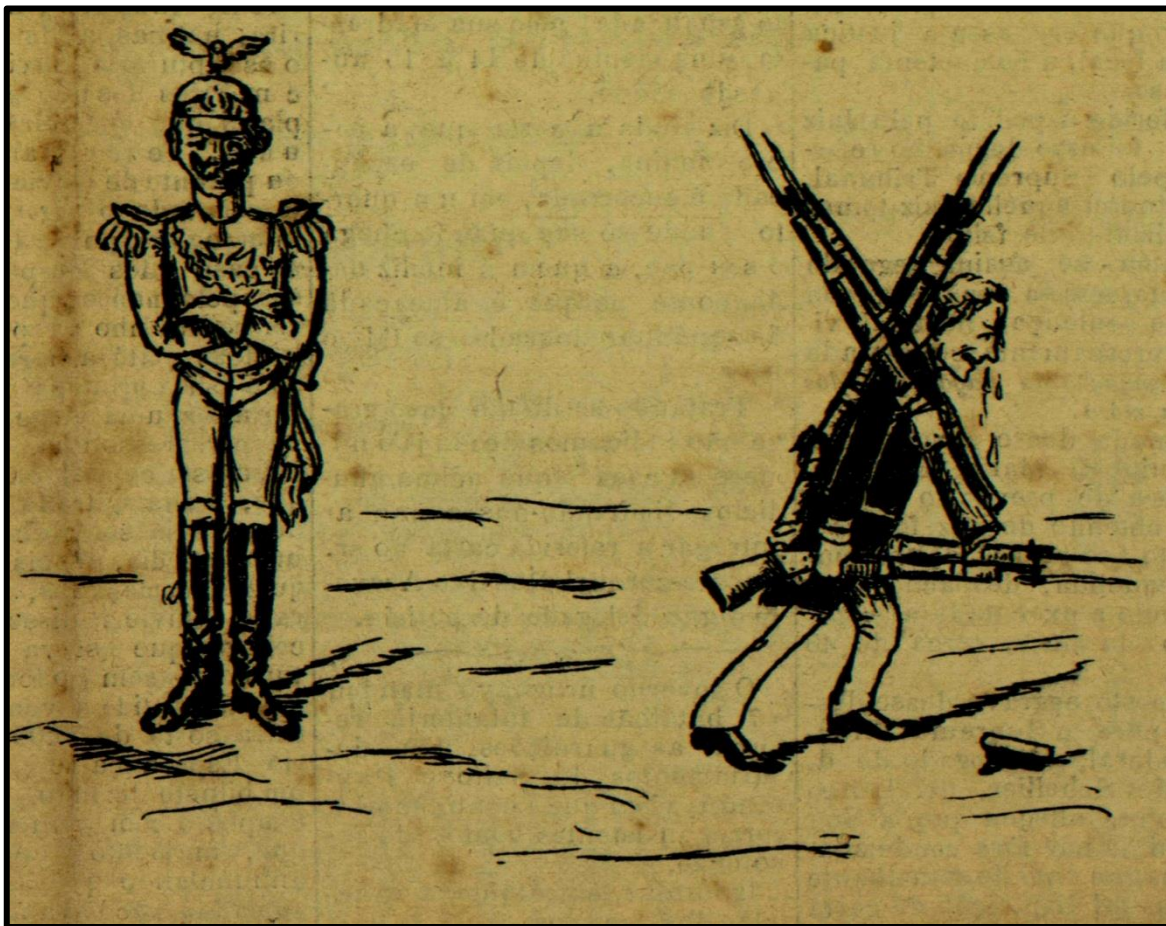
- Figura 31 -



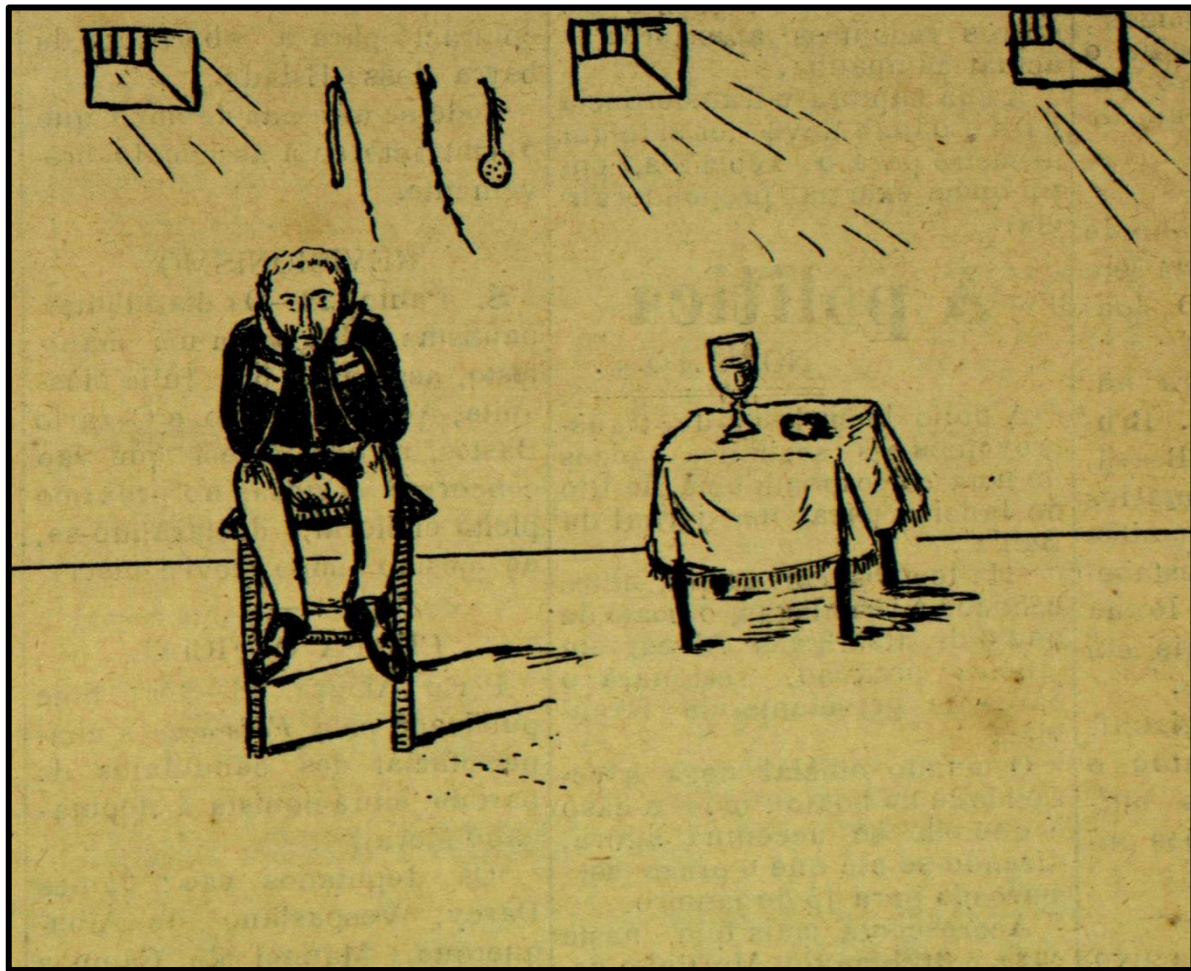
- Figura 32 -



- Figura 33 -



- Figura 34 -



- Figura 35 -



- Figura 36 -

Na edição seguinte, a parte ilustrada mais uma vez fazia referência ao Caso da *Panther*, por meio da caricatura “Uma pergunta”, na qual o povo brasileiro, na figura do “Zé”, repisava a questão brasileiro-alemã, questionando o representante germânico, em tom de ironia. Nesse quadro, dizia o “Zé-Povo”: “Mas afinal, Sr. Conde de Sarna, o Sr. não me disse ainda onde está o Fritz Steinhoff”. O jornal voltaria ao assunto de ordem diplomática em “O exército do Sarna”, mostrando o comandante da belonave que dera nome à questão, como protagonista, em quadro no qual ele era atacado, acusado de beberrão, ao comandar um exército de cervejas ou ao desejar que todo o mar fosse feito dessa bebida: “– Disciplinado o exército do Sarna. Sabe comandar com valentia. Em alto mar – Uff! Já poso tomar em paz a minha cerveja. Que pena não ser cerveja todo o oceano! Tomá-lo-ia numa viagem!”⁹⁴ [Figuras 37, 38 e 39].

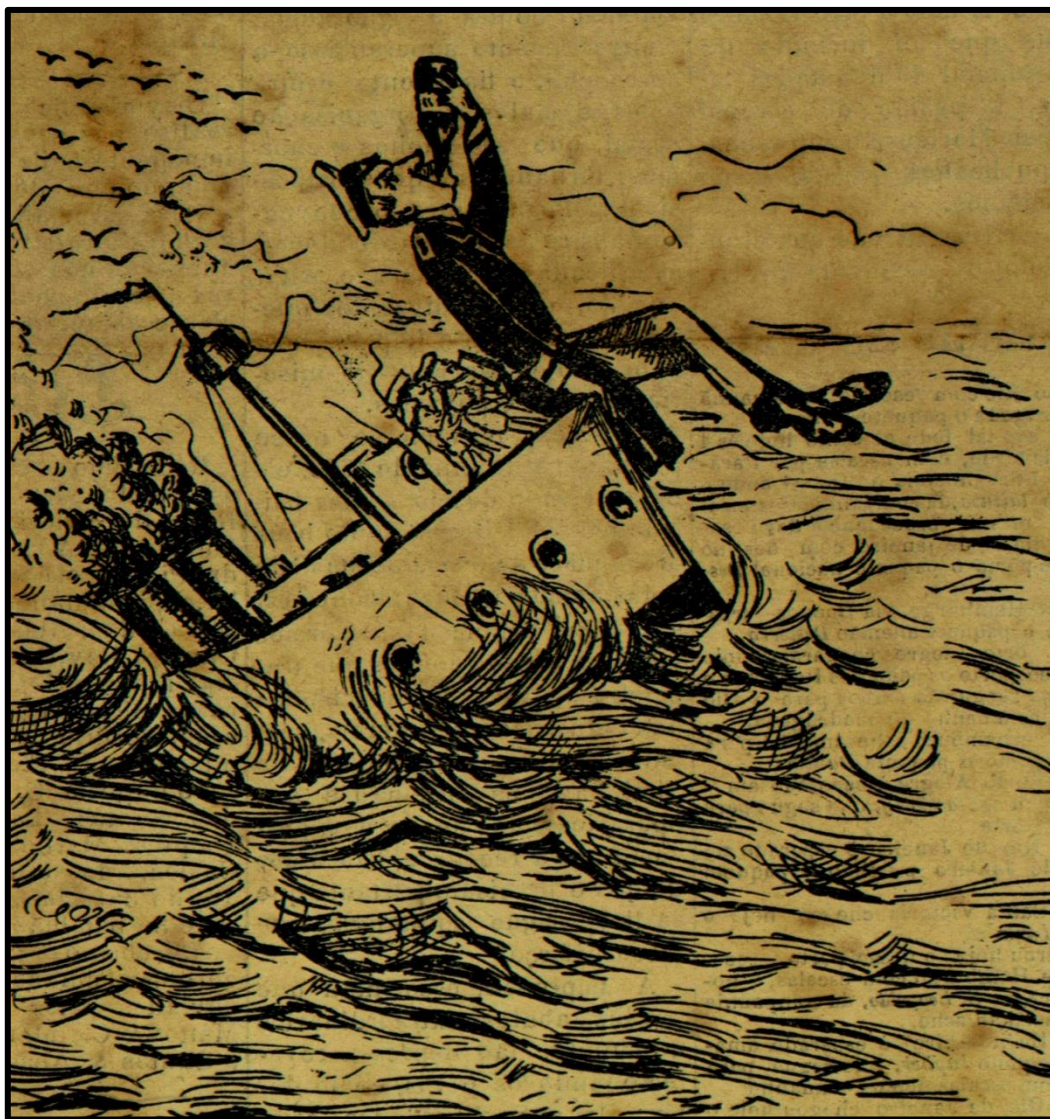
⁹⁴ ARTISTA. Rio Grande, 29 dez. 1905, a. 44, n. 290, p. 1.



- Figura 37 -



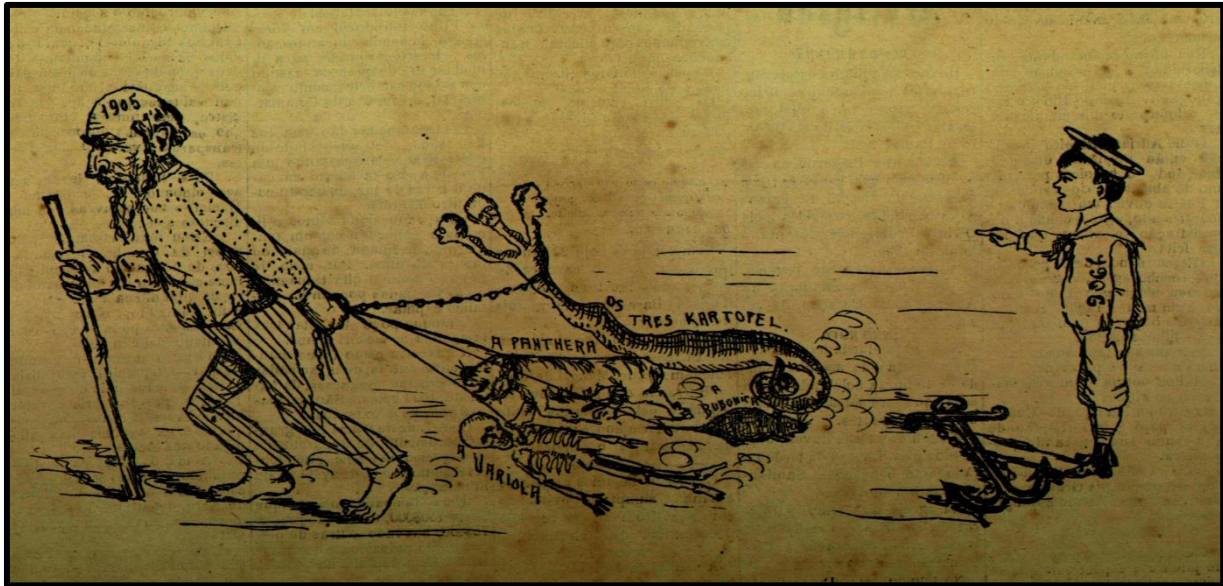
- Figura 38 -



- Figura 39 -

Também no número final de 1905, a questão da canhoneira germânica era destacada na representação da passagem de ano, prática extremamente usual na caricatura da época. Tal transição cronológica era muitas vezes simbolizada pelo “ano velho” – normalmente um homem idoso – que fazia um rito de passagem para o “ano novo” – em geral um bebê ou uma criança. Na seção ilustrada do *Artista*, a tradição se mantinha e ele mostrava o “Ano Velho” indo embora e carregando consigo aquilo que a folha considerava como os males mais latentes daquele período, quer seja, o incidente diplomático com a Alemanha, simbolizado pelos representantes germânicos (uma cobra de três cabeças) e pelo animal que dava nome à canhoneira, a peste bubônica, na forma de um rato, e a varíola, representada por uma caveira, ao passo que o menino “Ano Novo” dizia: “Vai-te! Leva contigo estas três pestes, leva também a víbora que pretendeu morder o civismo brasileiro”⁹⁵ [Figura 40].

⁹⁵ ARTISTA. Rio Grande, 30 dez. 1905, a. 44, n. 291, p. 1.



- Figura 40 -

O comandante da *Panther* protagonizava outro conjunto de caricaturas do *Artista*, em “A aventura do Sarna”, aparecendo ele a cavalgar um garrafa de cerveja, com mais uma insinuação quanto ao clichê do “alemão beberrão”, vindo a afirmar: “Foi assim que eu vim para o Brasil – montado nas razões da *bier*”. Ele era apresentado também destratando homens públicos no nordeste brasileiro: “Na Paraíba, desconsiderei as autoridades brasileiras”. Já em Itajaí, ele teria “pintado o sete”, fazendo o que bem queria, o que não ocorrera na cidade do Rio Grande, onde fora recebido pela população enfurecida, jogando-lhe batatas,

vindo ele a afirmar que fora “a primeira vez que não gostei de *kartoffel*”⁹⁶ [Figuras 41, 42, 43 e 44].



- Figura 41 -

⁹⁶ ARTISTA. Rio Grande, 2 jan. 1906, a. 44, n. 1, p. 1.



- Figura 42 -



- Figura 43 -



- Figura 44 -

Em “Ainda o Caso *Pantera*”, a caricatura mostrava um popular interpelando o Presidente da República, cobrando-lhe uma atitude mais incisiva. Nessa linha, o “Zé Povo” sentenciava: “Espero que no Caso da *Pantera* V. Ex. não tenha de sair no passo do constrangimento”⁹⁷. Já em “A conciliação”, o periódico apresentava dois homens bebendo, constatando que, “depois da solução satisfatória do Caso da *Panther*, a conciliação germânica-brasileira pode ser feita assim”. Uma conversa entre o Barão do Rio Branco, o Imperador alemão e o Presidente brasileiro aparecia em “O Caso da *Panther*”, com a legenda: “Se as suas explicações forem completas, seu Guilherme, o Brasil, que é bom, poderá dizer: *pardonno a tutti*”⁹⁸ [Figuras 45, 46 e 47].

⁹⁷ ARTISTA. Rio Grande, 3 jan. 1906, a. 44, n. 2, p. 1.

⁹⁸ ARTISTA. Rio Grande, 9 jan. 1906, a. 44, n. 7, p. 1.



- Figura 45 -



- Figura 46 -



- Figura 47 -

O “Zé Povo” aparecia cumprimentando o Ministro das Relações Exteriores em “Caso preto”, que fazia referência à querela com a *Panther*. A figura popular dizia: “Bem dizia eu que o Barão saía de ponto em branco num caso tão preto”; ao que Rio Branco respondia: “Não fosse o teu valor e o teu apoio, meu negro, e eu não seria o Rio Branco que sou”⁹⁹. O *Artista* mostrou também o indígena – representando o povo brasileiro – descansando em uma rede amarrada em duas árvores, deixando o arco e as flechas atiradas ao chão, enquanto um felino se afastava cautelosamente. Na legenda, o “Brasil” dizia: “Já posso voltar à minha rede e dormir sobre os louros da vitória”, pois “a **Pantera** ganhou o mato por ordem do Guilherme, que viu que duro com duro não faz bom muro”. Mas, ainda assim, se mostrava cauteloso, ao afirmar que, “em todo caso, dormirei com um olho só”, ficando “o outro aberto para que não me peguem mais dormindo”¹⁰⁰. Uma pantera sendo atingida por flechas, enquanto um indígena se escondia atrás de uma árvore, no desenho denominado “No mato”, que trazia “reflexão da **Pantera** – decididamente neste caso do Brasil, eu estou no mato sem cachorro...”¹⁰¹ [Figura 48, 49 e 50].

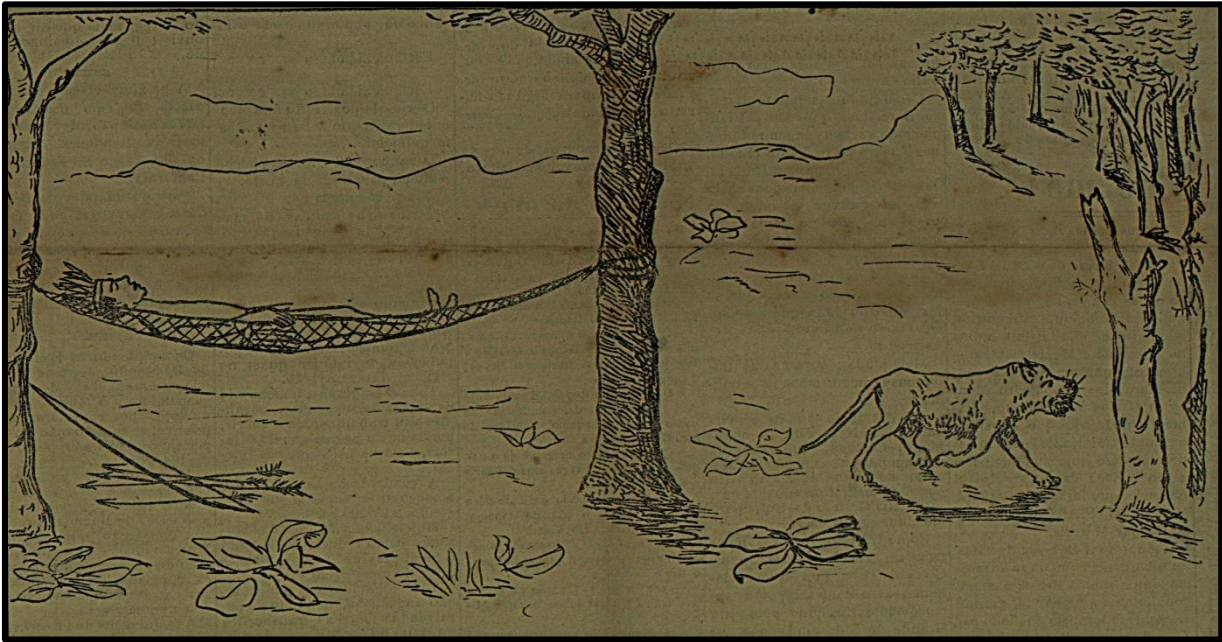
⁹⁹ ARTISTA. Rio Grande, 11 jan. 1906, a. 44, n. 9, p. 1.

¹⁰⁰ ARTISTA. Rio Grande, 13 jan. 1906, a. 44, n. 11, p. 1.

¹⁰¹ ARTISTA. Rio Grande, 17 jan. 1906, a. 44, n. 14, p. 1.



- Figura 48 -



- Figura 49 -



- Figura 50 -

Nessa linha, o *Artista* promoveria verdadeira missão patriótica nos últimos dias de 1905, em campanha que prosseguiria no início do ano seguinte. O jornal encarou os atos dos militares alemães em Santa Catarina como um desacato à soberania nacional, colocando-se na condição de arauto de um patriotismo cívico, apelando para os brios dos brasileiros, concitando todos a participarem de seu protesto. Além dessa posição fortemente nacionalista diante da questão da *Panther*, o periódico chegou a colocar-se com um protagonista nas discussões, promovendo debates com cidadãos alemães e cobrando posições da colônia de origem germânica. Ao lado dos textos, muitos deles na posição editorial, nos quais mantinha o tom veemente, mas sustentando uma construção discursiva calcada na seriedade, o *Artista* estamparia várias caricaturas, nas quais abordou a querela diplomática de uma forma bem mais crítica e direta, baseada no humor, na ironia e na sátira. Acima de tudo, a folha opinou e posicionou-se perante os acontecimentos, com palavras vibrantes e desenhos mordazes, refletindo desse modo as várias formas de reação ocorridas junto aos mais diversos segmentos da sociedade brasileira, ou seja, desde as tribunas, os gabinetes e as repartições, até os lares, as esquinas, as praças e os botecos. Nesse contexto, não faltaram palavras ásperas e trocadilhos como a insistência na utilização da palavra “kartoffel”, em clara alusão à pejorativa expressão “alemão-batata”, usada por décadas a fio em detrimento dos indivíduos com essa origem, bem como ao estereótipo dos germânicos como beberrões contumazes.



Em termos de relações internacionais, aquele final de 1905 parecia uma época propícia para que se manifestassem ao menos desconfianças em relação à atitude alemã. Desse modo, diante do expansionismo colonial e imperialista da Alemanha naquele começo de século, patenteado na ação armada da *Panther*, poderia ser considerada como uma “infantil ingenuidade” esperar que o poderoso navio de guerra pedisse permissão para ancorar em algumas localidades do litoral brasileiro. Nesse sentido, a missão da belonave germânica em águas nacionais poderia significar uma demonstração de força, através de um navio de último tipo em artilharia e velocidade e do fato de que aquele momento marcava na Europa a iminência de uma conflagração da qual adviria a catástrofe da I Guerra Mundial. As repercussões do fato nos Estados Unidos, outro país com pendores imperialistas, viriam a agitar ainda mais a situação¹⁰².

Tais atos só serviriam para demarcar que o Brasil também poderia consistir um dos alvos dos vários projetos imperialistas que ganhavam corpo naquela virada de centúria e os reflexos de tal processo se fariam sentir através da imprensa na cidade do Rio Grande. Em síntese o jornalismo rio-grandino, representando pelos seus mais longevos diários, mostrando amplo conhecimento de causa acerca dos avanços do imperialismo daquele período, difundiu o espírito de indignação e participou, a seu modo, daquele enfrentamento, em oposição às atitudes alemãs em terras brasileiras. O *Diário do Rio Grande* intentou manter sua tradição histórica de estabelecer sua abordagem essencialmente embasada no periodismo informativo, visando até a

¹⁰² JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 67 e 89.

demonstrar uma certa primazia em tal prática. Já *Eco do Sul* permanecia vinculado ao seu viés político-ideológico oposicionista, mormente ao governo estadual, de maneira que não abriu o horizonte de suas críticas diretamente ao governo federal, embora em algumas entrelinhas e atitudes tenha incorrido em tal ação. Enquanto isso, o *Artista* buscava uma renovação, adaptando-se aos novos tempos do jornalismo, e, para comprovar sua “nova fase”, não poupou esforços na abordagem da questão, trazendo uma das coberturas mais completas, mesclando as tradicionais apreciações da imprensa dita séria com o caráter jocoso e irônico a que se prestava o enfoque humorado da caricatura. Assim, o *Artista*, o *Diário do Rio Grande* e o *Eco do Sul* fizeram-se uníssonos em relação à cruzada antigermânica que dominou significativa parte da imprensa brasileira naqueles primórdios do século XX.

**O CASO *PANTHER* NA IMPRENSA
INTERNACIONAL**

– Reto Monico –

O incidente germano-brasileiro no Estado de Santa Catarina não teve grande impacto na imprensa do Velho Continente. Os jornais espanhóis e os italianos, por exemplo, inserem só pequeníssimos despachos nas páginas interiores. Os periódicos do Império austro-húngaro só transcrevem notícias já escritas pelos seus colegas alemães.

O que pode parecer estranho é o facto dos jornais lusitanos terem quase ignorado o que a *Panther* fez na sua antiga colónia. Nos seis jornais de Lisboa e do Porto que consultámos, as notícias publicadas são raras, curtas e só um diário a insere na primeira página, mas sem lhe dar um destaque.

Nos diários francófonos e anglófonos, poucos são os que analisam o sucedido e quase todos se limitam a copiar as notícias telegráficas o que não deixa de nos surpreender. Com efeito, é preciso recordar que, na primavera do mesmo ano, surge a primeira crise marroquina provocada pelo desembarque teatral e pelo discurso do imperador alemão em Tanger. A tensão na Europa ainda não tinha baixado completamente em dezembro, na altura da contenda provocada pela atitude da *Panther* no Brasil, e só será resolvida pela conferencia de Algeciras em 1906. Por outras palavras, dadas as circunstâncias, esperávamos encontrar mais ataques virulentos contra a Alemanha, por parte dos jornalistas franceses e ingleses.

A segunda parte deste capítulo é dedicada às reações dos jornais norte-americanos. Como se pode verificar, encontram-se mais artigos e, sobretudo, mais comentários e editoriais sobre esta efémera crise germano-brasileira. O

país da doutrina Monroe não podia ignorar esta breve mas significativa ingerência de uma potência europeia no solo do novo continente.

I. Artigos na imprensa europeia

1. « Brésil. Un incident germano-brésilien », *Journal des Débats*, 10 de dezembro de 1905

Ponto de vista do governo do Rio de Janeiro

Une dépêche de Rio-de-Janeiro au *New York Herald* dit qu'un incident soulevé par l'arrestation d'un soi-disant déserteur allemand, opérée sur le territoire brésilien par les marins de la canonnière *Panther*, cause au Brésil une grande émotion.

Voici la version officielle que donne des faits en question le gouvernement brésilien :

Trois officiers et douze marins du *Panther*, tous habillés en civil, se présentèrent dernièrement dans un hôtel de Sainte-Catherine et demandèrent qu'on leur remît un nommé Fritz Steinhoff, déserteur du *Panther*, dont ils s'emparèrent par la force et qu'ils ramenèrent à bord du *Panther*.

Les autorités brésiliennes considèrent cet incident comme une violation des droits territoriaux du Brésil, et un député a déjà fait à la Chambre un violent discours à ce sujet, demandant que le gouvernement prenne l'affaire en mains.

Le baron de Rio Branco, ministre des affaires étrangères, attend un rapport des autorités de Saint-Catherine pour présenter une réclamation énergique et il a décidé aujourd'hui d'envoyer dans le Sud une division navale.

La canonnière allemande *Panther* est arrivée avant-hier à Rio-Grande.

2. « Brésil. L'incident de la « Panther » », *Journal des Débats*, 11 de dezembro de 1905

Nota da embaixada do Brasil em Washington e ponto de vista do jornal de Berlim National Zeitung, segundo o qual não houve nenhuma violação da soberania brasileira.

Une dépêche de Washington annonce que l'ambassadeur du Brésil s'est rendu au département d'État et a informé M. Bacon, secrétaire par intérim en l'absence de M. Root¹⁰³, de l'incident de la *Panther*. Il s'est borné à cette notification pure et simple pour le moment.

À l'ambassade du Brésil, on espère que l'Allemagne donnera promptement satisfaction pour l'incident qui semble constituer une atteinte au droit international.

¹⁰³ Elihu Root (1844-1937), foi secretário à Defesa entre 1899 e 1904 e Secretário de Estado entre 1905 e 1909, durante o segundo mandato de Theodore Roosevelt.

La *National Zeitung* a donné hier ce qui serait la version allemande de la prétendue violation du territoire brésilien par des hommes appartenant à la marine allemande.

« On ne sait jusqu'à présent, dit le journal, qu'une chose : c'est que quelques sous-officiers de la canonnière *Panther* ont eu une querelle avec un sujet allemand, à Itajaí. Aucune tentative n'a été faite, pour soumettre cette personne aux autorités allemandes et par conséquent aucun empiètement sur la souveraineté brésilienne n'a eu lieu. Il ne peut donc pas être question d'un incident politique. »

3. « Brésil. L'incident germano-brésilien », *Journal des Débats*, 12 de dezembro de 1905

A solução da contenda parece muito próxima. A colônia alemã no Brasil indignada com a Panther.

Le correspondant du *Herald*, à Rio-de-Janeiro, câble que quatre croiseurs brésiliens, le *Demoro*, le *Benjamin-Constant*, l'*Amiral-Barroso* et l'*Amiral-Tamandare*, sont partis pour Rio-Grande-do-Sul.

Le ministre allemand, M. von Treutler¹⁰⁴, a eu un entretien avec le baron Rio Branco. Le ministre a déclaré qu'il n'avait reçu qu'avant-hier le rapport officiel au sujet de l'incident de la *Panther* et ajouta que si les détails publiés

¹⁰⁴ Karl von Treutler (1858-1933) foi ministro alemão no Rio de Janeiro de 1900 a 1907.

étaient exacts le gouvernement impérial prendrait certainement des mesures sévères contre les fautifs. Une dépêche d'Itajaí confirme tous les détails de l'incident.

On déclare que le ministre allemand a déjà télégraphié à Berlin pour conseiller à son gouvernement de désavouer les actes du commandant de la *Panther*. La nombreuse colonie allemande ne cache pas son indignation au sujet des agissements de la canonnière.

4. « Brésil. L'incident germano-brésilien », *Journal des Débats*, 13 de dezembro de 1905

Le secrétaire de l'ambassade américaine au Brésil a télégraphié au département d'État de Washington que l'incident du navire de guerre allemand *Panther* paraît être le résultat d'un malentendu. Ce télégramme laisse prévoir que l'incident germano-brésilien ne tardera pas à être réglé.

5. « Brésil », *Journal des Débats*, 16 de dezembro de 1905

Conflito resolvido.

Le *Jornal do Comércio* publie le résumé de l'enquête officielle sur l'incident de Sainte-Catherine.

Les dépositions des témoins, tant allemands que brésiliens, confirment les faits déjà connus. Un Allemand naturalisé Brésilien, ancien combattant de 1870, rapporte qu'il a reconnu le commandant de la canonnière *Panther* parmi les officiers qui accompagnaient les matelots lorsque ceux-ci se sont emparés de Fritz Steinhoff. Tous étaient en tenue civile. On ignore toujours si Steinhoff est à bord du *Panther*.

M. de Treutler, ministre d'Allemagne à Rio-de-Janeiro, a communiqué à M. de Rio Branco, ministre des affaires étrangères, un télégramme de Berlin aux termes duquel le gouvernement allemand exprime ses regrets de l'incident, ordonne une enquête et promet au Brésil complète satisfaction si le bienfondé de l'accusation est prouvé.

6. Jeanne et Frédéric Régamey, « Le Péril allemand au Brésil », *La Liberté*, 18 de dezembro de 1905

Trata-se de um ato brutal e desajeitado por parte da Alemanha ou de uma tentativa de tomar conta do Brasil? interroga-se o jornal parisiense que chama a atenção sobre o perigo dos projetos dos pangermanistas alemães no Brasil.

Depois de ter falado das origens da emigração alemã no Brasil, nomeadamente no sul, o articulista põe em evidência a força, a coesão desta comunidade que tem um papel cada vez mais importante no país.

O perigo, na opinião deste jornalista, provem dos elementos mais extremistas e nacionalistas alemães que desejariam formar uma verdadeira colônia na extremidade meridional do Brasil. No entanto, os americanos e uma parte dos brasileiros começam a tomar consciência desta ameaça que o

jornalista parisiense sintetiza numa frase do poeta Arndt: «É alemão qualquer território onde ecoa a língua alemã».

Conquête pacifique. – Le pangermanisme et la doctrine Monroe. – Un État dans l'État. – La maison est à moi...

L'incident de la canonnière allemande *Panther*, dont *La Liberté* a rendu compte, mérite d'attirer l'attention. Ceux qui sont au courant des vastes projets de conquêtes mondiales des pangermanistes n'en ont pas été surpris.

On doit simplement se demander si ce petit fait est le début d'une campagne longuement préméditée et si le gouvernement de Berlin veut, par cette espèce d'affaire Schnöbelé¹⁰⁵, exécuter la mainmise sur la République sud-américaine, qu'il considère comme la plus importante colonie allemande [de] demain. La chose n'a rien d'impossible, mais, étant donnée la situation générale actuelle et les préoccupations plus immédiates, peut-être aussi ne s'agit-il que d'une de ces brutalités maladroites dont se rendent souvent coupables les subalternes allemands trop zélés.

Quoi qu'il advienne, l'occasion est bonne de montrer ce que l'on ignore trop chez nous, que la « conquête pacifique » d'une partie importante du Brésil par les Allemands est chose déjà faite.

¹⁰⁵ Il s'agit d'une affaire qui éclate le 20 avril 1887, en plein boulangisme, lorsque Guillaume Schnaebelé, commissaire de chemin de fer, qui exerce de fait des fonctions de policier de sureté, tombe dans un traquenard. Il est arrêté par des policiers allemands déguisés en paysans. La tension monte entre les deux pays et Bismarck décide de libérer le prisonnier dix jours plus tard.

C'est en 1824 que les premiers émigrés germaniques y débarquèrent. Ils s'établirent dans la province de Rio-Grande-do-Sul, partie méridionale la plus salubre et la plus agréable du pays. Ils y fondèrent peu à peu la ville et la colonie de São Leopoldo. De 1826 à 1860, vingt-neuf autres établissements allemands furent créés dans la même province et dans celles de Santa Catarina et de São Paulo. En même temps, des Allemands se fixaient un peu partout dans les villes et les campagnes.

En 1859, à la suite d'abus commis par des agents, le ministre von der Heydt¹⁰⁶ interdit de faire en Prusse de la propagande pour l'émigration au Brésil. Celle-ci se trouva donc arrêtée pour un temps. Mais cela n'empêcha pas la population allemande d'outre-mer d'augmenter dans une proportion énorme. Tous ceux qui se sont occupés de cette colonie sont unanimes à dire que les Allemands au Brésil sont extraordinairement prolifiques. On estime que leur nombre double en quinze ans par le seul excédent des naissances. De sorte que les colons primitifs, évalués à 20.000 dans la province de Rio-Grande, ont décuplé aujourd'hui. Il y en a 100.000 dans celle de Santa Catarina et autant dans le reste du pays, ce qui porte à 400.000 environ le nombre des Allemands établis au Brésil. Dans certaines régions ils forment la grande majorité de la population, de 80 à 95 %.

Ce qui fait la force de cette population étrangère, c'est qu'elle est, en générale, groupée (*geschlossen*, disent-ils) ; elle forme, en certaines parties, des

¹⁰⁶ August von der Heydt (181-1974) est ministre du Commerce et de l'Industrie de Prusse de 1848 à 1862.

viles et des villages entièrement allemands, administrés par des magistrats allemands ayant pleine liberté pour tout ce qui concerne les affaires locales. Ils ont en outre leurs églises et leurs écoles, la faculté de parler et d'écrire leur langue, de conserver tous leurs usages et coutumes. S'ils se font naturaliser, ils jouissent de tous leurs droits politiques.

*

* *

L'ordonnance von der Heydt ayant été rapportée en 1896, l'émigration prit un nouvel essor et des relations plus intimes s'établirent entre la métropole et la colonie.

En 1899 se fonda, à Berlin, une société, *der Deutsch brasilische Verein* (Association germano-brésilienne), à la tête de laquelle se trouvent de nombreuses personnalités du monde militaire, administratif, universitaire et judiciaire, dans le but de resserrer les liens entre les Allemands d'Allemagne et ceux d'outre-mer.

Les journaux allemands prennent à tâche, depuis quelques années, de publier de nombreux articles sur la situation et les sentiments de leurs nationaux établis dans l'ancien Empire de dom Pedro. Enfin, des sociétés financières, particulièrement hambourgeoises, ont organisé au Brésil d'importantes exploitations. En septembre 1903, la *Gazette de Cologne* leur consacrait une étude. D'après elle, il y avait à cette époque 100.000 Allemands établis sur un territoire portant le nom de *Hanse* et acheté par une Société coloniale de Hambourg. Dans toutes les régions du Brésil, était-il dit, en

substance, les capitaux allemands sont intéressés dans les entreprises de chemins de fer et les usines. Environ deux tiers de la Dette brésilienne sont entre les mains des Allemands.

En février 1904, un syndicat de colonisation allemande acquérait dans le Rio-Grande une concession de 6.500 kilomètres carrés, ce qui portait à 30.000 kilomètres carrés l'étendue des territoires acquis par les compagnies germaniques. Ce nouveau territoire devait être morcelé en 17.000 lots ; un chemin de fer de 150 kilomètres était projeté pour le relier au centre de colonisation.

Le 6 août 1904, les *Alldeutsche Blätter* (Feuilles pangermanistes), organe officiel de l'Association pangermaniste, publiaient une longue lettre d'un Allemand établi depuis plus de vingt ans au Brésil et qui se déclare resté profondément allemand de cœur. Il fait un tableau très vivant de l'existence des colons, dont la situation est généralement florissante, bien qu'ils aient de très nombreuses familles.

Le commerce est entièrement entre leurs mains ; ils conservent partout leur langue et leurs mœurs, ce qui est un élément indispensable pour empêcher leur assimilation. D'innombrables sociétés allemandes les réunissent ; dans leurs écoles, très nombreuses, on n'enseigne que l'allemand ; à peine une heure par semaine est consacrée au portugais. « Une immigration allemande en masse, ajoute-t-il, serait d'une portée extraordinaire, non seulement pour nous, mais aussi pour l'Allemagne. »

On peut sans peine présumer des intentions de l'Allemagne en méditant un article anonyme que publiait dès 1892 – avant ces années de grand effort – la revue la *Neue Kurs*, sous le titre : *Das Deutschtum im Auslande als Faktor der Reichspolitik* (le Germanisme à l'étranger, instrument de la politique de l'Empire). Après avoir constaté que les Allemands formaient dès lors au Brésil « un État dans l'État », l'auteur demandait que l'Empire soutînt d'une façon plus active ses nationaux à l'étranger, car « les institutions politiques du Brésil sont si instables qu'une légère impulsion aurait suffi (au moment de la Révolution brésilienne) pour fonder là une province d'outre-mer, un *Reichsland* sous protectorat allemand. Si, au lieu des généraux brésiliens, que guide seule l'ambition personnelle, il s'était trouvé dans le sud un patriote allemand comme feu von Koseritz¹⁰⁷, à la tête d'un mouvement national allemand, l'Allemagne se serait accrue d'une riche province et d'un vaste territoire pour le trop-plein de sa population. »

Et, pour ceux qui ne trouveraient pas cette indication suffisamment claire, il ajoute plus nettement encore : « Ici, il faut commencer une agitation efficace, si nous ne voulons pas avoir à baisser honteusement pavillon devant ces Portugais dégénérés... *Il nous suffit* d'avoir les trois provinces où demeurent si peu de Latins, et peut-être, pour nous arrondir, la bande de terre de Paraná, qui se trouve entre elles, et où la population est encore plus clairsemée. »

¹⁰⁷ O professor, político e escritor germano-brasileiro Carlos von Koseritz (1834-1890) é considerado um dos mais eruditos jornalistas do século XX no Rio Grande do Sul.

*

* *

Les Brésiliens ont paru s'apercevoir du danger, sans en avoir cependant une idée très nette. Car jusqu'à présent, ils se sont bornés à quelques mesures bien anodines et bien platoniques, comme de substituer aux noms allemands de localités des noms portugais, et encore avec une extrême timidité.

Les États-Unis ont vu plus clair. Dès 1902, les journaux allemands se plaignaient et disaient leur conquête menacée parce que des agents américains, soutenus et subventionnés par le gouvernement des États-Unis parcouraient le Brésil et y faisaient de la propagande contre l'Allemagne. Des pasteurs venaient faire des sermons et des conférences ; des instituteurs ouvraient des écoles américaines ; des négociants cherchaient à disputer aux Allemands la suprématie commerciale.

En janvier 1905, une dépêche, que les journaux français ont reproduite sans qu'elle éveillât autrement l'attention, parlait de l'inquiétude des États-Unis au sujet du Brésil. « L'attitude de l'Allemagne, y était-il dit, est de nature à amener à bref délai des complications. Le ministre d'Allemagne en est arrivé à faire sentir son influence sur la politique intérieure de la République... Les nouvelles de Rio-de-Janeiro signalent la constitution d'un parti anti-allemand... Les journaux de New-York prédisent que les États-Unis se verront bientôt obligés de faire respecter la doctrine de Monroe et de défendre le Brésil contre les ambitions allemandes. »

Telle est la situation actuelle qui n'est pas faite pour éclaircir l'horizon politique déjà si gros de menaces.

Quant aux Allemands, ils suivent, au Brésil comme partout, leur politique immuable. Leurs pauvres émigrés, plaintifs et miséreux, ont reçu par pitié une concession de terrain. Ils s'y sont étendus, ont prospéré, ont crû et multiplié, ont reçu des renforts d'Allemagne. Maintenant qu'ils se sentent assez nombreux et assez forts, les humbles mendiants d'hier et leurs fils, devenus arrogants et durs, se dressent en ennemis devant ceux dont la charitable hospitalité leur permit de vivre et s'écrient, come Tartufe : « La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir. »

Quel que soit le lieu ou ils s'établissent, toujours ils agissent ainsi ; le seul fait d'habiter un pays constitue à leurs yeux un droit de propriété, car ils prennent au pied de la lettre le mot de leur poète Arndt¹⁰⁸ :

« Partout où résonne la langue allemande, là est la patrie de l'Allemand ! »

¹⁰⁸ Ernst Moritz Arndt (1769-1860), poeta, escritor, historiador e político prussiano que se mobilizou contra a ocupação das tropas de Napoleão.

7. *Journal de Genève*, 11 dezembro de 1905

L'incident de la « Panther »

Washington, 9.

L'ambassadeur du Brésil s'est rendu au département d'État, et a informé M. Bacon, secrétaire par intérim en l'absence de M. Root, de l'incident de la *Panther*. Il s'est borné à cette notification pure et simple pour le moment. À l'ambassade du Brésil on espère que l'Allemagne donnera promptement satisfaction pour cet incident, qui semble constituer une atteinte au droit international.

8. *Journal de Genève*, 12 dezembro de 1905

Descrição dos factos e negociações entre os dois países para resolver a questão. O quotidiano de Genebra fala da diferença entre os europeus, para os quais é o «direito do sangue» que conta, enquanto para os países americano é o «direito do solo».

L'affaire de la « Panther »

Nos dépêches ont signalé déjà un incident germano-italien [*Sic*] et mentionné les protestations du Brésil. Voici ce qui s'est passé :

Trois officiers et douze marins de la canonnière allemande *Panther* ont enlevé d'un hôtel de Santa Catarina un jeune homme nommé Fritz Steinhoff,

réfractaire allemand, et l'ont emmené à bord, ainsi qu'un jeune Brésilien, fils de l'Allemand Jacob Zimmermann.

Cet incident soulève non seulement une question de droit territorial, mais aussi de droit international privé, au Brésil – comme dans toute l'Amérique du Sud – les enfants issus d'immigrés et nés sur le sol brésilien étant considérés comme sujet brésiliens, tandis que les puissances européennes, opposant le *jus sanguinis* au *jus soli*, les revendiquent généralement comme leur nationaux.

Des négociations sont entamées présentement entre les chancelleries de Rio-de-Janeiro et de Berlin pour le règlement de cette affaire. Le ministre brésilien des affaires étrangères attend avec confiance une solution satisfaisante.

Le bruit suivant lequel des navires de guerre seraient sortis à cette occasion est dénué de fondement.

9. *Journal de Genève*, 15 dezembro de 1905

Declaração no parlamento brasileiro que desmente as informações publicadas em Washington.

La « Panther » au Brésil

Mercredi à la Chambre, le baron de Rio Branco, ministre des affaires étrangères, a fait de nouveau démentir par le leader de la majorité, comme étant inexacte, la nouvelle publiée à Washington le 10 décembre suivant laquelle

l'ambassadeur du Brésil aurait communiqué au département d'État les informations qu'il avait reçues sur l'affaire de la canonnière *Panther*. Le leader déclare au Parlement au nom du gouvernement que la sortie de l'escadre brésilienne avait seulement pour objet les évolutions annuelles et non une démonstration. Un député de l'opposition accepte les déclarations du leader et demande des explications complémentaires en séance secrète.

10. *Journal de Genève*, 17 dezembro de 1905

Segundo o Frankfurter Zeitung, os marinheiros alemães procuraram Steinhoff e o marujo Zimmermann mas não encontraram ninguém.

Allemagne et Brésil

La *Gazette de Francfort* dit que d'après les dernières informations l'incident survenu entre le Brésil et l'Allemagne est maintenant tiré au clair. Ni le ressortissant allemand Steinhof, ni le matelot Zimmermann ne se trouvent à bord de la canonnière *Panther*. Le commandant de ce bâtiment avait dans la nuit du 26 au 27 novembre fait débarquer des officiers et des hommes sans armes pour rechercher le matelot Zimmermann et le ramener à bord. Mais ces recherches, qui s'étaient étendues à un hôtel et à plusieurs maisons particulières, étaient restées infructueuses.

11. *Journal de Genève*, 20 dezembro de 1905

Versão alemã segundo a qual não houve nenhuma captura de um desertor. O governo de Berlim apresenta as suas desculpas.

La « Panther »

Berlin, 19.

Suivant la *Norddeutsche Allgemeine Zeitung*, le gouvernement impérial a chargé le ministre à Petropolis de remettre au gouvernement du Brésil la réponse à sa réclamation au sujet de l'incident de la *Panther* à Itajaí. 1. Steinhof n'est pas à bord de la *Panther* et n'y a jamais été. 2. Le commandant de la *Panther* avait chargé l'équipage, qui était en permission, de chercher à établir avec discrétion le lieu où se trouvait un matelot soupçonné de désertion. Comme l'équipage s'est rendu coupable d'une transgression des ordres donnés, le gouvernement impérial a exprimé au Brésil ses regrets sur l'incident.

12. *Le Jura*, 12 de dezembro de 1905

«Enquanto os pacifistas estão cheios de ilusões», «os alemães estão sempre prontos a partir para a guerra».

Incident entre l'Allemagne et le Brésil

Tandis que les pacifistes se bercent de douces illusions sur l'avènement futur du règne de la paix universelle, les Allemands, toujours bardés de fer et qui pour jouir sûrement de la paix, sont constamment prêts à mettre flamberge au

vent, les sujets de Guillaume II, marins de la canonnière *Panther*, viennent de créer un incident entre leur pays et le Brésil.

Trois officiers et douze marins du *Panther*, tous habillés en civil, se présentèrent dernièrement dans un hôtel de Sainte-Catherine à Rio Janeiro et demandèrent qu'on leur remit un nommé Fritz Steinhoff, déserteur du *Panther*, dont ils s'emparèrent par force et le ramenèrent à bord.

Les autorités brésiliennes considèrent cet incident comme une violation des droits territoriaux du Brésil. Le Congrès a invité le gouvernement à demander satisfaction immédiate à l'Allemagne.

13. *L'Indépendance Belge*, 12 de dezembro de 1905

O quotidiano de Bruxelas dá as duas versões do sucedido. Sublinha a seguir que este incidente pode ter algumas consequências na colonização alemã no sul do país.

Les dépêches relatives à l'incident provoqué sur la côte du Brésil par la canonnière allemande *Panther* sont assez contradictoires. On sait que, d'après la version brésilienne, le commandant du *Panther* a débarqué des hommes qui se sont emparés d'un déserteur allemand, qui a été ramené à bord ; la version allemande donnée par la *National Zeitung* prétend que simplement quelques sous-officiers du *Panther* se sont battus avec un sujet allemand, mais qu'aucune tentative n'a été faite pour exercer sur ce dernier des pouvoirs officiels. Si la version brésilienne est trouvée conforme à la vérité, le commandant du *Panther*

aurait violé les usages internationaux et le Brésil attacherait d'autant plus d'importance à ce fait que la violation se serait produite dans la zone où la colonisation allemande s'est le plus développée. Quoi qu'il en soit, deux cuirassés et un croiseur brésiliens ont été envoyés à la poursuite du *Panther* afin de demander au capitaine des explications, et à Washington, où l'on met le respect de la doctrine de Monroe au-dessus de toutes les considérations, on s'occupe également de l'affaire.

Attendons les communications officielles allemandes avant d'apprécier les conséquences de cet incident, mais on peut faire remarquer dès à présent que le gouvernement brésilien en est fort mal impressionné et que la colonisation allemande au Brésil pourrait en pâtir sérieusement.

14. « Germany and Brazil. », *The Times*, 11 de dezembro

O jornal londrino publica três longos telegramas. O primeiro que dá o ponto de vista do embaixador brasileiro em Washington e menciona uma possível intervenção americana só como último recurso; o segundo onde o mesmo diplomata pensa que foi uma ação premeditada; o terceiro reproduz a versão alemã dada pelo National-Zeitung.

FROM OUR OWN CORRESPONDENTS.)

WASHINGTON, DEC. 10.

Brazil, through her Ambassador, Senhor Nabuco, presented yesterday to this Government, by direction of the Brazilian Foreign Minister, a statement

concerning the proceedings of the German gunboat *Panther*, which appear to offer good occasion for disavowal and apology by the German Government. According to this statement, a party of German officers and sailors in plain clothes landed from the *Panther* at Itajaí, in Santa Catarina, seized a German named Steinhoff, carried him on board the gunboat, and sailed away. The charge against Steinhoff is desertion from the German army. Whether he was really a deserter or only an immigrant who owed or is alleged to owe military service is not known. Whatever he is, Brazil regards his seizure by an armed force on Brazilian soil as an act of kidnapping. Her view is that nothing can justify it. International law clearly forbids.

It does not appear that this Government has been as yet invited to take any step. Brazil, whose relations with Germany are those of friendship, addresses herself direct to Germany, and fully believes that the German Government will make reparation, restore Steinhoff to the place whence he was taken, and express regret for the over-zeal of the *Panther's* commander. Not till this has been refused or unduly delayed, which is not expected, could the United States appear upon the scene, and even then only, it is supposed, by the tender of her good offices.

But President Roosevelt's latest enlargement of the Monroe doctrine in his Message to Congress of last Tuesday might easily, by analogy, cover the present case. For, if he thinks it inadvisable to permit any foreign Power to seize any South American Custom-house, even temporarily, to enforce payment of a debt, he may also think the incursion of an armed force for the seizure of a

person under the protection of the Brazilian flag inadvisable. It has long been evident that the Monroe doctrine is an elastic doctrine.

The *Panther*, it will be remembered, took a prominent part in the coercion of Venezuela in 1903. Brazil has dispatched three gunboats to shepherd the *Panther* on her voyage to Rio Grande. The Brazilian Ambassador, who measures his words, describes the whole incident as ominous. Friendship with Germany Brazil clearly desires, but that great South American Republic, behind which stands in the last resort the still greater Republic of North America, cannot acquiesce in the violation of her territorial integrity.

PARIS, DEC. 10.

The correspondent of the *New York Herald* at Washington telegraphs that the relations between Brazil and Germany over the arrest and forcible abduction of Herr Steinhoff are much strained, and that Senhor Nabuco, the Brazilian Ambassador, has made it clear that Brazil thinks Germany is directly inviting trouble. It is asserted that German officers and sailors from the *Panther* in civilian dress went ashore at Itajaí in the province of Santa Catarina, seized Herr Steinhoff at the Hotel Commercial, and took him to Rio Grande, where he now is. Senhor Nabuco said to the correspondent of the *Herald*: – “ The incident is ominous. My country will demand the return of Herr Steinhoff and an explanation, possibly an apology, for the manner in which the man was taken. The fact that the *Panther*, which has been cruising in Brazilian waters a long time, went to this unimportant place indicates that the whole affair was premeditated, and this makes it all the worse. ”

BERLIN, DEC. 9.

The *National-Zeitung* today gives what purports to be the German version of the alleged violation of Brazilian territory by men belonging to the German navy. " It has been ascertained, " the journal says, " up to now that some warrant officers of the gunboat *Panther* had a scuffle with a German subject at Itajaí. No attempt was made to exercise any official power over his person, and consequently no infringement of Brazilian sovereignty has taken place. There can, therefore, be no question of a political incident. "

15. « Germany and Brazil. », *The Times*, 12 de dezembro

Otimismo nos meios diplomáticos e políticos na capital americana quanto a uma solução pacífica do incidente.

Artigo do Kölnische Zeitung onde se nega que Steinhoff tenha sido capturado. Porém, o quotidiano alemão prevê também uma conclusão positiva desta contenda.

FROM OUR OWN CORRESPONDENTS.)

WASHINGTON, DEC. 11.

The Secretary of State has received from the American Chargé d'Affaires at Rio assurances that the *Panther* incident is likely to be settled without serious trouble. This is understood to be derived from German sources and to signify that German diplomatic opinion at Rio recognizes the completely indefensible action of the German gunboat.

Similar views are held at the White House. The President, much occupied with other matters, is devoting little attention to this because he assumes that the German Government on learning the facts will release Steinhoff and restore him whence he was taken. This does not mean that the President may not, if desired by Brazil, use his good offices with Germany. Nor does it mean that he would be likely in any case to look on unmoved at a violation of the territory of a South American Republic.

The suggestion that the Brazilian fleet may attempt a forcible rescue of Steinhoff, which has been heard in Washington, does not come from Brazil or from friends of Brazil. It is felt that she would only put herself in the wrong in attempting, unless in the last resort, to meet violence with violence. It is thought that the Brazilian Admiral may overtake the *Panther* by tomorrow. The commander of the *Panther* will then find himself in the presence of superior force.

The German Ambassador called at the State Department this morning concerning the Brazilian matter, and was Mr. Root, who has so far recovered as to leave his house. Baron Speck von Sternburg¹⁰⁹ is understood to have said that he had received no communication from his Government. At the German Embassy the opinion is expressed that if a breach of international law or an infringement of Brazilian rights has occurred full reparation will be cheerfully made. Stress is laid on the friendly relations between the two Powers and on Germany's desire that they should continue friendly.

¹⁰⁹ Hermann Speck von Sternburg (1852-1908) foi embaixador alemão em Washington em 1903.

BERLIN, DEC. 11.

According to a Berlin telegram in the *Cologne Gazette*, the following are the circumstances of the incident in which members of the crew of the German gunboat *Panther* recently played an active part in Itajaí, in Brazil : –

A seaman has deserted from the *Panther*, at the instigation, it is supposed, of a German resident at Itajaí named Steinhoff. The supposed instigator received a severe thrashing from several petty officers “who happened to be on shore,” but he was not taken on board the *Panther*, nor was any Brazilian subject kidnapped in this manner or concerned in the affray. Not even the deserter was taken on board the gunboat, for the simple reason that he could not be found. Further information is awaited, but in the meantime it is declared that the relations between Germany and Brazil are of so friendly a character that the incident will without doubt be amicably and speedily settled. The Brazilian Government has frankly stated that the Brazilian warships which have put to sea have done so merely in the ordinary course of their manœuvres. The *Cologne Gazette* adds : –

“ If the Brazilian Government, as may be assumed on the ground of despatches from Rio and from Washington, should lay a complaint with the German Government, this complaint will, of course, be investigated on its merits, and we entertain no doubt that the matter will be promptly settled so soon as the receipt of reports from both sides renders it possible to ascertain the precise circumstances and the grounds upon which the Brazilians base their complaints. ”

16. « Germany and Brazil. », *The Times*, 13 de dezembro

O governo de Berlim está à espera do relatório do comandante do cruzador antes de tomar uma posição oficial.

FROM OUR OWN CORRESPONDENT.)

BERLIN, DEC. 12.

The *Cologne Gazette* learns that on Sunday evening the Brazilian Minister preferred at the German Foreign Office the complaints of his Government with regard to the alleged encroachment upon Brazilian sovereign rights recently committed by men of the German gunboat *Panther*. The Minister was informed that a telegraphic request for a report of the incident had been despatched to the commander of the gunboat, Count Saurma-Jeltsch, but that his reply was not yet to hand. The Rhenish organ adds that until this report has been received judgment must be suspended. The ensuing investigation will be conducted with strict impartiality, and it is confidently declared that there is no ground for believing that the friendly relations between Germany and Brazil will in any wise be disturbed by the incident.

In correction of the account which it gave of the circumstances yesterday, the *Cologne Gazette* now learns that the German Steinhoff did not incite one of the *Panther's* crew to desert, that Steinhoff was not thrashed by members of the crew, and that the deserter is now on board the gunboat. In some quarters surprise is expressed at the continued absence of any report from the

commander of the *Panther* after the lapse of five days since the incident took place.

17. « Germany and Brazil. », *The Times*, 14 de dezembro

No telegrama de Washington admite-se que, desta vez, o governo alemão está disposto a considerar as queixas brasileiras. Porém, Berlim está à espera de mais informações.

FROM OUR OWN CORRESPONDENTS.)

WASHINGTON, DEC. 13.

Further semi-official assurances come from Berlin concerning the *Panther's* performances in Brazil, which foreshadow an easy settlement of that difficulty. There is no "Well done, Panther" this time from the German Emperor. The Brazilian Note sent do Berlin is said do be even stronger than the statement here handed to the State Department, and the Berlin Foreign Office is believed to be disposed to take a reasonable view of the incident and to make due reparation for all established grievances.

BERLIN, DEC. 13.

With regard to the alleged encroachment upon Brazilian sovereign rights committed by men of the German gunboat *Panther*, the *Cologne Gazette* learns that the reports which are to hand do not as yet throw full light upon all the details of the incident. It has, therefore, been found necessary to apply for

further information. If upon a closer investigation it should turn out that unwarrantable irregularities had been committed by the crew of the *Panther*, the German Government would not seek to evade the resultant consequences, but would acquiesce in the mode of settlement usual in cases of this kind.

18. « Germany and Brazil. », *The Times*, 15 de dezembro

Relatório brasileiro onde se escreve que o próprio comandante da Panther fez parte do grupo que prendeu o chamado «desertor».

RIO DE JANEIRO, DEC 14.

The *Jornal do Comércio* has received a summarised report of the official inquiry into the *Panther* incident. The evident of the witnesses, German as well as Brazilian, confirms the statements already published. A German who is a naturalized Brazilian and took part in the Franco-German war of 1870 stated that he recognized the commander of the *Panther* among the officers accompanying the sailors who seized the German *Steinhoff*. They were all in mufti.

Herr von Treutler, German Minister to Brazil, has communicated to the Baron do Rio Branco, Brazilian Minister of Foreign Affairs, a telegram from Berlin expressing regret for the occurrence, ordering an inquiry, and promising complete satisfaction to Brazil if the charges made are proved.

19. « Germany and Brazil. », *The Times*, 18 de dezembro

Relatório do comandante da Panther

FROM OUR OWN CORRESPONDENT.)

WASHINGTON, DEC. 17.

The German Ambassador has notified the Secretary of State "as a matter of information" that the *Panther* incident has been "amicably adjusted." From Berlin at the same time comes a report of the commander of the *Panther* saying that officers in civilian dress and 12 non-commissioned officers went ashore to inquire about a deserter named Hassmann. Steinhoff, who was said to have been seized, aided these inquirers. He was not arrested, not badly treated, and not taken on board the *Panther*. Hassmann, "without the co-operation of the *Panther's* men, returned to the ship afterwards." The Berlin Foreign Office considers this statement an adequate answer to the Brazilian Minister's complaint. What the Brazilian Minister thinks, or the Brazilian Foreign Office, we do not yet know, but other complaints against the *Panther* are coming in.

20. « Germany and Brazil. », *The Times*, 20 de dezembro

Pedido de desculpa alemão publicado no Nord-Deutsche Allgemeine Zeitung. Notar-se-á que se nega a presença de Steinhoff na Panther e que os responsáveis deste incidentes são os oficiais alemães que ultrapassaram as ordens.

FROM OUR OWN CORRESPONDENT.)

BERLIN, DEC. 19.

The semi-official *Nord-German Gazette* announces this evening that the German Minister at Petropolis has been instructed to make the following reply to the complaint of the Brazilian Government with reference to the violation of Brazilian territory by members of the crew of the German gunboat *Panther*: –

“ (1) Steinhoff is not on board the *Panther*, nor has he ever been there. (2) The commander of the *Panther* had instructed certain officers and men of the crew who had shore-leave to ascertain in an unobtrusive manner the whereabouts of a seaman suspected of desertion. Since according to the result of the investigations the officers and men in question were guilty of exceeding their instructions, the Imperial Government has expressed to the Brazilian Government its regret for what took place. ”

21. « The *Panther* Incident. », *The Manchester Guardian*,
13 de dezembro

Resumo dos colóquios entre o ministro brasileiro em Berlim e o secretário de Estado alemão que dá uma versão um pouco diferente dos acontecimentos.

A STRICT INVESTIGATION.

On Monday evening the Brazilian Minister in Berlin called on Baron von Richthofen, the Secretary of State for Foreign Affairs¹¹⁰, and asked for information with regard to the reported action of the German gunboat *Panther*. He submitted the account of the incident which was current at Itajaí, according to which a detachment of German sailors landed late at night and went to a hotel where a certain gentleman named Steinhoff was staying. They accused him of persuading a seaman of the *Panther* to desert, and took him off to the gunboat, which sailed immediately for Florianópolis. Here, it is declared, sailors landed and ordered a man named Zimmerman, son of a Brazilian subject, to show them the place where he saw a deserter.

Baron von Richthofen replied that the Government had requested the commander of the *Panther* to telegraph an account of the incident, and that the matter would be most strictly investigated. His reply to the Brazilian representations must, he added, be withheld until the report arrived.

¹¹⁰ Oswald von Richthofen (1844-1906) foi ministro dos Negócios estrangeiros de Guilherme II de 1900 até à morte.

The Brazilian Minister states that the accounts of the incident available are vague. The hotel-keeper at Itajaí had received a postcard from the German Steinhoff, who had left all his effects at the hotel, with a request that his luggage and letters should be sent to Buenos Aires. The Minister declared that there is no question of a Brazilian protest, as the matter is in no wise grave enough to call for a formal protest. The report that Brazil has asked the United States to take action is, he says, absolutely untrue.

22. *The Western Daily Press*, 12 de dezembro

O quotidiano de Bristol faz o ponto da situação e, depois de ter afirmado que o «número de colonos alemães não dá o direito a uma potencia europeia de enviar tropa armada em terra ou do outro lado da fronteira», considera que a Alemanha terá de punir os culpados, resolvendo desso modo a contenda, sem que seja preciso que Roosevelt invoque a doutrina Monroe.

The quarrel between Germany and Brazil is in its incipient stage, and it is not very likely to go further. The origin of the dispute is that the crew of the German gunboat *Panther* invaded Brazilian territory in the attempt to seize a misdemeanant of German nationality. The Brazilians have resented this action, and they have lost no time in submitting what they hold to be the facts of the case to Mr Roosevelt, whose remarks on the application of the Monroe doctrine in the course of the Presidential Message the other day are scarcely likely to have escaped attention. In the territory alleged to have been violated there is a large German colony, but the number of German settlers does not entitle the

European Power to send an armed force on shore or across the frontier. Unless Prince Bülow¹¹¹ is anxious to foment trouble, the only course left to the German Government is to repudiate the action of the *Panther's* crew, and to mete out to the offenders in it suitable punishment. A telegram from New York yesterday states that the German Minister in Brazil has advised his Government to pursue this policy, and if this advice be followed, the incident will be closed, and there will be no necessity for President Roosevelt to speak in plain terms to the Imperial Chancellor regarding the protective principle on which the Monroe doctrine is founded.

23. « Germany and Brazil. Extraordinary Act of Aggression. », *Sevenoaks Chronicle and Kintish Advertiser*, 15 de dezembro

O título deste artigo é já uma condenação dos atos perpetrados pelos marinheiros alemães. O jornal do condado de Kent, que cita o ponto de vista de um jornal de Berlin, dá uma versão errada dos acontecimentos. Com efeito, o navio não volta à capital depois de ter estado em Santa Catarina, mas prossegue a viagem para o Rio Grande e, depois para o Uruguai.

An act of extraordinary aggression has been committed by the German gunboat *Panther* at the Brazilian port of St. Catarina. A man named Steinhoff, who is said to be a German army deserter, has been forcibly seized by three officers and twelve men of the *Panther*, and carried to Rio de Janeiro, where the

¹¹¹ Bernhard von Bülow (1849-1929) foi nomeadamente ministro dos Negócios estrangeiros da Alemanha de outubro de 1897 a outubro de 1900 e, logo a seguir, Chanceler até julho de 1909.

gunboat was lying. The incident has given rise to bitter resentment in Brazilian official circles, where the view is taken that the affair was premeditated. Steinhoff, as far as is known, was not liable to arrest, even by the local authorities, and far less by the sailors of a visiting warship.

The *National-Zeitung*, on Saturday, gave what purported to be the German version of the alleged violation of Brazilian territory by men belonging to the German navy.

“It has been ascertained,” the journal said, “up to now, that some warrant officers of the gunboat *Panther* had a scuffle with a German subject at Itajaí. No attempt was made to exercise any official power over his person, and, consequently, no infringement of Brazilian sovereignty has taken place. There can, therefore, be no question of a political incident.”

The German gunboat *Panther* arrived at Rio de Janeiro with the man Fritz Steinhoff on board. The man was captured by a detachment of men from the *Panther* at St. Catarina, which has caused great excitement in Brazilian Government circles.

24. « An Apology ? », *The Newcastle Daily Chronicle*,
20 de dezembro

O diário de Newcastle constata com uma certa satisfação que o caso foi resolvido com o pedido de desculpas do governo de Berlim. O jornal inglês põe em relevo a «coragem e a determinação com as quais o governo brasileiro enfrentou a Alemanha, reivindicando os direitos e a dignidade da República».

The *Panther* incident, about which so much has been heard of late, has been brought to a close with a frank apology. It is to be gathered from the semi-official *Nord-deutsche Allgemeine Zeitung* that while the German Government cannot admit that the man Steinhoff was forcibly carried on board the *Panther*, it is acknowledged that the officers and men who had been sent ashore to search for a sailor suspected of desertion had been guilty of exceeding their orders. An expression of regret has been in consequence communicated to the Brazilian Government by the German Minister at Rio de Janeiro. It is gratifying to find that Berlin is not too proud to recognise that the officers and men of the *Panther* were in the wrong, and that a peaceable, if not graceful, termination has been put to an episode which might have led to disagreeables. We must admire, nevertheless, the pluck and determination with which the Brazilian Government stood up to Germany and insisted on vindicating the rights and dignity of the Republic. Whether, however, it did not draw some of its courage from the knowledge of the existence of the Monroe doctrine is another matter.

25. *The Western Times*, 26 de dezembro

O caso ainda não está encerrado. O Brasil espera por uma clara desculpa por parte do governo de Berlim que tem de «desautorizar a ação dos seus oficiais e marinheiros». No entanto, salienta o jornal inglês, o estado de excitação vivido no Brasil não vai facilitar as coisas.

More is likely to be heard of the Monroe Doctrine in the near future unless Brazilian susceptibilities are soothed by adequate explanations or an official apology from Germany. Despite optimistic cables from Berlin to the effect that the *Panther* incident is satisfactorily closed, advices from Washington show that the dispute is by no means amicably arranged. Apparently the view taken by the Kaiser's Government is that because the officers and men of the *Panther*, who admittedly landed and forced their way into the house of Brazilian citizens were in mufti and not in uniform, no serious harm was done. Brazilians hold that this violation of their territory cannot be settled in any such off-hand way, and that the German Government must frankly apologise and disavow the action of their officers and men. The United States Government is in possession of all the facts of the case, but looking to the excited state of Brazilian feeling, the task of adjusting such a delicate situation to the satisfaction of both countries is one fraught with considerable difficulty.

II. Artigos na imprensa norte americana



Fig. 51 : *The Spokane Chronicle*, 9 de dezembro.

**AMOUNTS TO
AN INVASION**

**Germans Forcibly Seize
Deserter in Brazil.**

OFFICERS IN CIVILIAN SUITS.

**Not Deserter From Their Ship, But
From Army—Found and
Kidnapped.**

USUAL PRACTICE FOLLOWED.

Fig 52 : *Nashville Banner*, 9 de dezembro

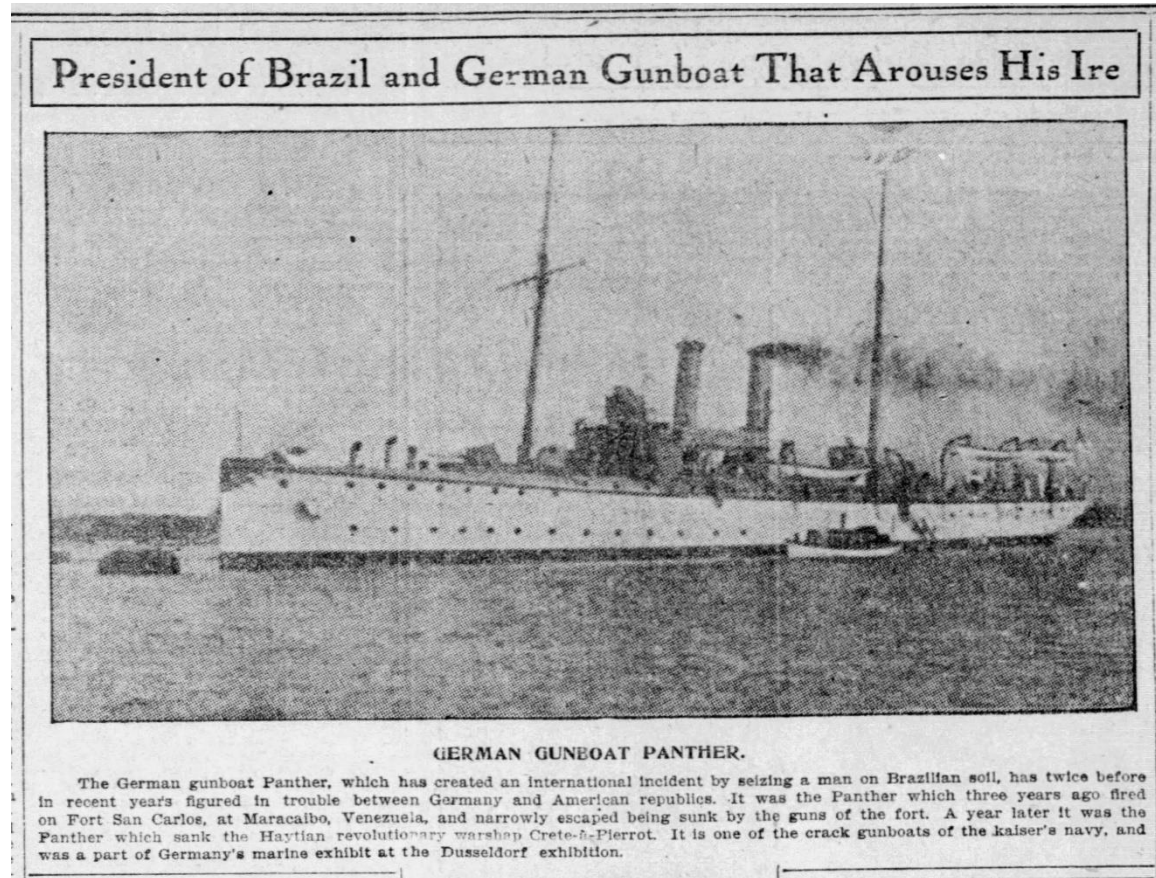


Fig. 53 : A 11 de dezembro, o *Chicago Tribune* publica uma fotografia do canhoneira alemã. Na legenda da imagem, recorda que a *Panther* já tinha intervindo em Maracaibo, na Venezuela, em 1902 e que, no ano seguinte, no Haiti, tinha afundado um navio.

26. « Wants an Apology », *The Washington Post*, 10 de dezembro

Artigo na primeira página do jornal da capital americana, com uma entrevista do embaixador brasileiro em Washington.

O jornal sublinha, por um lado, o flagrante desrespeito da soberania brasileira e, por outro lado, que os oficiais alemães mudaram de roupa antes de desembarcar, prova das suas pouco louváveis intenções. Acrescenta que haverá um problema só no caso duma recusa por parte da Alemanha de «retratar-se e de oferecer um pedido de desculpa», mas, visto as boas relações entre os dois países e os atos claramente ilegais dos oficiais da Panther, tudo vai voltar ao normal.

Brazil Greatly Angered by Action of the *Panther*.

DEMANDS AN EXPLANATION

May Ask Our Support in Securing Satisfaction from Germany.

Senhor Nabuco Says He Hopes for the Prompt Restoration of the Man Taken Away by Crew of German Cruiser and Ample Amends from Kaiser's Government for the Indignity Offered—Fears a Repetition of Unfriendly Act.

At the request of Baron Rio de Branco¹¹², minister for foreign affairs of Brazil, Ambassador Nabuco¹¹³ sent an official communication to the State Department yesterday, saying that several days ago officers and men from the German cruiser *Panther* landed on Brazilian territory, arrested a man accused of

¹¹² O Barão do Rio Branco (1845-1912) foi ministro dos Negócios estrangeiros do Brasil de 1902 até à morte.

¹¹³ Em 1905, Joaquim Nabuco (1849-1910) foi o primeiro embaixador do Brasil em Washington.

deserting from the German army, and took him to the German warship. At the same time Senhor Nabuco unofficially expressed the opinion that the German government would disavow the act and offer an apology for such a flagrant violation of law.

The information was communicated to this government because, in the event that Germany does not disavow and apologize, Brazil will expect the United States to use its good offices to cause her to give Brazil satisfaction. Brazil has asked for an explanation and an apology.

Nabuco Regrets Affair.

When questioned about the action of the *Panther's* officers yesterday, Senhor Nabuco said :

Our sentiments toward Germany always were of the most cordial kind, and we feel quite surprised at this gratuitous offense by a German man-of-war. Our present foreign secretary, Baron Rio de Branco, has been Minister in Berlin, and he feels the strongest sympathy for the German people. The leading man in our cabinet in matters of national development of the country, Mr. Lauro Muller¹¹⁴, is a son of Prussian immigrants. The special character of this aggression is that it strikes at the root of German immigration in Brazil, as it is calculated to leave a ferment in the minds of both nations if a conflict were to develop through denial of reparation.

Of course, we are bound to ask, first of all, for the restitution of the prisoner on the *Panther*, and then for a condemnation of the capture. Every man-of-war that enters a foreign port is treated as an honored guest of the nation whose flag she salutes, and is expected to behave accordingly. Hostile acts done in disguise should be disavowed frankly. I hope the action was not

¹¹⁴ Lauro Muller (1863-1926), engenheiro, militar e diplomata brasileiro, foi nomeadamente ministro dos Transportes (1902-1906) e ministro dos Negócios estrangeiros (1913-1917) do Brasil.

taken purposely, but in ignorance of international law, and that Brazil receive full redress.

“But the papers say,” it was suggested, “that you are sending cruisers after the *Panther*.”

Fears a Repetition.

Well, since the *Panther*, after leaving Santa Catarina, went to Rio Grande with the prisoner, it is natural that we should follow her course attentively on our coast, as she might again play the part of a recruiting boat. It is by all means an ominous incident, as it is generally acts of this kind that start bad feeling between two friendly nations. As I said, we were always most mindful of our good relations with Germany, and sanguine about them. Only yesterday I telegraphed home for details upon German colonization in Brazil to dispel the fear of a German danger entertained by some here.

Acts like that of *Panther* suffice to create the same feeling with us, and that is very unfortunate in every respect.

The incident occurred at the town of Itajaí, in Catarina. Steinhoff, the man arrested, was living there. The United States regards such men as political refugees and not subject to extradition. Brazil takes a similar view, and, for that reason, the disregard of Brazilian sovereignty is considered all the more irritating.

Were in Disguise.

That the German officers intended to disregard the rules of international intercourse is believed to be shown by the fact that before they went ashore they exchanged their uniforms for civilian garb, thus affording no ground for even comment upon the fact that a rather large party had come ashore.

The incident can become serious only through a refusal of Germany to disavow and offer an apology. There is no question about the nature of the offense committed by the landing party. The only question is as to whether Germany will give satisfaction. The Brazilian government regarded it as an unfriendly act and took measures to see that there was no repetition of it by sending three of her gunboats to watch the *Panther*, a small cruiser.

The belief that Germany will apologise is based upon the fact, first, that the German officers were altogether in the wrong – that is, if the facts are as reported to this government – and, second, because the relations between Germany and Brazil have always been more cordial than between Germany and some of the other South American republics.

27. « Does the Kaiser owe Amends to Brazil ? », *The Sun*, Baltimore, 10 de dezembro

O Brasil tem todo o direito de exigir um pedido de desculpa ao Imperador alemão.

An interesting question, but one which should not be allowed to become serious, has been raised in a Brazilian port by officers of the German cruiser *Panther*, It is alleged that they went ashore in civilian dress and seized a man who had left his native land – Germany – as a deserter from the army. The *Panther* then steamed away with the alleged deserter on board. The Brazilian authorities are represented to be highly displeased at the action of the German

officers. If it be true, as stated, that they made the arrest without permission of the Brazilians, and, in fact, utterly ignored them, their behavior was calculated to give offense. It is the practice in the United States Navy and probably in other navies to obtain the permission of the local authorities before arresting a deserter in a foreign port. In the Brazilian case the man who was seized was not a deserter from the German navy, but from the German army, and it is claimed that his status in Brazil was that of a political refugee. If Brazil's sovereignty has been violated by the Kaiser's officers, Emperor William will, of course, see that proper amends are made. According to the reports, the Government of Brazil is justified in asking the Kaiser to curb the impetuosity of his naval officers in Brazilian waters and on Brazilian soil. Suppose the case were reversed and Brazilian officers had made an arrest in a German port without asking anybody's permission. Wouldn't the Kaiser have spoken his mind without reserve ?

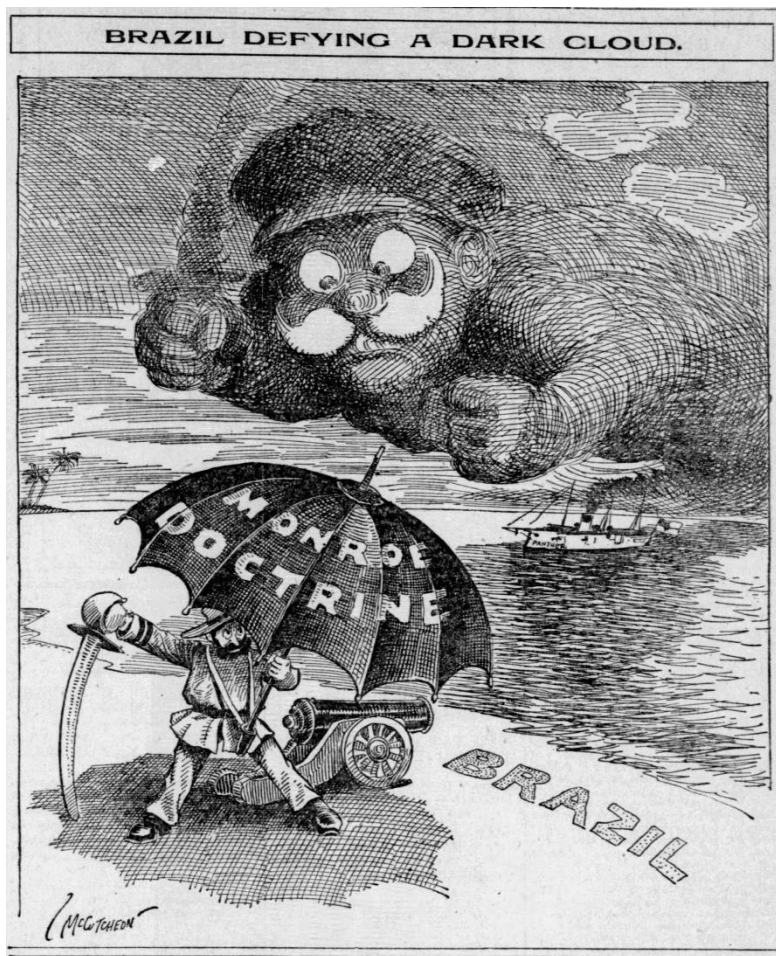


Fig. 54 : «O Brasil está a desafiar uma nuvem negra». É a doutrina Monroe que conseguiu proteger o Brasil. (*Chicago Tribune*, 11 de dezembro)

28. « Hot after *Panther* », *The Washington Post*, 11 de dezembro

Longo artigo publicado na primeira página do jornal americano que narra os acontecimentos, desde a captura do chamado desertor até à reação – ponderada, mas decidida – do governo do Rio de Janeiro. Este enviou três navios da capital em direção ao Rio Grande do Sul onde se encontra o navio alemão, com o objetivo de libertar o prisioneiro.

O jornal releva que a Panther – «gato malvado nos portos da América latina» e que tem má fama – não está em condições de resistir à frota brasileira.

Brazil's Ships Ordered to Recover Steinhoffer.

GERMANY MUST SALUTE

All Necessary Pressure May Be Used in Case of Refusal.

Kaiser's Little Vessel a Pygmy Compared to the Cruisers in Pursuit, and Resistance Is Not Looked For—News of Meeting, Should Arrive Tomorrow. Seizure of Political Refugee More Spectacular Than at First Reported.

Facts disclosed yesterday concerning the arrest of the so-called deserter from the German army at Itajaí, Brazil, by the officers of the cruiser *Panther*, indicate that the possibilities of trouble between Germany and Brazil are not a negligible quantity. Altogether the contrary is the fact.

The orders of the Brazilian admiral sent to look into the case are to demand the return of the prisoner to the city where he was arrested and the

tendering of the customary apology to the national flag. That is, the firing of a national salute of twenty-one guns, with the Brazilian colors at the fore peak.

The instructions are so worded that if the German captain refuses to return the prisoner, the Brazilian admiral, in his discretion, may apply such pressure as is necessary to compel compliance with the request. The only pressure he could apply would be detention of the *Panther* in Brazilian waters under threat of firing on the German ship should she undertake to leave.

False Impressions Given.

The impression created here by what was given out yesterday was that the Brazilian squadron merely was to watch the German cruiser to prevent further violations of Brazilian territory. The fact that a demand for the return of the prisoner was to be made was not disclosed.

Another erroneous impression created by the announcement of what was contained in the official dispatches from Rio Janeiro was that the Brazilian ships were near the *Panther* when the irritating disregard of Brazil's authority was shown. The fact is that the ships were at Rio Janeiro.

Instead of being near the German cruiser, the Brazilian admiral of the little squadron is legging it as fast as steam will send the ships through the water to come up with the *Panther* and have an interview with her captain.

Immediately after the arrest of the so-called deserter, the *Panther* departed for Rio [Grande] do Sul, where she was at the time of the last advices received by the Brazilian government. Thither the three ships are proceeding

with all haste, so as to make possible the interview between the captain of his imperial majesty's ship and the rear admiral believed to be in command of the Brazilian craft. It will undoubtedly become a chase if the *Panther* has sailed from Rio [Grande] do Sul.

Should Be News Soon.

The Brazilian ships departed from Rio de Janeiro on Friday¹¹⁵. It is a three-day sail from the capital to Rio [Grande] do Sul. Therefore, there ought to be some news from the squadron not later than tomorrow.

The Brazilian government is proceeding in cold blood in this matter, the arrest of Steinhoffer on November 27. After investigation, the authorities of Itajaí reported it to the officers of the State of Santa Catarina, who, in turn, brought it to the attention of the Federal government. The latter caused a careful examination to be made of all those having knowledge of the proceeding, so that it got an accurate account of what happened before action of any kind was taken.

It was learned yesterday that the arrest was made in a hotel in the presence of a large number of persons, and that Steinhoffer offered some resistance, so that it is not a case of ordinary shanghaing or of having induced a German subject, by deception, to place himself in the power of representatives of the sovereign to whom he once owed allegiance. On the contrary, it appears as a

¹¹⁵ Sexta-feira dia 8 de dezembro.

case of willful and flagrant disregard of every rule governing intercourse between nations.

Senhor do Amaral, first secretary of the Brazilian Embassy, said yesterday that even if Steinhoffer were guilty of an extraditable offense, which apparently he is not, the failure of the German officers to observe the forms necessary to make extradition legal, constituted just ground for the protest and request for apology made by Brazil. He expressed the belief that the American government could not have acted more calmly and deliberately than the Brazilian has if the arrest had been made on the Virginia coast or even in some far-off island of the Philippine group.

Panther at Their Mercy.

While it is not considered likely that the German captain will defy the Brazilian admiral, and so bring about a test of force, it is interesting to note that the three Brazilian ships now probably bearing down on Rio [Grande] do Sul are more than a match for the *Panther*, and probably would be able to give the whole American station squadron of Germany an interesting argument.

The best ship of the three is the *Almirante Barroso*, a second rate armored cruiser of a little more than 3,000 tons. She is a modern ship, and is equipped with a wireless telegraph outfit. The *Benjamin Constant* and *Tamandaré* are training ships, the former having visited Chesapeake Bay¹¹⁶ only a few months

¹¹⁶ Maior estuário dos Estados Unidos, entre os estados da Virgínia e do Maryland.

ago, at which time the apprentices of the Brazilian navy overran Washington, and attracted much attention on account of their picturesque uniforms.

The *Tamandaré* and *Benjamin Constant* are comparatively large ships, being of about 6,000 tons, but they do not carry either the armor or the armament of the *Almirante Barroso*.

The *Panther*, by his exploits, apparently is trying to live up to her name. She has been a wild cat among the ports of Latin America ever since she has been on the American station. She has been mentioned in every dispatch concerning the doings of the German ships in the Colombian, Venezuelan, and Domingan troubles. She is a small protected cruiser of about 2,500 tons, the heaviest guns of which probably are 5-inch rifles.

29. « The *Panther* Incident », *The Daily Times*, 11 de dezembro

O editorialista de Davenport, que compara esta situação com «as depredações dos navios de guerra ingleses» na origem da guerra anglo-americana de 1812-1815, considera que este incidente é uma violação da doutrina Monroe. Porém, tendo em conta as boas relações entre a Alemanha, dum lado e os Estados Unidos e o Brasil do outro, julga que as autoridades de Berlim não vão legitimar o que os seus oficiais fizeram no porto de Itajaí.

How a single spark may cause a conflagration is illustrated in the incident which now is stirring all Brazil, and also is of much importance to the United States. As the story goes, a German gunboat's officers in plain clothes went ashore at Itajaí, Brazil, and compelled a hotel keeper to turn over to them a

young German named Steinhoffer, not a naval deserter, but a German subject who had left the German empire without performing the military service required of all Germans. Brazil holds that this act was an invasion of its sovereignty.

This act, if official reports verify it, is similar to those depredations by British warships that led to the war of 1812 between England and the United States. England held that a British subject remained a British subject, wherever found, and that if it was necessary to impress seamen, men of British birth could be taken off American warships or American merchant vessels. The United States held, on the contrary, that such acts were invasions of the sovereignty of the United States, that no international law required the delivery of any man by one nation to another, unless provision was expressly made for such delivery in treaty stipulations. England continued the outrages and the war was the result. The United States has always maintained that "to surrender a political offender is not a duty, but, on the contrary, compliance with such a demand would be considered a dishonorable subservience to a foreign power, and an act meriting the reprobation of mankind." If one country cannot be required to deliver up a political offender, surely the forcible taking of such an offender is a step that is, unless officially disavowed, a cause for war.

According to the reports, Brazil so interprets the *Panther* incident. Immediately three cruisers have been placed upon the trail of the *Panther* and the German gunboat remains under the guns of the Brazilian warships. The gunboat will not be allowed to leave Brazilian waters without delivering

Steinhoffer to the Brazilian authorities, and the activity of the *Panther's* men ashore will be watched closely to see that no further incidents of the kind occur. In the meantime foreign ministers are busy trying to get at the facts and to untangle the threads of the situation.

It is clear that the authorities at Washington must view the incident as a grave offense against not only international law, but the Monroe doctrine as well. In the event of war between Brazil and Germany, the United States might determine to intervene. If the facts as stated are proved to be true, no other course appears to be open to this country, if war results. However, the relations between Brazil and Germany hitherto have been of such a friendly nature, and there is so much good feeling between the United States and the German empire, that it is not likely that the Berlin authorities will sanction any act of its naval officers that could be construed to be either an offense to Brazil or a matter of grave concern to the United States.

30. « Germany in Brazil », *The Washington Post*, 11 de dezembro

O quotidiano – que recorda os ultrajes dos alemães em Samoa vinte anos antes – escreve que não se trata de uma crise de pequena importância: para os Estados Unidos, pode até ser considerado como um desafio enviado pela Alemanha. Provavelmente, esta crise vai ser resolvida, conclui o editorialista, que não exclui um conflito a mais longo prazo.

This German incident in Brazil is more important than it seems on the surface. We do not see how it can be brought within the circumference of the

Monroe doctrine unless the administration proposes to dilate that circumference far beyond the limits originally defined by Mr. Monroe himself. According to the reports the Germans did not seek to occupy Brazilian territory or to constrain in any way the action of Brazilian citizens. Nevertheless, the proceeding was deliberately offensive and evidently intended as an overture of poignant irritation. Quite apart from the outrage on Brazil, it has very much the appearance of a challenge to the United States – a challenge at once furtive and insulting, a demonstration from which Germany can recede with smiling face, but unmistakably intended as a stab.

One need only examine that remarkable book written by Robert Louis Stevenson and entitled *Eight Years of Trouble in Samoa* in order to realize the absolute concordance of this outrage in Brazil with the studied calculated and persistent outrages practiced by Germany in Samoa twenty years ago. Bismarck virtually repudiated the pestiferous activities of the German agents in Samoa, but there are no more Bismarcks in Prussia, and we can forecast nothing from the wise decision of that colossal statesman. What confronts us now is the peril of Berlin's swagger in the western hemisphere. The collision of course may be avoided – the Prussian is as cautious as he is aggressive. It is an even chance the Germany will, for the present, limit her encroachments to the feeble and the practically helpless. But there is always the possibility that, some day, there will be a transposition and an unexpected clash.

31. « Germany and Brazil. », *The Times Democrats*, 11 de dezembro

Se o comandante da Panther não for «um homem particularmente teimoso» e o contra-almirante brasileiro não tiver uma atitude agressiva, esta crise, devida à truculência dos oficiais alemães, vai ser provavelmente resolvida com a libertação do prisioneiro e com um pedido de desculpa por parte do governo de Berlim, nota o articulista.

The unauthorized seizure and arrest of the German deserter, Steinhoffer, by the officers of the German gunboat *Panther* in a Brazilian port seems to be more serious than the first dispatches indicated. The Brazilian government has ordered a Rear Admiral in command of a little fleet of three vessels to find the *Panther*, demand the return of the deserter and make apology for the incident by saluting the Brazilian flag. The situation may easily become difficult, if either of the two commanding officers lack calmness. The German officer showed some truculence in making the arrest, and he may be disposed to resist the attempt to rescue his prisoner. He is clearly in the wrong, for he had no right whatever to seize the deserter under the circumstances, his act being a serious international offense. Brazil is entirely within her rights in demanding that the man be returned to her, and if the German be not an especially stubborn man, or the Brazilian Rear Admiral be not an unduly aggressive officer, the incident should be closed with the return of the prisoner and the offer of apology.

The incident is one in which this country has no interest, except as it bears on the increasing influence of Germany in that section. There are many German colonists in the region where the arrest was made, and to this fact is

due, perhaps, the action of the German officers. The custom in such or similar cases is for the foreign ship to make a request on the local authorities for the arrest and return of the deserter, or for permission to send a squad ashore to make the arrest. The Germans failed to make any such a request, for the reason that the circumstances in the case would not have justified compliance. The deserter was not a member of the crew of the *Panther*, nor was he a sailor of the German navy. He was a deserter from the German army, and under the circumstances should not have been returned to the ship through courtesy of the local authorities. Had he been already a prisoner on the ship and have escaped, international law is very clear on the point that the alien crew had no right to pursue him. A military prisoner who escapes to neutral country is safe from arrest as a fugitive.

There seems, therefore, to be no question of the right and the wrong in the incident which has brought about strained relations between Germany and Brazil. The republic is clearly in the right, and should maintain its position. There would probably be no doubt of the acceptance by Germany of the justice of her position, if the matter got within the realm of diplomacy, but the German naval officer may have other views, and in his contempt of the naval power of Brazil may take action that will bring about an acute condition of affairs. The orders of the Rear Admiral are said to be very clear and positive, and leave him little room for arrangement. He must secure both the prisoner and the apology, lacking which it is assumed that he will refuse to let the *Panther* leave port until he has heard further from the civil authorities. Wars do not result from

such incidents in these days, and yet there are several elements of danger in the situation.

The *Panther* is a little gunboat carrying two four-inch guns and her military value is negligible.

32. « The Case of the *Panther* », *The Evening Star*, 11 de dezembro

Para o vespertino, Guilherme II vai apresentar as desculpas ao Brasil, mas estas atitudes agressivas e que violam as leis internacionais por parte da Alemanha, «não são só atos irresponsáveis de indivíduos, mas fazem parte de uma política coerente de governo», realça o editorialista. Para fortalecer a sua tese, este menciona um incidente nas Filipinas alguns anos antes e a atitude detestável da própria Panther na Venezuela em 1902.

The arrogance of the German in uniform is one of the most striking impressions obtained by the foreigner visiting the Kaiser's realm. And the arrogance of the German in uniform is becoming one of the most conspicuous and unpleasant facts in the international field. A few years ago we had an instance of this obnoxious characteristic at Manila, when some of the Kaiser's naval representatives threatened to get "in the line of fire" at a time when Admiral Dewey needed plenty of sea room. Thanks to Dewey's prompt and pointed declaration that he would not withhold his fire if a German intruder ventured to push into the situation the issue was quickly settled for peace. The obstreperous officers of the Kaiser withdrew from their impudent position and later the government at Berlin made proper representations, which, in a

diplomatic sense, closed the incident. But the memory of that intrusion remains and is revived by the accounts just received of another case of imperial military insolence, this time in Brazil.

Judging from the dispatches there is no possible excuse for the manner in which the Germans went ashore from the *Panther* and arrested a man on the claim that he was a deserter from the German army. Even had the prisoner been a deserter from the *Panther*, the rule of procedure would have been different. The German commander must in that case have requested the police authorities to apprehend the man, and he would then have had a chance to establish his innocence. But as the case stands, with the arrest made on the claim that Steinhoffer had deserted from the army, it is gravely to be questioned whether Germany has any jurisdiction whatever, even through the courts, to obtain possession of the fugitive's person.

Whatever may be the international precedents or the law, the manner of the action is highly offensive, not only to Brazil, but to all other nations. It is characteristic of the imperial method the world over. The Kaiser's title to the peninsula of Kaio Chan in China rests upon just about as flimsy grounds.

This same *Panther* was conspicuous in the proceedings against Venezuela a few years ago. However just may have been the claims of the European allies against Castro, the methods employed in their enforcement were shocking to the American sense of fair play and the antics of the *Panther* particularly were in the last degree obnoxious. The German government was compelled to disavow the acts of her commander.

In this latest case it is likely that the Kaiser will cause apologies to be made to Brazil, but the *amende honorable* will not wipe out the memory of the outrage, nor weaken the impression that these flagrant violations of international law are not merely the acts of irresponsible individuals, but are part of a consistent policy of government.

33. « Brazil and the *Panther* », *The New York Times*,
12 de dezembro

O quotidiano ataca duramente esta violação das leis internacionais por parte da Panther, e acrescenta que não é a primeira vez que esta canhoneira arma confusão nas águas do continente americano, também com as felicitações de Guilherme II. No entanto o editorialista não acredita que, desta vez, o imperador alemão aprove o comportamento dos seus oficiais nas águas e terras brasileiras.

It is quite absurd to connect the announced intention of the Secretary of State to visit Brazil with the procedures of the German gunboat *Panther* in a Brazilian port. The Secretary's intention was announced before the questionable incident occurred.

The incident was highly questionable. A landing party from the *Panther* seized, at a hotel on shore, a young German who had taken refuge in Brazil with the intention, as was alleged by the officer immediately responsible for the proceeding, of evading German military service. The Brazilian Government thereupon demanded the release of the fugitive and the disavowal of the act of

the German naval officer. To secure these results it sent three Brazilian vessels of war to follow the German gunboat and prevent it from leaving Brazilian waters with its prisoner.

On the face of it this is of course a case of mere kidnapping. Such cases have occurred on shore, notably in the reign and under the orders of FREDERICK the Great of Prussia. They have occurred at sea, notably in the exercise of what British naval officers called the right of search for seamen suspected of being British in American vessels. We went to war over the latter pretension, and, though nothing was said about it in the treaty of peace, British naval officers have not, since 1815, attempted to exercise their alleged right upon American vessels.

Wherever an incident of this kind occurs, it is, of course, on the part of the Power which makes the seizure, a high-handed infraction of the sovereignty of the Power with which the fugitive has taken asylum. Disavowal, restitution, and apology are needed to wipe out the international offense. We have no doubt these reparations will be promptly forthcoming. The explanation of the action of the *Panther* is not conceivably that it was due to orders from Berlin. It is probably the same explanation that was given by Capt. CHICHESTER, Royal Navy, to Commodore DEWEY, United States Navy, of the procedures of Admiral VON DIEDERICHS of the Imperial German Navy in Manila Bay¹¹⁷. The *Panther* has already distinguished herself by the tension of international relations in American waters. On one occasion her efforts elicited from the German

¹¹⁷ Episódio da guerra hispano-americana de 1898.

Emperor a cable dispatch, " Well done, Panther. " If he should now repeat that message the situation might become serious. But we refuse to believe that there is any reason for apprehending that.

34. « Germany and Brazil. », *The Wilmington Messenger*,
12 de dezembro

Para o quotidiano da Carolina do Norte, o governo de Berlim só tem uma possibilidade: apresentar um pedido de desculpa ao Brasil.

Todavia, o editorialista emite a hipótese de tudo isto ter sido premeditado, com o claro objetivo por parte da Alemanha de «pôr um pé na grande e próspera república sul-americana». Nesse caso, os Estados Unidos deviam intervir e pôr em prática a doutrina Monroe.

«Porém, esperemos que não seja esse o caso», conclui o jornalista.

In the press dispatches in Sunday's¹¹⁸ papers gave a correct account of the conduct of the officers of the German warship *Panther* in arresting a former citizen of Germany on Brazilian soil it looks like the officers of that little warship have "put their foot in it." We do not see what Germany can do but discharge the *Panther's* prisoner and make an apology to Brazil for invading her soil in this lawless and unlawful manner.

But just suppose those officers were acting under positive and definite orders from their government and that the Kaiser refuses to apologize or make amends, what are you going to do about it then ? Is it a case covered by the

¹¹⁸ Refere-se ao domingo dia 10 de dezembro.

broad wings of the Monroe Doctrine ? Has Uncle Sam got anything to say about it ?

It does not seem likely that the officers of a third-rate warship would almost in the immediate presence of three much more powerful warships of the other country, take upon themselves the responsibility of committing such a breach of international law and of the law of comity between nations on friendly terms. It seems as if this conduct was premeditated and done through instructions of high government officials.

If Germany refuses to make amends for the conduct of her naval officers and forces Brazil to hostile measures Mr. Roosevelt will have to take another squint at what he said to the American congress and the American people the other day on the subject of the broad scope of the Monroe Doctrine for the purpose of seeing if he cannot so amend what he then said so as to give that doctrine even broader scope.

If this action on Germany's part was premeditated and done by authority of commands from government headquarters it was, no doubt, for the purpose of raising a serious contention with Brazil and one that would in the end give her a foothold on the soil of this great and prosperous South American republic.

Germany has for a long time been casting longing eyes to the shores of the South Atlantic on this side of the ocean. She is especially anxious to establish colonies which will be subject to the mother country and contributory to her growing power and wealth. Brazil is one of these countries on which she

has had her eye. If she has any such design as this in mind, of course, the Monroe Doctrine would step in and call a halt of her schemes. The United States could not and would not allow Germany or any other European power to purposely pick a quarrel with any republic to the south of us for the purpose of acquiring permanent possession of territory in the same. The first attempt to reap these results of such a quarrel would be met by determined opposition from our government.

We hope, though, that this is not the case in this instance ; that the German government will hasten to disavow the action of the naval officers of the *Panther*, and that the former feelings of amity will be speedily restored. We cannot believe her course will be otherwise.

35. *The Pittsburg Gazette*, 12 de dezembro

Estes pequenos incidentes podem provocar guerras!

Report is made two Brazilian warships are pursuing the German gunboat *Panther* to compel surrender of the alleged deserter seized in Brazil territory. It is suggested the *Panther* may decide to fight. Stranger things have happened. Smaller issues have caused wars. This incident is of more than passing interest to this country, because it has in it the possibility of calling for armed interpretation of the Monroe doctrine.

36. *The Buffalo Morning Express*, 12 de dezembro

Caso encerrado!

Assurances are given from Berlin that the alleged violation of Brazilian territory by a party from the German cruiser *Panther* will be investigated and that the officers will be punished if found at fault. This makes it appear that there is no occasion for any further alarm over the incident.

37. « The *Panther* Affair Serious. », *The Wilmington Messenger*,
13 de dezembro

Citando um artigo publicado pelo Washington Post¹¹⁹, o jornal põe em relevo a possibilidade do navio alemão se recusar obedecer as ordens da marinha brasileira. Neste caso, os Estados Unidos seriam chamados a intervir, sublinha o articulista, segundo o qual a próxima guerra será contra a Alemanha por esta tentar pôr um pé neste lado do Atlântico.

Este artigo informa-nos que em 1904 o Panther esteve no porto da cidade de Wilmington, onde foi muito bem recebido.

In another column we publish an interesting article from Monday's *Washington Post* regarding the action of the officers of the German warship *Panther* in arresting a former German citizen on Brazilian soil and forcibly taking him aboard that vessel.

¹¹⁹ Cf. Texto 28.

In addition to the grave international questions raised, which may bring the United States into this controversy, the people of Wilmington are additionally interested in this matter because of their acquaintance with the officers and men of the *Panther* formed when that vessel was in our port last year, on which occasion our people paid them much attention and gave them a royal reception.

This *Washington Post* article throws much light on the state of affairs and corrects some errors which were made in the first dispatches in regard to the affair. Its account of what occurred and its statement of the position assumed by Brazil in the case shows the situation to be very grave indeed. Should the Brazilian warships overtake the *Panther* and she should refuse to comply with the demands the commander of the squadron is instructed to make there is likely to be trouble of a serious nature and it is not at all impossible that the United States may be drawn into the controversy, for as *The Messenger* said yesterday, this government could not allow Germany to take possession of Brazilian territory under any pretext.

The prediction has been made that the next war our country would have would be with Germany on account of her aggressive action in attempting to secure a foothold in the western hemisphere.

The Post's prediction on Monday that additional news from the seat of trouble would be received in Washington the next day has not, up to this writing, been verified, but the press dispatches received late tonight before the

term for our paper to go to press may contain further and more interesting news.

If the Brazilian squadron should overtake the *Panther* and demand the release of the prisoner and the firing of a national salute in honor of the Brazilian flag she will most likely refuse to do so and then, of course, she will be detained by force. Then the question is : What will Germany do to release her from custody ?

Should the *Panther* escape with her prisoner Brazil would still insist on the release of the prisoner and, probably, also on the salute to her flag ; but the situation would not be so strained as it would be with a German warship held in restraint by a Brazilian squadron.

38. *The Pittsburg Post*, 13 de dezembro

Na opinião do jornal da Pensilvânia, é pouco provável que este caso provoque uma profunda crise entre os dois países.

Brazil has made formal complaint to Germany of the action of the officers of the gunboat *Panther*, who are alleged to have violated her sovereignty by kidnaping a man from her soil without due cause. Brazilian warships were reported to have been sent after the German gunboat, and if so, it is possible some serious complications may be the outcome. Germany, however, is particularly anxious to be on good terms with Brazil, in whose territory many of her citizens have settled in recent years, and where large amounts of German

capital have been invested. It is hardly likely, therefore, that she will take a course that will be liable to cause ill feeling, for the effects would be felt not only in Brazil, but throughout all South America, and German trade would inevitably suffer greatly.

39. *The Morning Call*, 13 de dezembro

O que é que a Alemanha quer?

What is Germany up to ? She sent the warship *Panther* to Brazil, seized an alleged deserter and carried him off. Brazil intends to demand an apology from the Kaiser. A similar case was reported in *The Call* of Saturday. A writ of *habeas corpus*, issued by Judge Cross of the United States district court of New Jersey, was served on several officers of the steamship *Amerika* of the Hamburg-American line, Hoboken, ordering them to produce before him in Newark, next Wednesday, the body of August Brehm, a minor, formerly employed as a steward on the steamship *Pennsylvania* of that line. The boy had been taken to the *Amerika* and locked up in the hold.

40. « Bad Break of German Tars», *The Bamberg Herald*,
14 de dezembro

Segundo a embaixada do Brasil em Washington, tudo será resolvido com a «total reparação por parte da Alemanha». Porém, o jornal interroga-se sobre as intenções dos oficiais e também porque estes desembarcaram vestidos à paisana.

Officers from Gunboat Go Ashore in Brazil and Illegally Take Deserter.

The Brazilian embassy at Washington has received a telegram from Baron de Rio Branco, the minister of foreign affairs, stating that a few days ago several of the officers of the German gunboat *Panther* went ashore in civilian dress and visited a small fishing town called Itajaí, in the State of Santa Catarina, and there without any form of process seized a man named Steinhoff, who had left his native country, Germany, as a deserter from the army, and took him with them as a prisoner on the *Panther*.

The first secretary of the Brazilian embassy declared that relations between Germany and Brazil have of late been very cordial. It was greatly regretted at the Brazilian embassy that this incident happened, though it is felt that Germany will give prompt and full redress for what at first report appears to be a severe breach of international law.

It is not known under whose orders the officers of the *Panther* acted, or whether they started out on shore with the intent of taking Steinhoff a prisoner, and in that case why they went in civilian dress.

41. « Germany and Brazil. », *The Berkshire Eagle*, 15 de dezembro

Desta vez, o governo de Berlim não vai apoiar o atos dos seus oficiais, que, como de costume, manifestaram desprezo pelas pequenas nações.

With that nonchalant disregard of the susceptibilities of the smaller nations which is characteristic of German naval officers, the officers of the German war vessel *Panther*, the other day, sent a guard ashore at a Brazilian port, and arrested without ceremony a German who was charged with being a deserter or with avoiding military service, and bore him off. This was a clear infraction of national rights. But the time has past when South American republics tolerated such proceedings because they were too weak to resent them. The Brazilian government made vigorous protests, and to such good effect that the German government, instead of sustaining its officers, has promised redress if the facts prove to be as asserted. So an incident which might have had serious consequences will probably be speedily adjusted.

42. « The *Panther* Incident », *The Houston Post*, 16 de dezembro

Trata-se de um incidente menor, nota o jornal texano, que prevê uma solução amigável da contenda.

O mesmo não acredita que a Alemanha queira um conflito com os Estados Unidos. É Londres – «que receia um confronto com a Alemanha» – que propaga estas notícias com o objetivo de fortalecer as relações entre a Grã-Bretanha e a sua antiga colónia. «Prever que haverá uma guerra germano-americana dentro de cinco anos é uma mera especulação de agitadores

irresponsáveis», sentencia o jornal de Houston segundo o qual «essa guerra arruinaria a Alemanha».

«Provavelmente, o acidente da Panther» vai ser utilizado «pelos patriotas exaltados» para fazer pressão sobre o Congresso com o objetivo de «construir uma grande marinha», mas eles não vão conseguir esse objetivo, conclui o articulista.

The sensationalists now have a choice morsel in the shape of the *Panther* incident. The *Panther* will be recalled by newspaper readers as a small German cruiser which not long ago stirred matters in Brazil. Some members of the crew went ashore, captured a deserter from the German army and took him on board the *Panther*. It was a flagrant breach of law and an insult to Brazil, but after all the matter is not so serious that it may not be amicably settled, and probably it will be amicably settled.

There are some who see the possibility of the United States becoming embroiled with Germany as a result of the incident, but the mere fact that the United States may become involved in the matter is the surest guarantee that it will be settled amicably.

Brazilian cruisers have been chasing the *Panther* with orders to compel the return of the deserter and apologies. Brazil is acting strictly within her rights in pursuing such a course, and the chances for trouble depend largely upon the action of the German commander should he be overhauled by the Brazilian admiral. Should the German cruiser be fired on or sunk, there will be a complication which it will be impossible for the United States to keep out of.

They are cabling from London to New York, however, that the incident was premeditated by the German authorities with the plain purpose of forcing an issue with the United States ; that the Kaiser intends to get a foothold in South America for the purpose of colonization.

There is not the slightest reason to believe that German will seek a quarrel with the United States. The cables from London appear rather as a renewal of English efforts to draw the United States into closer relations with Great Britain. It is Great Britain that fears a clash with Germany. British interests would halt at no intrigue that would tend to draw the United States into an alliance, and the exploitation of the idea that the German government has designs on South America can have no other motive than the stirring of strife between Germany and the United States.

It is impossible that the German government should feel encouraged to break with the United States. Such a war would ruin Germany, just as the Russo-Japanese war has crushed Russia. Germany's splendid army could never be brought into effective action, and Germany's navy is not equal to the task of bringing America to terms. And there is no prospect that Germany will ever possess such naval superiority as would make it safe for her to try conclusions with the United States.

Predictions that there will be a German-American war within five years are but the idle speculation of irresponsible agitators. Germany's political strength depends upon the concentration of her offensive and defensive military strength at home. To become embroiled with a strong power far away

from her shores would but invite the activity of enemies within her immediate vicinity, and no such danger as this will be voluntarily sought.

Probably the *Panther* incident will be made much use of by the jingoes at home to excite congress to the point of building a great navy, but congress should not be frightened by anything so trivial.

43. « No Cause for Excitement. », *The Altoona Times*,
16 de dezembro

Artigo que pede prudência aos seus colegas jornalistas norte-americanos. Na opinião do editorialista deste quotidiano da Pensilvânia, é preciso ter mais informações antes de julgar a atuação da tripulação da Panther: não se pode nomeadamente acusar Guilherme II de ter querido testar os limites «do espírito da doutrina Monroe» sem provas.

O jornalista parece quase justificar a atitude do comandante do navio que quis ser fiel aos valores pátrios e que, se tivesse pedido autorização às autoridades brasileiras, nunca teria tido uma resposta nem a curto, nem a médio prazo: entretanto, o «fugitivo teria tido tempo para sumir».

It will probably be prudent of organs of public opinion in this country to wait for more detailed and accurate information before pronouncing judgment on the landing of a force from the German gunboat *Panther* to seize a subject of the Kaiser on the territory of Brazil.

There seems to be no doubt that the person thus forcibly apprehended was either a deserter from the German military service or that he was a German who had left his home to escape the enforced tenure in the army which is

compulsory throughout the Fatherland. In either case he was presumably regarded as disloyal by the commander of the *Panther*, whose zeal for his own country may have led him to override the dictum of international law. If the person seized was a proper subject for legal capture the proper course would have been to call on the Brazilian authorities to arrest him ; but Brazil is a country of “magnificent distances” and it might have been impracticable to get the requisite mandate from Rio Janeiro before the fugitive had time to escape.

In either event, it does not become us to act unless Brazil should vigorously demand reparation. The theory that the incident was inspired by the Kaiser as a test to see how far he might go in infringing the spirit of the Monroe Doctrine will be only credible if it shall be backed up by proof.

44. *The Waterbury Evening Democrat*, 19 de dezembro e
The Belleville News-Democrat, 21 de dezembro

Foi um ato irritante por parte do navio alemão, mas, na opinião do jornalista do Connecticut, não é suficiente para que se ponha em prática a doutrina Monroe.

When a German ship, the *Panther*, arrested an alleged deserter in Brazil she performed an act that may lead to very serious consequences. The act cannot, perhaps, be brought within the scope of the Monroe doctrine, unless our administration proposes to still further demonstrate the elasticity of this doctrine. The Germans, it appears, did not attempt to occupy Brazilian territory,

but the act was in the highest degree offensive and has resulted in great irritation.

45. *Petaluma Daily Courier*, 21 de dezembro e *The Living Truth*, 22 de dezembro

Não é primeira vez que o Panther assinala a sua presença no continente americano, sublinha o quotidiano californiano que cita os acontecimentos na guerra civil haitiana de 1902 e na Venezuela em 1902-1903. Neste caso, os oficiais prussianos vão receber uma reprimenda oficial e «as congratulações em privado», ironiza o articulista que considera estes episódios como «balões de ensaio para testar a doutrina Monroe», «um espinho na carne dos alemães». Um dia, isso vai provocar uma guerra entre Berlim e Washington, adverte o jornalista de Petaluma que realça a importância para o seu país de ter uma «marinha forte».

The incident of the kidnapping of the German Steinhoff from Itajaí, Brazil is not yet closed. It will be closed in the course of time through the ordinary diplomatic channels and there is no need to get excited over the prospect of a war between Brazil and Germany. In all probability the German commander of the *Panther* will be publicly reprimanded and privately congratulated very much as was the case with our own Admiral Coghlan¹²⁰ and the famous “Hoch der Kaiser¹²¹” episode. But the Steinhoff affair is worth pondering. On the face of it, the trouble and the affront is between Germany and Brazil. But in reality the

¹²⁰ Trata-se do almirante Joseph Coghlan (1844-1908) que, a 21 de abril de 1899, de regresso de Manila num banquete recitou uma canção de escárnio contra o imperador alemão.

incident concerns Brazil less than it does the United States. It was just another of the feelers that Germany is (constantly)¹²² putting out with regard to the Monroe doctrine. That doctrine is a thorn in the German flesh. Some day it may lead to an open clash between this country and Germany, though that day we may hope is far distant. Still the great European power never loses an opportunity of flouting the American protectorate over South America and sailing as close to the wind as possible. The commander of the *Panther* has been particularly active in this regard for several years. It was the *Panther* which twice “buted in” anent Haitian affairs. The *Panther* was the first and foremost of the German warships in the Venezuelan trouble, and now she has seized the chance to carry things with a high hand in Brazil. It was not that Germany wanted to see what Brazil would do about it. She just wanted to take a fresh fall out of the United States. The incident had scarcely gotten into print when Baron Speck von Sternberg called at the State Department, ostensibly to talk over Samoan affairs with Secretary Root.

The Brazilian affair was, of course, incidentally mentioned and the State Department happened to have a head that had (no)¹²³ reticence about telling the German ambassador just what this country thought about the violation of Brazilian rights. The chances are that Steinhoff will be given up and amends made by Germany without further question. But the incident shows how the wind blows and shows that President Roosevelt’s idea about right as to our

¹²² Este advérbio foi acrescentado no *The Living Truth*.

¹²³ No *Petaluma Daily Courier*, não tem esta negação.

maintaining a strong navy if we want to retain our moral ascendancy in South America.

46. « Another *Panther* Raid. », *The Goldsboro Weekly Argus*,
21 de dezembro

Depois da Venezuela, a Panther repetiu a mesma façanha no Brasil, afirma o jornal da Carolina do Norte que censura a arrogância dos alemães quando usam a farda.

The same *Panther* that made herself so conspicuous and obnoxious in Venezuela a few years ago, bobs up serenely in a Brazilian port, as full of mistakes and bull-headedness as before. The German in uniform does not seem to be a pleasant individual. He is apt to be arrogant and obstreperous. It will be remembered that one got in Dewey's way at Manila bay, and he found him so firm that he withdrew from the line of firing, and the German government later apologized for his action, thus closing the incident.

The latest incident arose over the action of the *Panther* in sending a party ashore in a Brazilian port to arrest one Steinhoffer, a German, who, they claimed, had deserted from the German navy. Instead of asking the police authorities to arrest the alleged deserter, the *Panther* put men ashore and actually carried away to that ship the German in question. Its action was irregular and offensive, and the subject will be discussed diplomatically, and no doubt due reparation will be made, and another incident will then be closed. At

present three Brazilian warships are preventing the *Panther* from leaving Brazilian waters with her prisoner.

47. *The Nebraska State Journal*, 22 de dezembro

As desculpas apresentadas ao Brasil pelo governo de Berlim afastam por enquanto os receios de um conflito com a Alemanha.

Kaiser Wilhelm has apologized to Brazil, and we may now breathe freely again. Some weeks ago a landing party from the German gunboat *Panther* found on shore in Brazil a young German, who they claimed was subject to German military service, and they packed him off to their ship without ado. Such an act is diplomatically considered a high-handed violation of the sovereignty of the nation from whose soil the kidnaped person is taken, and Brazil at once demanded an apology. Little would have been thought of the incident had any other nation than Germany been involved. The Kaiser is rather looked upon as a gentleman going about with a chip on his shoulder, spoiling for a fight, and he is supposed to be especially desirous of putting our Monroe doctrine to a practical test. Not long ago he made a South American government a cash offer for a island in the Caribbean, as if to see whether we would really go to serious lengths to enforce the rule against the acquisition of American territory by a European nation. So it was feared that the Kaiser might take advantage of the *Panther* incident to stir up a muss with Brazil and

perhaps involve Uncle Sam. These doubts and fears are apparently set at rest by a disavowal of the *Panther's* act by the German government.

Três notas irónicas

Let us hope the *Panther* incident in Brazil may not put another strain on the Monroe doctrine

(*The Philadelphia Inquirer*, 11 de dezembro de 1905,)

Germany should know the present administration better than to use a Panther in testing the Monroe doctrine.

(*The Chicago Daily Tribune*, 12 de dezembro de 1905)

The Kaiser sending an apology to Brazil for the misbehavior of the officers and sailors of the *Panther* appears to excellent advantage.

(*The Boston Daily Globe*, 21 de dezembro de 1905)

III. Periódicos citados

Periódicos europeus:

Illustration, L' (Paris)

Indépendance Belge, L' (Bruxelas)

Journal de Genève

Journal des Débats (Paris)

Jura, Le (Delemont, Suíça)

Liberté, La (Paris)

Manchester Guardian, The

Newcastle Daily Chronicle, The

Sevenoaks Chronicle and Kintish Advertiser, (Sevenoaks, Kent, Inglaterra)

Times, The (Londres)

Western Daily Press, The (Bristol)

Western Times, The (Exeter, Devon)

Periódicos norte-americanos:

Altoona Times, The (Altoona, Pensilvânia)

Bamberg Herald, The (Bamberg, Carolina do Sul)

Belleville News-Democrat, The (Belleville, Illinois)

Berkshire Eagle, The (Pittsfield, Massachusetts)

Boston Globe, The (Boston, Massachusetts)
Buffalo Morning Express, The (Buffalo, New York)
Chicago Tribune (Chicago, Illinois)
Daily Times, The (Davenport, Iowa)
Evening Star, The (Washington D.C.)
Goldsboro Weekly Argus, (Goldsboro, Carolina do Norte)
Houston Post, The (Houston, Texas)
Living Truth, The (Greenville, Alabama)
Morning Call, The (Paterson, New Jersey)
Nebraska State Journal, The (Lincoln, Nebraska)
Nashville Banner, (Nashville, Tennessee)
New York Times, The
Petaluma Daily Courier, The (Pataluma, Califórnia)
Philadelphia Inquirer, The (Filadélfia, Pensilvânia)
Pittsburg Post, The (Pittsburg, Pensilvânia)
Spokane Chronicle (Spokane, Washington)
Sun, The (Baltimore, Maryland)
Times Democrats, The (Nova Orleães, Luisiana)
Washington Post (Washington D.C.)
Waterbury Evening Democrat, The (Waterbury, Connecticut)
Wilmington Messenger, The (Wilmington, Carolina do Norte)

RESUMO EM FRANCÊS

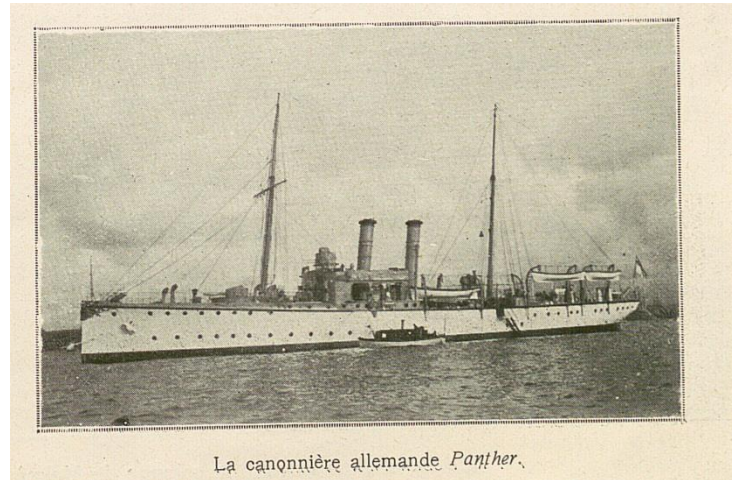


Fig. Photographie publiée par *L'Illustration* du 11 juillet 1907, dix jours après l'entrée du navire allemand dans le port d'Agadir.

En novembre 1905, le navire allemand *Panther* entre dans le port de Itajaí, dans l'État de Santa Catarina. Le 27, violant les lois internationales, le commandant de la canonnière, le comte Saurma Jeltsch, ordonne à des officiers et à des marins allemands de débarquer, habillés en civil, à la recherche d'un prétendu déserteur. Ils commettent des actes de violence et finissent par arrêter, sans aucune raison apparente, un autre allemand, un certain Steinhoff.

Cet épisode provoque une très forte réaction de la presse brésilienne et de ses autorités politiques, qui enjoignent l'équipage à rendre immédiatement le prisonnier. Deux navires brésiliens veulent arraisonner la *Panther* près de Rio

Grande pour obtenir sa libération et exiger des explications, mais le navire allemand a déjà quitté le Brésil en direction de l'Uruguay¹²⁴.

Guillaume II reçoit le rapport du comte de Saurma le 17 décembre et en conclut que les hommes de la canonnière ont largement dépassé leurs prérogatives. Les journaux publient un communiqué avec des excuses officielles le 19. Au début de 1906, le ministre allemand au Brésil réitère les vœux d'amitiés entre les deux pays, affirmant que les responsables seront jugés par un tribunal militaire. Quelques semaines plus tard, le commandant du navire sera relevé de ses fonctions. La fermeté des autorités brésiliennes sort gagnante de cette crise diplomatique.

La *Panther*, canonnière mesurant 67 mètres de longueur et mise en service en mars 1902, n'en est pas à son ballon d'essai. En effet, à l'automne 1902, elle avait été envoyée à Haïti pour secourir un navire à vapeur allemand capturé par un bateau rebelle et transportant une cargaison d'armes pour le gouvernement haïtien. Arrivée sur place, elle bombarde ce navire rebelle et le coule. La même année, elle rejoint le Venezuela en conflit avec Londres et Berlin, et est rattachée au contingent allemand de croiseurs. Le 4 janvier 1903, la *Panther* bombarde un fort près de Maracaibo.

Rappelons enfin que ce sera le même navire qui, le 1^{er} juillet 1911, entrera dans le port marocain d'Agadir, provoquant une très vive tension entre Paris et Berlin. Même si elle ne causera pas immédiatement un conflit mondial, cette

¹²⁴ On retrouve des traces de Steinhoff, déjà libre, en Argentine.

crise de l'été 1911 sera le déclencheur de toute une série d'actions belliqueuses des petites et moyennes puissances qui conduiront, trois ans plus tard, le Vieux Continent à la Première guerre mondiale.

* * * * *

Cet ouvrage est divisé en deux parties. Dans la première, Francisco das Neves Alves analyse comment les trois principaux journaux de la ville de Rio Grande relatent cet épisode avec des dépêches, des analyses, des revues de presse et des caricatures. Le choix de ces périodiques se justifie par le fait que, après avoir quitté l'État de Santa Catarina, c'est vers ce port que se dirige la canonnière. La lecture de ces trois quotidiens permet notamment de constater que, suite aux nouvelles rapportant l'attitude «indélicate et grossière» des marins allemands à Itajaí, les festivités prévues par la forte colonie allemande qui réside au Rio Grande do Sul ont dû être annulées.

Le *Diario do Rio Grande*, fondé en 1848, est un journal qui privilégie l'information au commentaire. Neutre politiquement, il publie toute une série de nouvelles sur ce «fait révoltant» dès le 9 décembre. Des centaines de personnes se déplacent même au siège du quotidien pour lire les télégrammes. Le plus ancien journal de la ville condamne ce fait lamentable. Par la reproduction de dépêches, d'analyses de journaux brésiliens et étrangers et de brefs commentaires de la rédaction, il met en évidence l'affront essuyé par le Brésil. Par ailleurs, cette offense à la dignité nationale brésilienne à Itajaí a reçu une condamnation presque unanime dans le pays et ailleurs dans le monde. Toutefois, fidèle à sa ligne éditoriale, le quotidien demande, aussi bien à la

colonie allemande qu'à la population locale, une réaction basée sur le patriotisme, le bon sens et l'honneur, pour éviter tous les excès.

Au début du XX^e siècle, l'*Eco do Sul*, qui commence à circuler dans la ville dès 1858, est un organe d'opposition au gouvernement de l'État du Rio Grande do Sul. Il donne les premières nouvelles au sujet de cette affaire dans la section des télégrammes, «Serviço especial do *Eco do Sul*», dès le 9 décembre, et le public se présente également nombreux devant la rédaction pour obtenir les dernières informations. Comme le *Diário do Rio Grande*, l'*Eco do Sul* maintient une position modérée face à cette situation en insérant, à l'instar de ses collègues, les dépêches provenant d'autres villes brésiliennes, d'Amérique du Sud, des Etats-Unis et d'Europe. Le plus souvent, il transcrit les points de vue d'autres périodiques brésiliens.

On peut toutefois signaler deux articles très ironiques des 13 et 17 janvier 1906. La conclusion du premier donne une idée de l'état d'esprit du journaliste et du ton du commentaire: «Il nous reste cette consolation: le Kaiser n'a pas encore l'intention de décorer le commandant de la *Panther*. Nous le remercions de sa gentillesse». Mentionnons enfin une note publiée le 18 janvier dans lequel l'*Eco do Sul* constate sarcastiquement qu'il a fallu beaucoup trop de temps – environ six semaines – pour mettre un point final à cette affaire.

Des trois périodiques de la ville de Rio Grande étudiés ici, l'*Artista*, fondé en 1862, il est celui qui tient les propos les plus durs au sujet de cette «offense insolite et brutale à la souveraineté brésilienne». Il proteste avec véhémence contre l'«irritante provocation» lancée ostensiblement contre les sentiments

patriotiques brésiliens et censure la presse allemande qui cherche à nier cette «inqualifiable insulte au Brésil».

Mais ce quotidien qui a, entre autres initiatives, mis sur pied des débats avec des citoyens allemands habitant au Rio Grande do Sul, ne se limite pas à exposer sa fibre patriotique au travers de ses éditoriaux. À cette époque, le journal commence à faire paraître des caricatures en première page. Il en consacre 50 à cette crise. Elles sont toutes insérées dans ce volume et à guise d'exemple, nous avons choisi d'en commenter deux.

Dans la Figure 2, le «Zé Povo» (qui représente l'homme du peuple) donne au ministre des Affaires étrangères, le Baron de Rio Branco, des ciseaux pour couper les ailes de l'aigle allemand, «qui est un très grand oiseau». Dans la Figure 49, intitulée «En dormant sur ses lauriers» le «Brasil», représenté par un Indigène, peut à nouveau se reposer sur son hamac, en laissant arc et flèches par terre, tandis que la Panthère s'éloigne avec précaution. La légende dit : «Je peux retourner dans mon hamac et dormir sous les lauriers de la victoire : la Panthère a regagné la forêt par ordre de Guillaume. Celui-ci a constaté qu'il vaut mieux éviter un choc frontal qui ne mène à rien de bon. De toute façon, je vais fermer seulement un œil : l'autre restera ouvert pour qu'on ne me surprenne pas en train de dormir.»

* * * * *

Dans le deuxième chapitre, Reto Monico reproduit les articles publiés par la presse européenne et nord-américaine. En Europe, cette affaire germano-

brésilienne suscite un intérêt très mitigé de la part des journalistes. En Italie et en Espagne, on ne trouve que de très courts entrefilets dans les pages intérieures ; en Autriche, les principaux quotidiens ne reproduisent que des extraits d'articles publiés par leurs collègues allemands. Ce qui peut surprendre, c'est le manque total d'intérêt des périodiques portugais. En effet, aucun des six quotidiens que nous avons consultés n'y consacre le moindre commentaire et un seul insère une toute petite notice en première page. Les autres ne lui accordent que deux ou trois lignes, mais jamais à la une. Autrement dit, à l'époque des très grands formats, le lecteur devait être particulièrement attentif pour trouver ces petites dépêches.

En Grande-Bretagne, *The Times* publie de longs télégrammes de ses correspondants à Washington, Berlin et Paris ainsi qu'une dépêche de Rio de Janeiro, mais aucune analyse de la rédaction londonienne. Pour sa part, *The Manchester Guardian* fait un résumé des faits le 13 décembre. Les seuls commentaires que nous avons trouvés proviennent de journaux régionaux : o *Sevenoaks Chronicle and Kintish Advertiser* dénonce «un incroyable acte d'agression de la part de la canonnière allemande» ; *The Newcastle Daily Chronicle* met en valeur «le courage et la détermination avec lesquels le gouvernement brésilien a affronté l'Allemagne, en revendiquant les droits et la dignité de la République» ; *The Newcastle Daily Chronicle* met en valeur «le courage et la détermination avec lesquels le gouvernement brésilien a affronté l'Allemagne, en revendiquant les droits et la dignité de la République» ; pour sa

part, *The Western Times* trouve que l'état d'excitation des sentiments au Brésil est tel qu'il ne va pas faciliter le règlement de cette affaire.

Dans la presse francophone, le *Journal des Débats* se limite, à l'instar du *Journal de Genève*, à publier des résumés et des nouvelles provenant de la capitale brésilienne, depuis Washington. Il traduit également les propos d'un journal d'outre-Rhin. À Bruxelles, la rédaction de *L'Indépendance Belge* écrit un commentaire qui donne les deux versions des faits, en soulignant que cet incident pourrait avoir des conséquences sur la colonisation allemande au sud du Brésil.

La Liberté fait une longue analyse de la situation. Le journal parisien se demande s'il s'agit d'un acte brutal «dont se rendent souvent coupables les subalternes allemands trop zélés» ou, au contraire, du premier pas d'un projet dont le but serait «la mainmise sur la République sud-américaine, qu'il considère comme la plus importante colonie allemande de demain.» Il fait ensuite un historique de l'émigration allemande au Brésil, en mettant en évidence la force, la cohésion de cette communauté qui joue un rôle de plus en plus important dans le pays.

Le danger, d'après ce journal catholique, provient des éléments les plus extrémistes, les pangermanistes, qui souhaiteraient former une véritable colonie allemande au Rio Grande do Sul. Cependant, les Américains et une partie des Brésiliens commencent à prendre conscience de cette menace,

symbolisée par ces propos du poète Arndt: «Partout où résonne la langue allemande, là est la patrie de l'Allemand !»

Signalons également le bref commentaire du quotidien de Delémont, *Le Jura*. Comme en Angleterre, c'est également un journal régional qui tient les propos les plus percutants sur cette affaire, la grande presse européenne se limitant à expliquer les faits,:

Tandis que les pacifistes se bercent de douces illusions sur l'avènement futur du règne de la paix universelle, les Allemands, toujours bardés de fer et qui pour jouir sûrement de la paix, sont constamment prêts à mettre flamberge au vent, les sujets de Guillaume II, marins de la canonnière *Panther*, viennent de créer un incident entre leurs pays et le Brésil.

* * * * *

Les journalistes états-uniens consacrent davantage d'éditoriaux à cet incident germano-brésilien. L'écrasante majorité d'entre eux dénonce sans ambages l'attitude de la canonnière allemande, la violation des lois internationales et estime que le Brésil est en droit de réclamer des excuses. Même si certains mentionnent une violation de la Doctrine Monroe, presque tous envisagent une fin rapide de la crise qui passera par une inévitable et ferme désapprobation des actes de la *Panther* de la part de Berlin.

Un certain nombre d'analystes évoquent les incidents antérieurs provoqués par les navires allemands, notamment durant la guerre aux Philippines de 1898. Le *Washington Post* du 11 décembre estime que la *Panther*,

«chat sauvage dans les ports d'Amérique latine», a été à la hauteur de sa réputation. Le lendemain, *The New York Times* attaque vivement cette violation des lois internationales, ce «pur enlèvement», en ajoutant que ce n'est pas la première fois que cette canonnière sème la confusion dans les eaux du continent américain, initiative félicitée, à l'époque, «par une dépêche de l'empereur allemand : "Bien joué *Panther*"». Pour sa part, le *Petaluma Daily Courier* du 12 décembre, rappelle que la canonnière n'en est pas à sa première tentative et ironise sur les sanctions prises par Berlin à l'encontre de l'équipage: les officiers seront grondés en public, mais félicités derrière les rideaux.

Ceux-ci essuient logiquement une volée de bois vert : Le 11, *The Times Democrats* parle de leur truculence ; *The Berkshire Eagle* du 15 fustige leur mépris pour les petites nations ; six jours plus tard, *The Goldsboro Weekly Argus* dénonce leur arrogance, surtout lorsqu'ils portent l'uniforme.

Même si certains observateurs, comme *The Waterbury Evening Democrat* du 19 décembre ou *The Belleville News-Democrat* deux jours plus tard, estiment qu'il s'agit d'un acte irritant mais insuffisant pour mettre en pratique la Doctrine Monroe, d'autres prennent en compte l'hypothèse que Berlin avait ourdi tout ce qui est arrivé dans le port de Itajaí.

Ce sont des actes qui font partie d'une politique cohérente du gouvernement allemand, écrit le *Evening Star* le 11 : «Cela est représentatif des méthodes impériales [de l'Allemagne] dans le monde.» À la même date, *The Daily Times*, écrit qu'il s'agit d'une violation de la Doctrine Monroe et *The Washington Post* relève que ce n'est pas une petite crise, mais bien un défi lancé

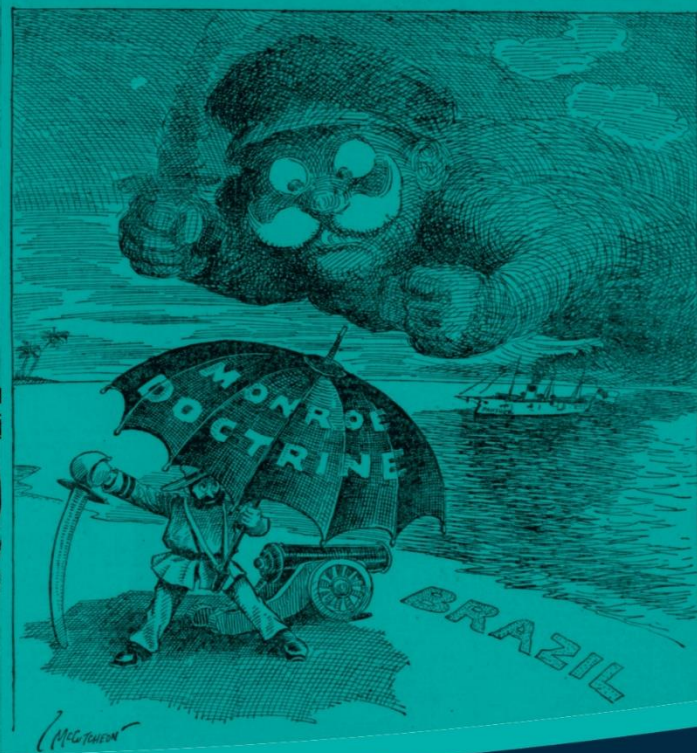
par Berlin. Le lendemain, *The Wilmington Messenger* signale que cette préméditation a un but: créer une grande et prospère république sud-américaine. Si cela devait s'avérer exact, les Américains devraient intervenir. Dix jours plus tard, *The Living Truth* soutient également la thèse d'un acte préparé par le gouvernement impérial, «un ballon d'essai pour tester la Doctrine Monroe», qu'il considère comme «une épine dans le pied des Allemands». Il ajoute : « Un jour, cela pourra conduire à un affrontement ouvert entre ce pays et l'Allemagne, bien que l'on puisse espérer qu'il soit très éloigné ».

Relevons enfin deux voix discordantes. Selon *The Houston Post* du 16 décembre, les Anglais ont propagé la nouvelle d'un conflit américano-allemand pour renforcer les liens entre Washington et Londres. Ce sont donc des intrigues anglaises qui sont la source de ces bruits totalement infondés. Le quotidien texan accuse aussi ceux qui veulent utiliser cette affaire aux États-Unis pour faire pression sur le Congrès afin de construire une grande flotte.

Le 16 décembre, *The Altoona Times* invite ses confrères à une certaine modération et à plus de discernement lorsqu'ils portent des jugements. On ne peut pas accuser l'empereur allemand d'avoir voulu tester la Doctrine Monroe, affirme le journaliste du quotidien de Pennsylvanie, qui en arrive presque à justifier le commandant de la canonnière. Celui-ci, aux dires de cet éditorialiste, a voulu rester fidèle aux valeurs patriotiques. Il a aussi agi de la sorte, sachant que s'il avait demandé une autorisation aux autorités brésiliennes, il aurait dû attendre bien longtemps !



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção
Documentos
62

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-89557-49-4